

MDB não acaba mais: Montoro revela o pacto de Brasília

FUNDO CEMAP
FA 12/16

P. 11

AQUÍ

FA
CEMAP - MEMOROTECIA
CLASS. *Deposito F. Acervo*

Diretor Editorial: Samuel Wainer
22 a 28 de julho de 1976 - Ano I - Nº 36 - Cr\$ 5,00 **SÃO PAULO**

GILBERTO GIL



DEPOIMENTO EXCLUSIVO

P. 20

O LEITOR

Cartas para esta seção:
R. 7 de Abril, 264 — 8º andar — Salas 817/8 - CEP 0'043

Dentistas mineiros denunciam dentifrício Fluor Gard e colegas cariocas (corrupção e desrespeito à classe)

Sr.

Sou dentista, infelizmente por uma questão de ética, não posso revelar minha identidade. Todavia, essa mesma ética me obriga a enviar a V. Sa. uma xerox do boletim informativo da Associação Brasileira de Odontologia—Seção de Minas Gerais, no qual um editorial de relevada importância é transcrito pelo presidente daquela entidade.

O assunto por si só explicado no editorial, nada mais é do que um veemente protesto de toda a classe odontológica contra a usurpação do nome de uma entidade para favorecer uma propaganda comercial.

Acredito que a publicação desta "tomada de posição" no seu prestigioso jornal, servirá para conchamar toda a nossa classe e receber o apoio popular contra os maus industriais e os maus profissionais.

J.T.S.

O PROTESTO CONTRA A COLGATE-PALMOLIVE

Transcrevemos a seguir na íntegra o editorial enviado pelo leitor, editorial cujo título é "Tomada de Posição":

A Presidência da egrégia Câmara Municipal de Belo Horizonte acaba de enviar a esta Seção da ABO-MG (Associação Brasileira de Odontologia, seção Minas Gerais) uma cópia da Representação do ilustre vereador Augusto Cardoso, aprovada por aquela casa, solicitando que a ABO-MG, Associação Médica e Conselho Regional de Medicina, deste Estado, tomem as necessárias providências junto às autoridades competentes no sentido de que seja proibida, de uma vez por todas, a propaganda de medicamentos através de Televisão, Rádio e Jornal.

Não resta qualquer dúvida de que a Representação do eminente vereador à Câmara de Belo Horizonte é mais que oportuna, à vista da indiscriminada publicidade existente, nos dias atuais, de medicamentos através da imprensa não especializada, escrita, falada e televisada.

No caso específico da odontologia, devemos acentuar que, após o malsinado fato ocorrido com o dentifrício Fluor Gard, do conhecimento de todos, urge uma providência enérgica para impedir abusos da mesma natureza.

Desde que assumimos a presidência desta Seção da ABO-MG, era nossa intenção promover, de imediato, uma campanha contra a propaganda do dentifrício Fluor Gard, da firma Colgate-Palmolive. Todavia, levando-se em conta que àquela época o Processo Ético instaurado para apurar a responsabilidade da então Diretoria da Associação Brasileira de Odontologia—Seção Guanabara encontrava-se em fase de Recurso no Conselho Federal de Odontologia, achamos conveniente aguardar o seu resultado, a fim de iniciarmos nossa campanha.

À vista da conclusão do mencionado Processo Ético foram os diretores da Associação Brasileira de Odontologia—Seção Guanabara, punidos com Censura Pública, tendo o Conselho Federal de Odontologia cassado o Registro da referida Seção naquele órgão enquanto durar a propaganda do Fluor Gard.

A Colgate-Palmolive, diga-se de passagem, no IV Congresso Mineiro de Odontologia, realizado no mês de setembro de 1975, apesar de sua pressão, não conseguiu instalar um stand, em virtude da proibição da Comissão Organizadora do Congresso, considerando-se os termos da propaganda do Fluor Gard.

A referida propaganda, feita através da televisão, esteve retirada do âmbito deste Estado desde a data do Congresso, tendo retornado aos vídeos no mês de janeiro do corrente.

O que se nota, nos dias atuais, é a preocupação de o produtor impingir ao ouvinte, ao leitor e ao telespectador, um determinado produto, sem se preocupar com os seus benefícios terapêuticos, visando tão somente a sua vendagem, motivo pelo qual as autoridades competentes deverão tomar as medidas cabíveis, para impedir que o povo continue sendo ludibriado.

Por outro lado, constata-se a existência de uma verdadeira guerra entre os fabricantes de certos medicamentos, cada um anunciando milagrosos ingredientes em suas secretas fórmulas, quase sempre sem a devida comprovação científica, pelos menos aqui no Brasil onde, ao que parece, não existe órgão específico para esclarecer o público consumidor sobre as anunciadas qualidades terapêuticas do produto.

É por isso que nesta oportunidade lançamos nosso veemente protesto contra a propaganda do dentifrício Fluor Gard e contra a Associação Brasileira de Odontologia—Seção Guanabara, a qual aceitou vultosa importância em dinheiro, em forma de doação—fato de conhecimento público e devidamente comprovado motivo pelo qual aprovou um produto sem promover a sua comprovação científica, mesmo porque aquela Seção da ABO, ou qualquer outra, a nosso ver, não tem a necessária competência para conceder tal aprovação.

Não pretendemos discutir e muito menos combater as anunciadas qualidades terapêuticas do dentifrício Fluor Gard, apesar de o mesmo, pelo que sabemos, somente foi aprovado cientificamente por órgãos estrangeiros, como o foram também outros dentifrícios hoje no mercado brasileiro, mas sim repudiar os termos da sua propaganda, feita através da televisão, protegida pela indevida aprovação de uma entidade de nossa Classe.

É preciso que se dê um maior realce à Representação do ilustre vereador Augusto Cardoso, isto porque a propaganda de medicamentos através de veículos de informação não especializados atinge proporções desalentadoras e cada vez mais a coletividade está sendo enganada pela força do induzimento ao uso de produtos anunciados a todo momento na televisão, rádio e jornal, os quais somente pela força publicitária conseguem atingir com êxito o mercado consumidor.

Há de ser encontrado um meio, a fim de que a propaganda de medicamentos somente atinja aqueles responsáveis pelo receituário e indicação dos mesmos,

com a observação de que os produtos realmente bons, na sua esmagadora maioria, não são propagados através de Rádio, Jornal e Televisão, mas sim diretamente junto aos médicos e cirurgiões-dentistas.

Aplaudimos e endossamos os termos da Representação do Ilustre vereador Augusto Cardoso e justamente destas Minas Gerais, palco de memoráveis feitos que até hoje ecoam por todo o Brasil, é que através da ABO-MG, parte mais um grito de CHEGA, porquanto tal estado de coisas deverá ter um imediato paradeiro, sob pena de dentro de pouco tempo, caso enérgicas providências não sejam tomadas, a calamitosa situação dos anúncios de medicamentos pela Televisão, Rádio e Jornal tornar-se-á incontrolável, com sérios e irremediáveis prejuízos para a população.

O nosso grito de repulsa contra a propaganda do Fluor Gard, que a Colgate-Palmolive insiste em manter na Televisão, num acintoso desrespeito à Classe Odontológica brasileira, deverá, temos certeza, ser ouvido por todas as Seções e Subseções da ABO; pelos Sindicatos dos CD's; pela ABO Nacional; pela Federação e Conselho Federal de Odontologia.

A união da classe odontológica, conforme preconizamos no último boletim da ABO-MG, está na hora de ser concretizada, com a tomada de posição de todos nós, cirurgiões-dentistas, em defesa de nossos legítimos interesses.

Não é possível que a nossa profissão continue sendo, impunemente, aviltada por empresas que colocam seus interesses financeiros acima de tudo, visando tão-somente seus objetivos comerciais.

A Classe Odontológica, na atual conjuntura, não poderá cruzar os braços, mas sim marchar unida e cônica de sua responsabilidade perante a população brasileira, e mais que nunca disposta a conservar o excelente conceito que adquiriu junto à comunidade, mercê de abnegado trabalho e ingentes sacrifícios por parte dos cirurgiões-dentistas, atalhas diuturnas da saúde Oral do povo deste país que, sob qualquer sombra de dúvida, CAMINHA PARA A FRENTE!

prof. dr. Airtton Costa
presidente

Um malho em Zé Betio

Sr:

Ao ver tanta gente "desabafar" através das páginas do nosso Aqui, tomei coragem e resolvi também formular a presente para solicitar um "malho" (como diz meu filho) nesse sujeito chamado Zé Bétio, que usa as potentes ondas da Rádio Record para semear a maior "contra-cultura" deste país..

Senhores, não podemos permitir que um "radialista" desse quilate faça uso de um microfone para dizer tantas asneiras. Não podemos crer que a Censura tenha autorizado esse apedeuta a falar num microfone e, ainda, por tão longo tempo. Queremos crer que o sr. Ministro da Educação tomará agora conhecimento desse lamentável programa radiofônico.

Diogenes Campos Motta
Capital

PASTA MOVEL
E SUSPENSAS



M. KOGAN & CIA. LTDA.
Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/817-18-19
Fones: 34-0218/34-2813 - SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS



Por estes dias você estará recebendo, junto com a Notificação do Imposto de Renda, o seu CCA - Certificado de Compra de Ações, aquele papel que todo mundo conhece por 157.

Este 157 é a parte do Imposto de Renda que o Governo está devolvendo a você.

Ele vale dinheiro e você não gasta nada para fazer a aplicação.

Basta ir a qualquer agência Bradesco e aplicá-lo no Fundo Bradesco 157.

SEJA SÓCIO DO BRASIL. APLIQUE NO FUNDO BRADESCO 157.

O dinheiro que você aplica no Fundo Bradesco é investido em ações e títulos das empresas que contribuem para o crescimento do comércio e indústria do Brasil.

Portanto, aplicando no Fundo Bradesco 157 você está participando do desenvolvimento do próprio Brasil. Isto é, você fica sócio do progresso do Brasil.

Aplicar no Fundo Bradesco 157 é rápido e fácil.

Seja sócio do Brasil. É só falar com a moça.



BRADESCO

garantia de bons serviços



A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

Uma pestezinha bubônica? Ora, deixa isso pra lá, é mais bonito fazer comparações

Se a moda de comparar pega, dr. Olavo, daqui a pouco vai ter algum auxiliar do senhor comparando determinados pontos de São Paulo com o próprio Inferno. O sr. é que veio primeiro com a comparação — feliz — de Suíças e Biafrás lado a lado na cidade. Agora, é o seu Secretário da Higiene e Saúde que se sai com esta:

— “Eu apenas falei que em algumas áreas da periferia as condições de vida da população não estão longe daquelas verificadas no Vietnã”

“Apenas”, diz o Secretário Fernando de Proença Gouveia, e evidentemente se referia ao Vietnã na época da guerra.

Mas, dr. Olavo, essa introdução fala propositalmente em seu Secretário da Higiene e Saúde porque a bola está com ele esta semana. Uma semana em que a população recebe mais uma sensacional notícia a respeito da cidade que o sr. administra — a da suposta ameaça de um surto de peste bubônica ou raiva (esta uma hipótese mais “branda”) a partir da proliferação dos seus ratos.

É claro, já aprendendo a conviver tranquilamente com um número recorde de inversões térmicas, já adaptado ao monóxido de carbono que lhe perfuma o ar e fortalece as vias respiratórias, já completamente despreocupado em relação à manigite de outros invernos, o paulistano com certeza está psicologicamente preparado para qualquer tipo de má notícia. Afinal, já disse algum gozador, nós estamos criando neste imenso laboratório às margens do Tietê um novo ser — o ente do futuro, o embrião de uma nova raça, possuidor de um organismo que jogará por terra as teorias biológicas mais ousadas. Seremos todos **Cyborgs**.

Mas, voltando aos ratos, vamos ao pedido que seu inefável Secretário da Higiene faz à população: para evitar que o rato chegue à sua casa, acondicionar bem o lixo, não jogá-lo em terrenos baldios, tapar os buracos de comunicação com a rua e guardar os alimentos fora de alcance dos bichos. Ora,

sabe-se muito bem que o que engorda rato mesmo, dá casamento e traz à luz milhões de ratinhos por ano é apenas um dos quatro itens citados pelo Secretário — o lixo acumulado nos terrenos baldios. Então, pergunta-se: Quem é que deve cuidar dos terrenos baldios? E responde-se: Os proprietários desses terrenos.

Vamos abrir um parentese e apanhar a Folha de S. Paulo de qualquer dia da semana, e olhar a seção do jornal chamada A Cidade é sua. Ali, uma enorme lista de reclamações de paulistanos dos mais variados pontos da cidade serve de colaboração às autoridades sanitárias — aponta-se o nome da rua e o número onde se localizam terrenos baldios que servem de depósito de lixo e conseqüentemente de maternidade, berçário e refeitório de ratos. É Vila Formosa, Vila Prudente, Ipiranga, Mooca, Agua Rasa, Pari etc., bairros distantes e próximos do centro da cidade, e reclamações já publicadas pela segunda vez, que já saíram naquela mesma seção do jornal há meses.

Fecha-se o parentese e faz-se outra pergunta quanto aos terrenos baldios: Quem deve obrigar os seus proprietários a cuidarem de levantar o muro obrigatório? Quem deve multá-los por não atenderem a lei? E, por fim, quem deve tratar de limpar esses terrenos se os proprietários não o fazem?

É claro, dr. Olavo, paulistano vai acabar tirando de letra essa pestezinha bubônica, se ela tentar pegá-lo. Afinal, super-homem é para essas coisas. Mas, de qualquer forma, será que não seria mais proveitosos e civilizado, se de fato a população corre alguma espécie de risco em relação a uma peste, o sr. ir à televisão diariamente e fazer, no intervalo das novelas, um apelo-advertência primeiro aos proprietários de terrenos baldios, depois a nós outros, procurando sensibilizar a cidade para mais esse perigo? Ou vamos inventar mais uma bombástica comparação para a próxima ameaça?

Interino

SUMÁRIO

Semana de 22 a 28 de julho de 1976
Ano I — Nº 36 — Cr\$ 5,00

Valença, Estado do Rio, ganhou esta semana as páginas dos jornais por causa de um equívoco: seu mais forte candidato a prefeito teria sido vetado por ser homossexual. Não é verdade. Ele não foi vetado. Página 18.

AQUI

O melhor programa da semana: escolha 5

Bastidores 7

Economia 8

O atual homem forte do MDB 11

O primeiro defensor do consumidor 14

Uri Geller, o desmascaramento em SP 16

Gilberto Gil, depoimento exclusivo 20

Aqui, Corinthians 28

Psicotransa 2

Cinema 29

Televisão 29

Teatro 29

Música 30

Literatura 30

Artes Plásticas 30

O Chacal 31

DIRETOR EDITORIAL — Samuel Wainer; EDITOR GERAL — Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO — Narciso Kalili; REDATOR — Mylton Severiano da Silva; REPÓRTERES — Hamilton Almeida Filho, José Trajano, Victor Cervi, João Otávio, Sergio Mello, Dacio Nitri; FOTÓGRAFOS — George Love (editor), Amancio Chiodi, Joel Sian, Kirsten Weinchenk; ARTE — Sergio Fujiwara, Valdir Oliveira, Vanira Codato; COLUNISTAS — Ricardo Kotscho, José Carlos Bitencourt, Klaus Kleber, Zuleika Seabra Ferrari, Lourenço Diaféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewald F., Hella Schwartzkopoff, Pola Vartuk, Gilberto Mansur, Léo Gilson Ribeiro; COLABORADORES — Michel Lourenço, Woile Guimarães, Antonio Carlos de Oliveira Coutinho, Mauro Chaves, Moacir Werneck de Castro, Luciano Ornellas, Ignácio de Loyola, Enio Pesce, Malu Maia, Isabel Regis, Francisco Lucrécio Jr., Sofia Wainer (Brasília); DIRETOR COMERCIAL — Mario Heredia; PUBLICIDADE — Elizabeth S. de Castro, Daniel Tavares, Fátima Aparecida da Silva (secretária).

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil — Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264, 8º andar, salas 817/818, fones: 32-1436 e 34-0218, SP/SP. Departamento Editorial, rua 3 Rios, 275, fone: 228-8192. Brasília — Superquadra Sul, 107, Bloco C apto. 805, fone: 42-3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, rua do Cortume, 564, fones: 262-7977 e 85-8416, SP/SP. Composto e Impresso na FAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda., rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 853 7461. SP/SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

ESCOLHA AQUI

TELEVISÃO

VEJA

O PICOLINO — (Top Hat, 35) O filme mais típico da dupla Ginger Rogers-Fred Astaire, reunindo todos os elementos que formaram os dez filmes que fizeram juntos. A música é de Irving Berlin, a história apenas uma série de confusões, os cenários fantásticamente falsos, a direção de Mark Sandrich. Mas dançando eles são insuperáveis. **Quinta, às 24h, no 2.**

DANCE COMIGO — (Carefree, 38) O menos típico da dupla. O único em que Fred Astaire não é um dançarino mas um psiquiatra apaixonado pela noiva de um cliente. É Ginger Rogers que domina a fita, auxiliada também pela música de Irving Berlin. Direção do mesmo Mark Sandrich. **Sexta, às 23h, no 2.**



Fred Astaire

RACHEL, RACHEL (Rachel, Rachel, 69) Estréia de Paul Newman na direção, demonstrando que a pinta de galã não é obstáculo para o talento. Ele dirige com sensibilidade este veículo para sua mulher Joanne Woodward, o estudo da personalidade de uma solteirona de 35 anos carente de amor. Com Estelle Parsons, James Olson. **Quinta, às 24h, no 5 (COR)**

GRAND PRIX — (Grand Prix, 67) O melhor filme já feito sobre corridas de automóveis. Se não é o mais profundo pelo menos é técnico e arte perfeito. Excelentes filmagens das pistas mais famosas, com Yves Montand, James Garner, Eva Marie Saint e

Toshiro Mifune sustentando a frágil história. O diretor Frankenheimer considera este seu filme mais bem sucedido. **Sexta, às 23h, no 13 (COR)**

O GAVIÃO DO MAR — (The Sea Hawk, 40) Clássico capa-espada, o primeiro a ser produzido no novo oceano da Warner: um tanque de um milhão de galões d'água morna capaz de reproduzir ondas e tempestades. Direção de Michael Curtiz com Errol Flynn, Brenda Marshall, Claude Rains. **Sexta, às 24h, no 4.**

CIDADE NUA — (Naked City, 48) Direção de Jules Dassin. Pioneiro dos policiais semidocumentários, rodados em locações e mostrando um novo realismo nas investigações policiais. Premiado com Oscar de fotografia e montagem. Com Barry Fitzgerald, Howard Duff. **Sexta, às 2 da manhã no 5.**

MÚSICA E LÁGRIMAS — (The Glenn Miller Story, 54) Biografia do famoso "band-leader" Glenn Miller, seu casamento, a busca de seu "som", sua morte misteriosa. Tem gente que vai revê-lo só para poder ouvir mais uma vez "Moonlight Serenade". Mas há também pontos de Louis Armstrong, Francis Langford, Gene Krupa, apoiando June Allyson e James Stewart. Direção de Anthony Mann. **Sábado, a 1 da manhã no 5 (COR)**

NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS — (Stagecoach,



Louis Armstrong

39) O faroeste clássico de John Ford que estabeleceu os padrões do gênero. Os passageiros de uma diligência são ameaçados

pelos índios, num "mínidaster-movie", isto é, um bando heterogêneo enfrentando o perigo comum. Entre eles, John Wayne, Claire Trevor, Thomas Mitchell (Oscar de coadj.), Andy Devine, John Carradine. **Domingo, às 24h no 5.**

A MARGEM — Primeiro e o mais famoso filme de Ozualdo Candeias, o líder do "underground" paulista. Um poema lírico passado nas margens do Tietê onde a barca da morte vem buscar 4 personagens marginais. Com Mário Benvenuto, Lucy Rangel, Valeria Vidal e Bentinho. **De segunda a quarta às 23h no 2.**

VEJA SE QUISER

JUVENTUDE SELVAGEM — (The Young Savages, 61) Uma espécie de continuação de "Sementes de Violência", baseado no mesmo autor — Evan Hunter. John Frankenheimer dirige Lancaster mostrando sua luta contra a delinquência juvenil nos bairros pobres de Nova York. Com Shelley Winters, Dina Merrill e ponta de Telly Savalas. **Quinta, às 24h no 4.**

É PROIBIDO BEIJAR — Produção da Vera Cruz, numa tentativa frustrada de fazer comédia romântica. Tônia Carrero e Mário Sérgio formam o casal central, num enredo onde



Tônia Carrero

o ponto central é uma aposta — é proibido beijar — e o clímax uma gincana em Guarujá. **Sábado, às 14h no 5.**

EM LIBERDADE PARA MATAR — (One More Train to Robb, 71) Direção de Andrew V. McLaglen. Faroeste em tempo de comédia, medíocre mas divertido. George Peppard procura vingança do ex-sócio que o mandou para cadeia. Com Diana Muldaur, John Vernon, Françoise Nuyen. Estréia. **Sábado, às 23h no 5 (COR)**

ANJO AZUL — (Blue Angel, 59) A sueca May Britt teve a infelicidade de tentar ser uma nova Marlene Dietrich nesta refilmagem do clássico de Von Sternberg, que entrou para a lista dos filmes mais desnecessários do mundo. May Britt ficou mais famosa ao casar-se temporariamente com Sammy Davis Jr. do que como a "femme-fatale" Lola-Lola que destrói o professor Curt Jurgens. Direção de Edward Dmytryk. **Sábado, às 24h no 13 (COR)**

NO CALOR DA NOITE — (In the Heat of the Night, 67) *Dar cinco Oscars (inclusive o de filme e ator) para este filme parece um exagero só justificado pelo entusiasmo da moda da integração racial no cinema. Sidney Poitier é o detetive negro Mr Tibbs (que apareceu depois em duas aventuras sozinho) que vem ao Mississipi tentar resolver um assassinato. Com Rod Steiger, Lee Grant, dirigidos por Norman Jewinson. Sábado, às 24h no 4 (COR)*

QUANDO EXPLODEM AS PAIXÕES — (Never so Few, 59) Um episódio de guerra contra os japoneses, medíocre na realização de John Sturges, no elenco central (Frank Sinatra, Gina Lollobrigida) mas notável por ter sido o filme que revelou Steve McQueen e por trazer no elenco os futuros astros Charles Bronson e Dean Jones. **Segunda, às 24h no 13 (COR)**

A SEREIA DO MISSISSIPI — (La Sirene du Mississipi, 70) Direção de François Truffaut. Com Catherine Deneuve e Jean Paul Belmondo. Uma espécie de homenagem a Jean Renoir e Hitchcock num filme irregular, sobre um plantador de tabaco da Ilha de La Reunion que se casa por correspondência com uma americana para descobrir que ela não é quem ele pensava. Estréia. **Terça, às 23h no 13 (COR)**

CARMEN JONES — (idem, 54) *A ópera de Bizet com um elenco totalmente negro e ação transposta para a época da guerra. Uma curiosidade de Otto Preminger com títulos clássicos de Saul Bass e Dorothy Dandridge, Harry Belafonte, Diahann Carroll. Quarta, 21h no 13 (COR)*

A ROTA DA MORTE — (Dead Reckoning, 47) Woody Allen reproduziu a cena final deste filme no seu "Sonhos de um Sedutor". Bogart investiga o passado de um amigo desaparecido e descobre a mulher fatal Lisabeth Scott. Direção de John Cromwell. Exibido nos cinemas como "Confissão". **Quarta, às 23h no 13.**

DISCOS

PATRICK MORAZ — (Phonogram) Quando os integrantes do grupo inglês YES, resolveram partir para a gravação de álbuns isolados, cada um procurou os músicos com quem mais se identificava. Dois desses trabalhos



chegaram até nós, a pouco mais de um mês: o Steve Howe (guitarrista) e o de Chris Squire (contrabaixista), inundados de lugares comuns, repletos de chavões já gastos e explorados nos seis lps do grupo. Mas o suíço Patrick Moraz, descendente de italianos foi bem mais esperto. Primeiro, assessorado por Carlinhos Sion, produtor carioca - pesquisou tudo que pode sobre ritmos brasileiros: assistiu a vários candomblés, frequentou ensaios de várias escolas de samba, além de transar com percussionistas brasileiros. Depois de bem integrado no clima musical brasilei-

ro, Patrick se trancou no estúdio da Somil (8 canais) e junto com os percussionistas Paulinho Braga, Chico Batera, Risadinha, Marçal, Luna, Elizeu, Doutor, Nenem e outros, gravou a base de piano e percussão de seu disco. Em seguida se mandou para Genebra e gravou (com sinfônica e arranjos seus) loucuras que devem ter deixado os outros integrantes do YES completamente arrepiados. Recomendável.

JEFF BECK — *Blow by Blow (CBS)* Apesar do álbum chegar aqui com um



ano de atraso, ainda vale, e muito. Jeff Beck está entre os cinco maiores guitarristas do mundo, ao lado de Jimmy Page, McLaughlin, e Keith Richard. Beck se cercou de músicos americanos, escolheu duas músicas de Stevie Wonder para puxar o disco e ainda uma clássica de Lennon & McCartney, "She's a Woman". O resultado é um banho de swing. Maravilha o "Blow by Blow". Antes tarde do que nunca.



PHOEBE SNOW — *Second Childhood (CBS)* Phoebe é uma cantora negra diferente das milhares que os discos mostram todos os dias. Além de ser uma grande guitarrista e compositora, Phoebe tem um magnífico registro de voz. Ela faz um soul culto, em meio aos arranjos de Pat Williams (sensacionais) acompanhando-se ainda, em quase todas as faixas com guitarra acústica. Harmonicamente o disco é perfeito; o mesmo para as letras, arranjos e a atuação dessa cantora.

O PLANETA DOS MACACOS • MEIO-DIA



REDE GLOBO

O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

DOMINGO GENTE • 1 DA TARDE



REDE GLOBO

O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

ESCOLHA AQUI

CINEMA

ESTRÉIAS

GOYA — Uma co-produção realizada pela Rússia e Alemanha Oriental, dirigida por um alemão — Konrad Wolf. Mostra a transformação de um pintor, depois de profunda confrontação espiritual, até transformá-lo num revolucionário. Donatas Banionis, um ator lituano, interpreta Goya. Estréia 5ª feira no Cinema 1.

VEJA

OS AVENTUREIROS DE LUCKY LADY — O mesmo diretor de Cantando na Chuva, e Sete Noivas para Sete Irmãos, reuniu Liza Minelli, Gene Hackman e Burt Reynolds na época da lei-sêca, metidos com contrabando de bebidas alcoólicas. Olido, Bristol e Lumiere.

COLETÂNEA CHARLES CHAPLIN — Uma antologia de filmes feitos por Chaplin entre 1915 e 1917, quando ele trabalhava para Mack Sennett, Mutual e Essanay. Desta época estão alguns clássicos: O Imigrante e A Casa de Penhores. Iguatemi.

DRÁCULA — O filme é anunciado como sendo de Andy Warhol, mas o papa do cinema underground americano, na verdade, só participou como consultor. O diretor é outro (Paul Morrissey) e não o badalado Warhol. Mas mesmo assim e, apesar de muitos minutos cortados pela

censura, consegue ter momentos de humor, principalmente quando aparece Vittorio de Sica, em seu último trabalho no cinema como ator. Roman Polansky também é ator e dirigiu a cena em que aparece. Marabá, Paulistano e Del Rey.

UM ESTRANHO NO NINHO — O melhor filme do ano. Jack Nicholson é transferido para um hospício, onde se faz passar por louco para escapar da pena por seduzir uma menor. O diretor Milos Forman — tcheco exilado nos Estados Unidos — mostra o sistema repressivo do hospital e sua crueldade. Oscar de melhor ator (Nicholson); atriz (Louise Fletcher); melhor filme e melhor direção. Não perca. **Gazetinha.**

NASHVILLE — O filme de Robert Altman tem 161 minutos, uma porção de números musicais, mas não é um musical, apesar de falar do mundo da música country. Sátira excelente, narra a vida de 24 personagens durante cinco dias na cidade de Nashville, no Tennessee. Com Geraldine Chaplin, Karen Black, Ned Beatty, Keenan Wynn e vários atores desconhecidos. A música tema, I'm Easy, de Keith Carradine, irmão do Kung-Fu — ganhou o Oscar. **Liberty**

CORAÇÕES E MENTES — O título foi tirado de um discurso do ex-presidente dos Estados Unidos — Lyndon Johnson: "só não haverá mais guerra quando os corações e as mentes do povo vietnamita assim o desejarem". O documentário de Peter Davis, premiado com o Oscar ano passado, além de mostrar cenas filmadas debaixo de um bombardeio de napalm nos arredores de Saigon, apresenta depoimentos de ex-

combatentes de consciência pesada quando voltaram para casa. Não perca. **Arouche (studio A).**

VIDA EM FAMÍLIA — O filme, originalmente, era para a televisão, produzido pela BBC de Londres. O diretor Kenneth Loach critica a psicoterapia e mostra-se defensor da antipsiquiatria de Laing e Cooper, através da história de uma moça (Sandy Ratchiff) que enlouquece com o tratamento que recebe a base de doses fortes de calman-te. **Rio.**

LIÇÃO DE AMOR — Primeiro filme de longa metragem de Eduardo Escorel, baseado no romance Amar, Verbo Intransitivo, de Mário de Andrade, conta a história da decadência da burguesia brasileira nos anos 20. Premiado com a Coruja de Ouro da Embrafilme como o melhor filme do ano e Lilian Lemmertz como a melhor atriz. Ainda com Irene Ravache, prêmio Molière de teatro de 76. **Belas Artes.**



Jack Nicholson

TEATRO

CONCERTO Nº 1 PARA PIANO E ORQUESTRA — Regina Duarte, Dionísio de Azevedo, Madalena Nicol, Aizita Nascimento, Liana Duval, Umberto Magnani, Maria Ylma e Claudio Savietto.

O diretor é Sérgio Mamberti, e o texto de J. R. Chaves Neto. No mais novo teatro de São Paulo, o **Teatro Brigadeiro** (Brigadeiro Luiz Antonio, 884).

A RAINHA DO RÁDIO — Pela primeira vez Cleyde Yaconis interpreta um

monólogo. O texto é de Antonio Saffiotti, jornalista, seu primeiro texto encenado. Direção de Antonio Abujamra e cenários de Elifas Andreato. **Teatro Anchieta, r. Dr. Vila Nova, 245**

MUMU OU A VACA METAFÍSICA — De Marcílio de Moraes com direção de Silnei Siqueira. A peça do grupo de teatro de Santo André ganhou o prêmio do Serviço Nacional de Teatro em 74. É análise de uma família pequeno-burguesa. **Teatro Markanti, r. 14 de julho, Bela Vista.**

A MARGEM DA VIDA — Peça de nesse Williams dirigida por Flávio Rangel, mostra o drama de uma família classe média do interior dos Estados Unidos. Com um bom elenco: Beatriz Segall, Ariclé Peres, Edwin Luisi e Fernando de Almeida. **Studio São Pedro, Rua Albuquerque Lins, 171.**

PANO DE BOCA — Faz um balanço do teatro nacional dos últimos 20 anos. É uma mistura impressionante de relatos de medo, coragem, amor e busca de identidade. Texto e direção de Fauzi Arap. Cenografia de Flávio Império. **Teatro Treze de maio, r. Treze de maio.**

SHOW

MPB4 — O show "MPB4 no Safari" ficou em cartaz no Rio durante 5 meses e 90 dias em excursão pelo Brasil. Só que o espetáculo, por causa da censura, mudou de nome. Chamava-se República de Uganda. O texto é de Chico Buarque, Antonio Pedro — que é o diretor do show — e do próprio MPB4 (Rui, Aquiles, Mil-tinho e Magro). Os arranjos são do Magro, que se apresenta tocando piano elétrico e flauta. Há também a participação de Mário Negrão (terceira) e Bebeto (baixo). Bebeto é antigo integrante do Tamba Trio e um dos grandes músicos brasileiros. **No Teatro TAIB, rua 3 Rios, Bom Retiro.**

BRASIL CANTA E DANÇA — Um show de Haroldo Costa sobre a música brasileira desde o período colonial. O espetáculo foi lançado na Argentina, mas seu diretor garante que é um show para brasileiros e não para turistas. Composto de 20 quadros que incluem maxixe, maracatu, capoeira, frevo, samba, rancho e muito carnaval. Em todos os quadros estão presentes a



Ednardo

dança e o canto com as roupas típicas. **No TUCA, r. Monte Alegre, 1024.**

EDNARDO — Dirigido por Miriam Muniz — a mesma diretora de Falso Brilhante, de Elis Regina — o jovem compositor, cearense apresenta o show Pavão Mysterioso, título da música que o fez conhecido nacionalmente, depois que virou tema da novela Saramandaia. Participação da Banda do Ceará. **No Teatro Nydia Licia, av. Domingos de Moraes, 2968 (m. trô Santa Cruz).**

Caixa Econômica Federal

AVISO

TOMADA DE PREÇOS Nº 16/76

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — CEF — Filial de São Paulo, dá ciência aos interessados que se acha aberta a Tomada de Preços para contratação das obras de construção de prédio, para novas instalações da Agência de Bragança Paulista, sita à Rua Cel. Osório, nº 16/76, na cidade de Bragança Paulista, neste Estado, sob o regime de empreitada global, nas condições abaixo:

- 1 — HABILITAÇÃO PRELIMINAR — As firmas interessadas deverão habilitar-se junto à Comissão Permanente de Compras e Contratações — CPC —, desta Filial, até o dia 10 de agosto de 1976;
- 2 — DOCUMENTAÇÃO — Para habilitação é necessário que a firma comprove:
 - 2.1 — sua personalidade jurídica;
 - 2.2 — sua capacidade técnica mediante declaração que ateste o cumprimento de obrigações da mesma natureza;
 - 2.3 — sua capacidade financeira mediante elementos do Edital, inclusive que possui capital social de Cr\$ 840.000,00;
 - 2.4 — ter feito caução de Cr\$ 20.400,00, em espécie ou ORTNs.
- 3 — PROPOSTAS — As propostas das firmas habilitadas pela CPC desta Filial, serão recebidas até às 10,00 horas do dia 02 de setembro de 1976
- 4 — EDITAL E MAIORES DETALHES — Poderão ser obtidos na CPC, à Rua Flôriano Peixoto, nº 50, 1º andar.

São Paulo, 18 de julho de 1976



Lilian Lemmertz

ESPORTE ESPETACULAR • 2 DA TARDE



REDE GLOBO

O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

DISNEYLÂNDIA 76 • 4 DA TARDE



REDE GLOBO

O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt

"O melhor exemplo ficou com o massagista Mario Américo, quando lhe perguntaram sobre distensão..."

Qual a diferença entre MDB e Arena?

Se a sobre vivência do regime bipartidário brasileiro, à base de Arena e MDB, dependesse das eleições municipais deste ano, os dois partidos políticos poderiam fechar suas portas para balanço, pois nada mais lhes restaria no cenário nacional. A sorte (ou azar?) da Arena e do MDB é que, apesar das declarações oficiais, as eleições municipais de 76 não deverão ser encaradas como "prova de fogo" à autenticidade das agremiações criadas por decreto. A reforma eleitoral que se acha devidamente guardada em gavetas de Brasília, desde novembro de 1974, e que deveria vir à luz no início de 1977, teria sido adiada para após as eleições gerais de 1978.

Arena e MDB, em 1976, continuam sendo rigorosamente idênticos ao que eram em 1965, quando se extinguiram os antigos 13 partidos políticos e uma penada do falecido presidente Castelo Branco lhes deu vida. Há apenas uma diferença: hoje, o MDB — que esteve ameaçado de auto-dissolução em 1971 — é um partido tão "inchado" quanto a Arena, abrigando as mesmas controvérsias internas que sempre marcaram a agremiação governista.

Se antes eram os arenistas que se opunham ao regime pluripartidário (antegozando as delícias de um partido "imbatível" nas urnas por toda a eternidade), hoje a situação inverteu-se: são os emedebistas que desacre-

ditam em derrotas e sonham com o Poder, desatentos às advertências feitas pelo senador Teotônio Vilela de que o MDB corre os mesmos riscos que levaram a Arena ao naufrágio de 1974 (os atuais partidos nunca serão Poder, mas apenas aliados de Governos).

A artificialidade dos atuais partidos não poderia ser mais eloquente: na ânsia de contar com os candidatos previsivelmente mais votados nas eleições municipais deste ano, os dirigentes arenistas e emedebistas não pouparam esforços a fim de integrá-los às suas legendas. Ou por outra: tanto faz o que pensem os candidatos, conquanto sejam "bons de urna", pois não há como separar a "filosofia" arenista da "filosofia" emedebista. E o melhor exemplo acabou ficando com o massagista tricampeão mundial Mário Américo, candidato a vereador em São Paulo pelo MDB: quando um repórter perguntou sua opinião sobre a distensão, ele imediatamente desatou a falar sobre os percalços sofridos pelos músculos de um atleta; quando o repórter, desenhavido, acentuou que não se tratava desse tipo de distensão, ele logo arrematou: "Não! Distensão política num é comigo não!".

Argumento final: basta comparar os dois programas.

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: se, agora em agosto, a Oposição "engrossar o caldo" na Assembléia Legislativa, visto tratar-se de ano eleitoral, a liderança do Governo já estria autorizada a negociar uma série de vetos com a bancada do MDB. Caso específico: o veto ao projeto de lei aprovado pelo Palácio Nove de Julho, de autoria do deputado Antonio Carlos Mesquita, do MDB, que amplia de cinco para dez anos o tempo de permanência de conselheiros no Tribunal de Contas do Estado para efeito de aposentadoria. Mas um veto (importante) do governador não deverá ser rejeitado pela Arena para se atingir o quorum necessário de dois terços: trata-se do projeto de lei de autoria do deputado arenista Mantelli Neto, que num momento de mau humor petendeu devolver a autonomia (eleições diretas) às estâncias hidrominerais, como forma de dar o "troco" ao palácio depois que não conseguiu manter no cargo o ex-prefeito de Aguas de Lindóia. O fato é que o MDB já retirou o necessário rendimento político do episódio, de acordo com a defesa do princípio de eleições diretas em todos os níveis, mas reconhece que as estâncias paulistas não têm meios de sobreviver economicamente sem o auxílio (substancial) estadual. Mais: os emedebistas também não se esquecem que a lei de criação das estâncias hidrominerais pertence ao atual presidente nacional de seu partido, o deputado Ulysses Guimarães, quando era deputado estadual pelo extinto PSD. A lei de autonomia das estâncias também teria sido apresentada com o objetivo de criar dificuldades ao Morumbi, desde que se leve na devida conta as ligações políticas do deputado Mantelli com o ex-secretário do Turismo, Pedro Padilha, impedido pela atual administração de continuar na presidência do Anhembi, não se desprezando ainda o fato de Mantelli e Laudo Natel serem compadres na Seich-No-Iê.

PIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOP

Para anotar: o vice-presidente da Arena paulista, deputado Antônio Salim Curiati, acobardado de se condear e ao prefeito paulista Olavo Setúbal. O afoito parlamentar, ao tentar fazer a defesa da lei que praticamente doa áreas verdes a clubes particulares, enfiou os pés pelas mãos, demonstrando que há uma quase total falta de argumentos: apressado, infantilmente, para o chavão segundo o qual haveria, por trás das cubers à lei, um "complô subversivo". O comportamento de Curiati não é de estranhar: afinal, sempre que ele se propõe a defender alguma matéria, inevitavelmente "denuncia" misteriosos e intrincados esquemas contra a iniciativa, como "técnica política". Não faz muito tempo o mesmo Curiati "denunciou" a existência de subversivos dentro do seu próprio partido — a Arena — condenando os tecnocratas das administrações estadual e municipal. E, ao mesmo tempo, não poupava críticas ao presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo (também secretário extraordinário da Prefeitura, homem forte do prefeito Setúbal). Curiati agora vira o disco e insiste na mesma

balada, só que a pretexto de defender o prefeito. Não se descobriu ainda o que teria levado Curiati a alterar sua posição. A propósito: o mesmo Curiati, que não poupava críticas severas ao deputado Rafael Baldacci, hoje elogia o secretário do Interior, confessando-se "atendido" na sua região de influência político-eleitoral (região de Avaré). Deu pra entender?

● Em política nada acontece por acaso: presta atenção no vereador Vicente de Almeida, da Arena, que se nega a disputar uma reeleição certa à Câmara de Vereadores de São Paulo.

● Agosto (só pra confirmar) deverá se transformar no "mês de cachorro louco" para a bancada do MDB na Assembléia Legislativa. O "affaire" liderança não parou, apenas foi "congelado" durante o recesso parlamentar, mas as articulações contra o deputado Doreto Campanari continuaram nos bastidores. Mais: o problema da liderança não seria uma simples disputa pelo posto ou divergências internas menores, mas envolveria, principalmente, a formação da nova Mesa da Assembléia Legislativa, a ser eleita em

1977 e — vejam bem! — com mandato de dois anos, isto é, até o final da legislatura.

● Segurem-se em suas cadeiras: a "verba de representação" da Presidência da Assembléia de São Paulo (que necessariamente não exige comprovação) estaria por volta de 120 mil cruzeiros mensais!

● Muito em sigilo: o secretário de Obras, Chico de Barros, e o presidente da Sabesp, Klaus Reinach, têm um código especial para conversar assuntos explosivos em público — falam em alemão. Azar deles: dia desses, na presença de um jornalista, trocaram confidências com a maior tranquilidade, desconhecendo que o rapaz morou dois anos em Bonn...

● Depois de indicar o nome de seu secretário particular, George Oswald Nogueira, para o Tribunal de Contas do Estado, o governador Paulo Egydio Martins foi pescar em Mato Grosso em companhia do presidente da Caixa Estadual, Afrânio de Oliveira, e do ex-deputado Gilberto Azevedo.

● Nos meios políticos indaga-se, com insistência, se o governador, ao indicar Geor-

ge Nogueira para o Tribunal teria ao mesmo tempo — e maquiavelicamente — iniciado um processo de "limpeza de área", supondo-se uma reforma do Secretariado após as eleições. A indagação — diga-se de passagem — está sendo colocada por setores políticos hostis ao secretário particular.

● O que se sabe, de concreto: Paulo Egydio teria indicado George Nogueira para o TC com a finalidade de contar, no Tribunal, com uma pessoa da sua maior confiança, já que Zancaner acabou tendo o comportamento (anti-palácio) que se previa. Ao mesmo tempo, a ida de Nogueira para o TC só deverá ocorrer entre outubro/novembro e o cargo de conselheiro não implicaria no seu afastamento da política governamental — muito pelo contrário, ele teria uma mobilidade incrivelmente maior do que agora, preso a inúmeras (e cotidianas) burocracias.

● "Ninguém aguenta esse custo de vida"! A frase foi lançada, em tom de confidência, pelo ex-senador Carvalho Pinto, no casamento do deputado Caio Pompeu de Toledo, secretário de Espor-

tes da Prefeitura. (Aliás, Caio teria pretendido transformar o seu casamento numa bem sucedida concentração política: enviou 6 mil convites e à recepção, no granfino Sion, se acotovelavam 4 mil pessoas, com serviço de buffet para apenas 500). Voltando a CP: o ex-governador não teria, portanto, a menor intenção de apoiar qualquer candidato às eleições municipais de novembro, preferindo, ao estilo de Horácio, a cômoda posição do nil admirari.

● Guilherme Hatab, o presidente do INPI — Instituto Nacional da Propriedade Industrial (vinculado ao MIC), falando em São Paulo sobre o recém-inaugurado Banco de Patentes. Segundo Hatab, o Banco terá a função de evitar evasão de divisas, ao mesmo tempo em que abre uma nova via para a modernização da indústria nacional. Frisa Guilherme Hatab: "O conteúdo dos documentos existentes no Banco de Patentes poderá servir de inspiração para o desenvolvimento de novas invenções e geração de tecnologias próprias, já que as inovações decorrem, muitas vezes, de outras anterioridades".

● Na Assembléia Legislativa, mais uma "guerra" particular aberta, desta vez envolvendo o presidente Leonel Júlio, do MDB, e o deputado Robson Marinho, também do MDB. Robson criticou a administração do Palácio Nove de Julho, dizendo que o recesso deve atingir somente o plenário e as comissões técnicas. Leonel respondeu com duas horas: chamou o jovem deputado de "afoito" e acusou-o de denegrir o Poder a que pertence.

● Ainda o recesso: quem não tirou férias em julho foi o líder do Governo, deputado Nabi Abi Chedid, alegando que só pretende descansar em dezembro, "após as eleições municipais". No recesso ele continuou dando expediente normal em seu gabinete: conforme afirma na intimidade, "preparando o terreno para o segundo semestre".

● O senador Teotônio Vilela, da Arena, e o jornalista Ney Gonçalves Dias fizeram um acordo: como ambos estão interessados em fazer palestras no Interior, em cada lugar que um comparece, sugere a conferência do outro. Parece que o esquema deu certo.



ECONOMIA



Klaus Kleber

"Não queremos apavorar ninguém,
mas o assunto é muito sério"

O deficit que veio do frio (o inverno não tem nada com isso)

Em todos os Estados do Brasil, as finanças de São Paulo sempre foram invejadas. Por mais que aqui surtissem contas reais ou imaginárias, o progresso sempre cobriu os deficits com generosidade. Os paulistas também não são particularmente notados pela sua ojeriza aos tributos. Não há, em toda sua história, nenhum caso de revolta contra a derrama. Muito realisticamente, eles encaram a carga fiscal como um mal necessário. Se estão ganhando dinheiro, vai tudo bem.

Por isso, é muito difícil acreditar que o Estado de São Paulo possa chegar um dia a uma situação de não poder pagar as suas professoras. Uma análise, por alto, das finanças estaduais não é, porém, nada encorajadora. Admite-se que este ano, haverá um deficit orçamentário, que poderia chegar a Cr\$ 8 bilhões no fim do exercício. O governo do Estado previa o lançamento de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Paulista (ORTP) no valor de Cr\$ 7,5 bilhões, o que mostra que aquela estimativa não é muito exagerada. Parece certo que o governo federal já teria concordado com um lançamento limitado de ORTP, mas entra semana e sai semana, sucedem-se os encontros no Rio e em Brasília, e nada acontece.

As contas não esperam. Dia a dia, acumulam-se os compromissos. Hoje são os empreiteiros, amanhã os fornecedores e depois de amanhã poderão ser as professoras. Claro, para evitar o pior, o governo estadual pode reduzir as obras previstas. Já se diz que as obras do novo aeroporto metropolitano e da via Norte-

Sul não vão ser iniciadas. Os paulistas terão que aguentar o aeroporto de Congonhas por mais tempo e, certamente, se conformarão com o adiamento de soluções para o transporte de massa.

Mas e se essa tendência se generalizar? Qual será o nível do desemprego em São Paulo? Poderão ser afetadas obras como as que realiza a Cia. Estadual de Saneamento Básico (Sabesp)? Só quem não mora na cidade é que pensa que a poluição do ar é o principal problema de São Paulo.

Não queremos apavorar ninguém, mas o deficit do orçamento paulista é realmente um assunto muito sério. Pelas informações que se dispõe, sabe-se que as autoridades paulistas montaram um orçamento, de acordo com o qual estabeleceram o programa de obras, sob o pressuposto da entrada de determinados recursos, como os proporcionados pelo lançamento de ORTPs, participação na arrecadação de determinados impostos, etc. Tudo de acordo com as normas federais.

Mas isso foi antes de as autoridades monetárias terem concluído pela necessidade de "esfriar a economia", ou seja, conter o nível da demanda de modo a reduzir as pressões inflacionárias. Na fase do esfriamento, um lançamento de ORTP no volume previsto passou a ser considerado desaconselhável, e Brasília começou a trancar. Dos Cr\$ 7,5 bilhões previstos, só deverão sair, pelo que se informa, uns Cr\$ 3,2 bilhões, isto é, menos da metade.

Teria o governo do Estado entrado em uma "gelada"?

O lamentável e equivocado martírio do almirante

O enquadramento do almirante José Celso de Macedo Soares na Lei de Segurança Nacional é, no mínimo, lamentável para todos os que defendem a liberdade de opinião. Para aqueles que, como nós, se opõem frontalmente à chamada "campanha pela desestatização", a punição pode ser, além disso, uma fonte de mal-entendidos. Depois do que disse Alberto Dines, em sua coluna "Jornal dos Jornais" publicada no último domingo na "Folha de S. Paulo", quase seria desnecessário acrescentar qualquer comentário sobre o assunto. Se voltamos a ele é porque tememos que o almirante seja, de uma hora para outra, transformado em uma espécie de mártir, um São Sebastião vitimado pelos dardos das poderosas companhias estatais que sempre combateu.

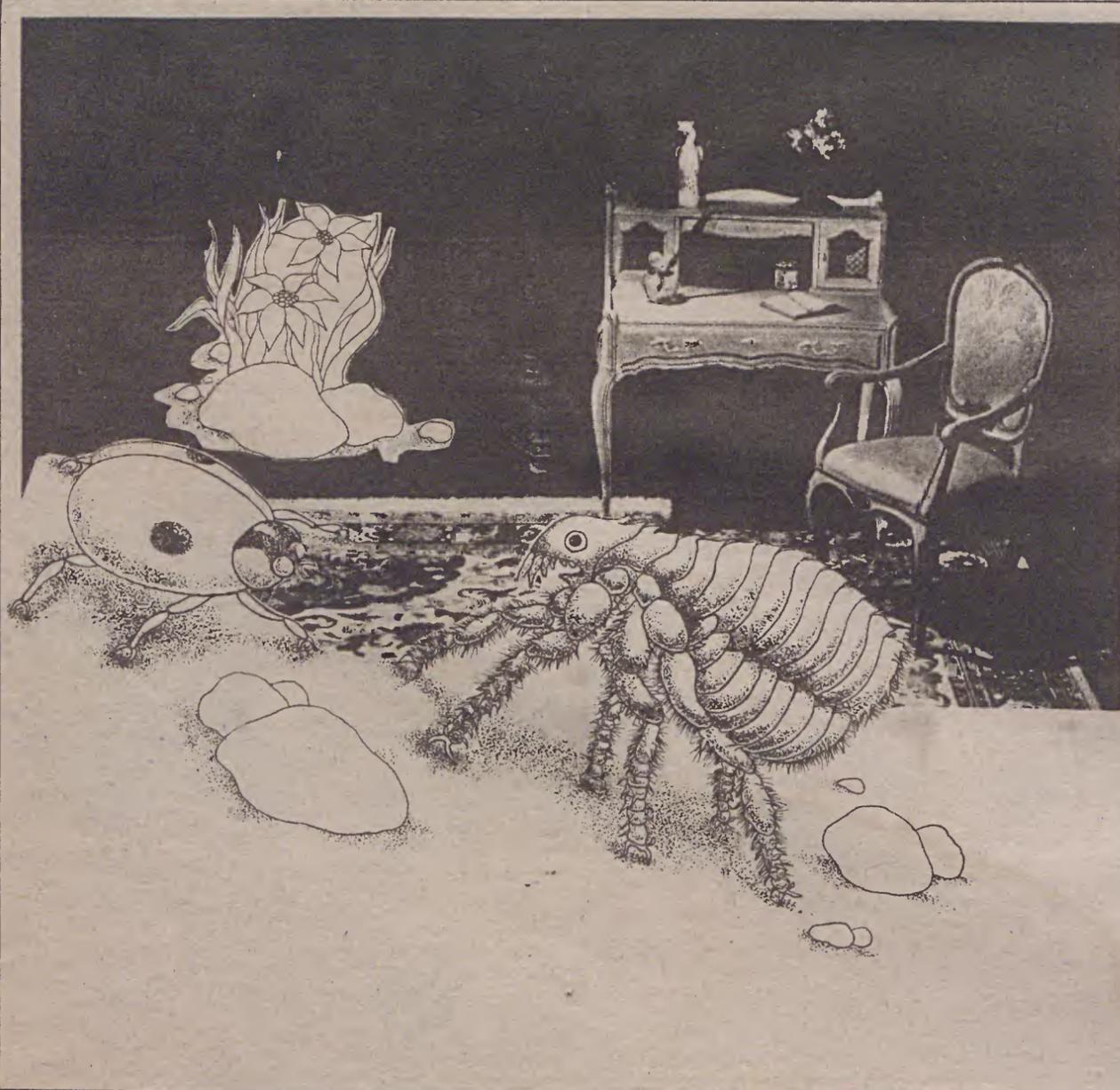
Macedo Soares, em sua histórica entrevista para a revista "Veja", não só ofendeu um ministro de Estado (Reis Velloso), que tinha todo o direito de processá-lo. Ligou também o seu ideário anti-estatizante à defesa das liberdades públicas e dos direitos humanos. Expressou conceitos sobre democracia ("Não acredito que se possa construir uma nação fora dos caminhos democráticos") e sobre direitos humanos ("Não emanam da generosidade do Estado e dos que governam, mas são uma conquista irreversível de toda a civilização"), com os quais todos estamos de acordo. Só não achamos que o preço da democracia deva ser confundido com o valor do ativo de algumas empresas controladas pelo governo.

Infelizmente, pode parecer para muitos leitores, que só sabiam que o almirante era contrário à "estatização", que aqueles que discordam de suas idéias econômicas, uma reedição ridícula do "laissez-faire", sejam também adversários de uma abertura democrática.

Se sempre foi fácil confundir liberalismo econômico político com liberalismo político, tornou-se mais fácil ainda com o enquadramento do empresário Macedo Soares (há muito tempo fora das Forças Armadas) na Lei de Segurança Nacional.

Nosso ponto de vista, expresso diversas vezes, é que o grau de estatização de nossa economia não é excessivo para um país no estágio de desenvolvimento do Brasil; que as companhias estatais estão abertas à participação dos acionistas e, por isso, muitas delas são denominadas, corretamente, "sociedades de economia mista"; que não é por acaso que as ações das estatais são preferidas pelos acionistas nas bolsas; essas empresas têm também um papel social, atuando não só nos grandes centros, mas nas regiões mais desassistidas do País; em alguns casos (notadamente o da Petrobrás), essas companhias foram criadas pela livre deliberação do povo brasileiro, através do Congresso Nacional; as companhias do governo também não são "monstros"; em nossa opinião, elas podem ser perfeitamente controladas pelo público, desde que ele tome consciência dessa necessidade; não concordamos também com a acusação de que essas empresas tenham o propósito oculto de "massacrar" a iniciativa privada. E, mais importante, temos a certeza de que as empresas estatais constituem uma barreira ao processo de desnacionalização da economia brasileira.

O almirante Macedo Soares pensa exatamente o contrário. Ele nunca nos convenceu com seus argumentos e provavelmente nunca nos convencerá, mas seu "martírio" pode enganar muita gente.



— "Eu sei quem sou. Só não sei o que sou." —

FUNDO BANESPA 157.

Para você não perder seu 157 de vista.

Com central de informações e resgate automático.

O dinheiro que você aplica
no Fundo 157 é seu.

O Fundo Banespa 157 criou dois serviços
exclusivos para você não perder
este dinheiro de vista:

a Central de Informações Banespa
e o Resgate Automático.

A Central de Informações leva até você
tudo sobre a evolução do seu dinheiro.

Na hora que quiser, você pode saber
a posição exata do seu 157.

E você tem ainda o Resgate Automático.
Na época de receber suas cotas, ele pode
creditar automaticamente em sua conta
o valor correspondente.

Não perca de vista o seu 157.

Procure agora uma agência do Banespa.

Veja como é simples a aplicação no Fundo 157:

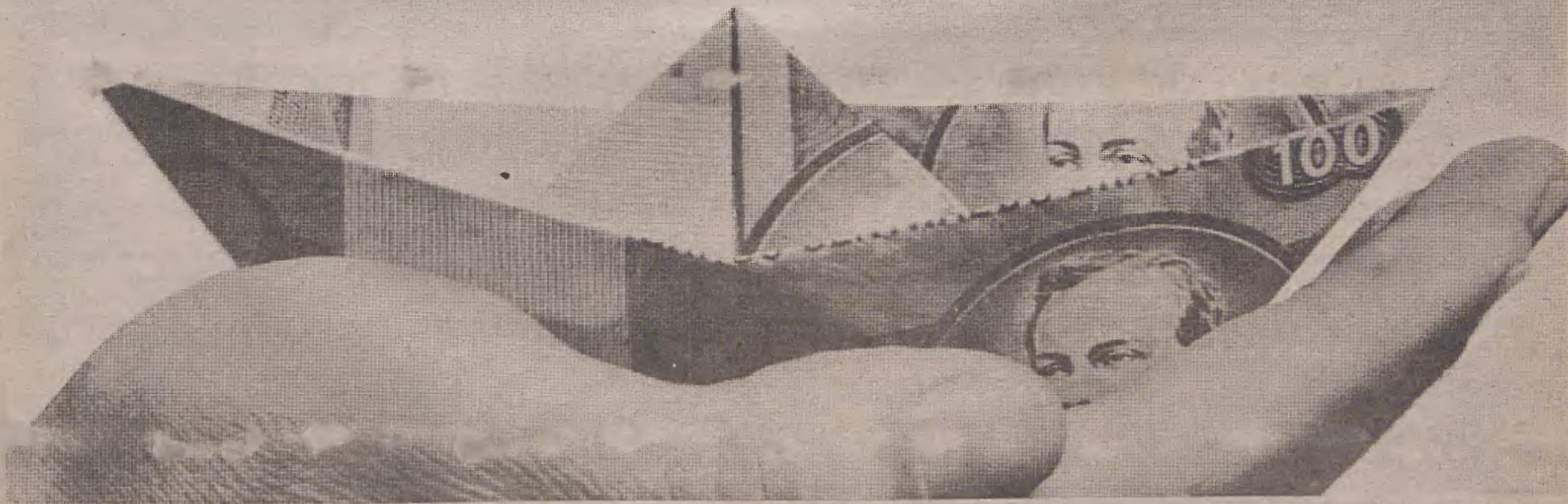
Você recebe, junto com a notificação
do Imposto de Renda o seu Certificado
de Compra de Ações, que deve ser
apresentado para aplicação no Fundo 157.

Em qualquer agência do banco
você pode fazer esta apresentação.

Em seguida, será enviado a você
o Comprovante de Aplicação com o
número de cotas a que você tem direito.

A partir daí, seu investimento passa
a ser controlado por uma equipe
especializada. Esta equipe procura,
durante todo o tempo, as melhores ações
e títulos para uma rentabilidade maior
do seu dinheiro.

**Procure agora uma agência do Banespa.
Banco do Estado de São Paulo.**



MDB

“Somos o partido da resistência democrática”

FRANCO MONTORO

O senador Franco Montoro recebeu os jornalistas do AQUI com bolinhos de fubá tão saborosos como a revelação de que existe entre 20 senadores do MDB e 3 da Arena um importante pacto político. A entrevista, em que o líder da minoria se declara já candidato ao governo do Estado de S. Paulo em 1978, foi feita no apartamento de seu filho na rua Joaquim Eugênio de Lima, Jardim Paulista, SP.

Entrevista a Samuel Wainer Fotos de Amâncio Chiodi

AQUI — Até que ponto as eleições deste ano terão importância como fator político nacional? O que realmente pode ocorrer dentro dessa especulação toda de leva, não leva?

Franco Montoro — Eu acho que a eleição vai ser muito marcada por uma conscientização cada vez maior. Aqueles que pensam que o povo brasileiro é inerte, desinteressado, estão inteiramente iludidos. O entusiasmo que está havendo nessas eleições, pelo menos da parte do MDB, é realmente impressionante. Eu faço política há muito tempo, fui vereador, deputado estadual, deputado federal, tenho uma grande experiência. E nunca vi uma campanha começar com o entusiasmo com que está começando essa. Digo mais: o clima de entusiasmo, no começo dessa campanha, é igual ao entusiasmo do fim da campanha de 74. Que foi aquela apoteose...

AQUI — Mas e os reflexos disso, a prazo médio?

FM — Acho que só serão positivos. Porque nós estamos acentuando muito teses positivas. Não estamos fazendo uma campanha negativa, do "anti", ou da subversão, ou da violência: pelo contrário, o povo brasileiro é um povo pacífico, mas sabe o que quer. Não quer a subversão, mas também não quer a subserviência (esta expressão eu uso mesmo, a cada instante). E o povo vai usar a arma de voto. E, citando Juarez Távora: "A revolução pelo voto."

AQUI — A escolha dos candidatos em São Paulo está sendo criticada pela falta de elementos de maior lastro político, o que dá a sensação de uma volta ao cabo eleitoral; há muita crítica à chapa escolhida...

FM — Essa informação que você tem não é exata quanto aos nomes e ao critério. Pela primeira vez, talvez, vão concorrer à Câmara Municipal homens que já foram deputados federais. Em primeiro lugar nós convidamos deputados federais que estavam dispostos e podiam se apresentar: o Roberto Cardoso Alves, que foi secretário da Assembléia Legislativa de São Paulo — deputado cassado mas sem os direitos políticos suspensos; o Yokishique Tamura, que foi vereador, deputado estadual, deputado federal, e de muita atuação. Outro convidado foi o Hélio Deitiar, ex-deputado, o Décio Grisi, professor, representante e líder de professores, e vereador que depois se afastou da vida política e agora voltou. O primeiro critério foi convidar esses. E convidamos também o Eusébio Rocha. Eu insisti demais com o Eusébio — e de todos eles foi o único que não pôde aceitar. Mas essa é uma equipe, você veja: dois deputados federais, um deputado estadual e um ex-vereador. O segundo conjunto foi dos atuais vereadores, que já têm o mandato e precisam ser respeitados. Todos foram incluídos na chapa. Entre eles há nomes como o de Samir Achoa, um advogado brilhante; o José Storopoli, professor e presidente da Associação dos Professores; e Antônio

Rezk, atuante, trabalhador; o Bustamante, que subiu agora, um homem que representa o povo da Penha, um homem que chorou de emoção no dia em que conseguiu levar luz elétrica para um bairro afastado. Um homem vinculado aos problemas da base. Depois, outro critério que o partido adotou, e que foi muito bom: todos os diretórios distritais, temos 32, fazem uma Convenção e indicam o seus representantes da base. Vêm novas lideranças, escolhidos pela base, e por bairros como Perdizes, Santo Amaro, Santana. Sairam vários professores universitários como candidatos, e outros homens que a gente não conhece agora mas vai conhecer.

AQUI — Você acredita que o MDB obterá maioria na Câmara?

FM — Estourado! Nós podemos chegar a eleger até 18 vereadores e a Arena três. Possibilidade de uma vitória esmagadora e a chapa é da maior qualificação. Essa onda que estão fazendo, acredito até que seja um pouco de campanha dos adversários. É superior à chapa da Arena; homem por homem, não há paralelo.

AQUI — E os efeitos das eleições municipais na estadual? Esta será direta?

FM — Será direta. Para não ser direta, só mediante uma reforma constitucional; e a Constituição só pode ser reformada por dois terços; e a Arena não tem dois terços.

AQUI — E sua candidatura a governador?



— É normal. Não sou eu, são esses fatos. Já na outra eleição, se tivesse havido, meu nome teria sido indicado.

AQUI — E a tese de que haveria três candidatos pelo MDB a governador?

FM — Isso depende da sublegenda, de ordinário não depende da Constituição. Se houver três sublegendas, nós teremos três candidatos facilmente.

AQUI — Ontem mesmo, no Pará, o senador Quercia afirmou que o MDB estava pronto para sair com três candidatas?

FM — Eu não acho a melhor solução. Sou contra sublegendas em eleições. Eu acho que isso divide o partido e desorienta o eleitorado.

AQUI — O que diferencia o MDB da Arena, hoje, depois da experiência feita?

FM — O que marca o partido não é sigla, nenhum programa escrito, é muito mais a fisionomia que o partido adquire pela evolução histórica, pela sua relação face aos acontecimentos. Essa evolução histórica, esses usos e costumes políticos, digamos assim, geraram da parte da Arena e do MDB fisionomias diferentes. O MDB encarnou a resistência democrática, a resistência contra a desnacionalização da nossa economia, a resistência contra injustiças sociais. E a Arena, em virtude da sua função, historicamente passou a

simbolizar a concordância, o apoio indiscriminado.

Ela está tudo muito boa. Houve um certo tempo em que a Arena era até o porta-voz do triunfalismo oficial, "o milagre brasileiro". Ela aceitava tudo isso pacificamente e se desabitou da luta. A Arena é um partido que não luta, ela adquiriu isso. É o presidente da República o grande cabo eleitoral da Arena. Isto merece admiração, o Presidente se arrisca muito numa coisa como esta, pode representar para ele uma posição bonita, de sacrifício, mas para a Arena é uma posição dura. Quem faz a campanha do MDB são os homens do MDB, as bases.

AQUI — Podemos concluir que a Arena é menos partido político que o MDB?

FM — Na medida em que um partido político significa luta, o MDB é mais autêntico.

Nós temos tido lutas duras contra toda cassação de nossos elementos; nós protestamos porque achamos que a figura da cassação em si é uma punição grave, é a supressão do direito de alguém, sem que a pessoa seja ouvida sequer. Isso fere um dos direitos fundamentais da pessoa humana, expressamente consignado na Declaração Universal. A Arena tem sido menos atingida pelas cassações. Mas quando há uma cassação a Arena não protesta. Ela não luta nem mesmo quando seus membros são cassados. Então, essa

ausência de luta gerou um estado de espírito que torna o partido assim.

AQUI — O MDB evoluiu da fase de partido oficial de oposição para um partido de resistência. Até que ponto está nesse espírito de resistência a vinculação com o passado político brasileiro mais recente? Falouse em infiltração comunista como se poderia falar em infiltração petebista. Até que ponto o MDB está se tornando um partido homogêneo e com personalidade própria?

— Todo partido tem normas, tendências, isso é normal. Mas essas lutas que têm acontecido e as dificuldades que temos sofrido, têm servido para dar uma certa ténpera ao MDB. Eu aponto dois episódios recentes que foram duros pra nós: o mais recente foi a cassação de nossos parlamentares, duas seguidas — Marcelo Gato e Nelson Fabiano, seguida dos deputados Amauri Muller, Nadir Rosseti e do Lysâneas Maciel. Aquilo chegou ao ponto de que não adiantava simplesmente protestar. Então convocamos a primeira Convenção Nacional. E foi uma posição de muito risco. Não se sabia bem o que sairia da convenção. E a reação do MDB precisaria ser uma reação enérgica, mas ao mesmo tempo não ter nenhum caráter subversivo e não continuar a pôr lenha na fogueira para o partido desaparecer. Havia muitos radicais dos aliados do

MDB

governo querendo aproveitar a oportunidade para impedir totalmente o processo de normalização. São esses momentos de decisão política difíceis. Houve uma semana de preparação de um texto, convocou-se uma convenção nacional, todas as lideranças foram ouvidas e o texto obteve a aprovação unânime. Foi um texto recebido com desagrado mas com respeito pelo governo. E com grande entusiasmo por nós. Aquele texto, onde o MDB condenava formalmente, denunciava os aspectos fundamentais, o governo vazio, aquele documento uniu o partido.

O outro episódio que significou uma dificuldade muito grande foi a última eleição para a escolha da direção nacional. Houve alguns problemas sérios nos entendimentos havidos para a composição de chapas. Estava para ser adiada a convenção porque não se tinha conseguido chegar num entendimento para apreciação das chapas. E só no último momento é que se conseguiu chegar num entendimento que superou as dificuldades. Essas lutas internas e a capacidade de resolver com seus próprios meios o problema, isso tudo contribuiu para dar uma marca ao partido.

AQUI — O partido político, especialmente no Brasil, se compõe de vários setores; precisa ser sustentado, tem que ser mantido. Existe na área empresarial um setor que se possa chamar de emedebista?

FM — Não há nada organizado nesse sentido, mas evidentemente há grandes setores da indústria auten-

ticamente nacional inteiramente solidários com as teses do MDB e vêem até o MDB a defesa das suas.

AQUI — Acho que fiz essa pergunta um pouco maliciosamente. Afinal, o MDB é hoje um grande partido. Todos os partidos têm interesses vinculados.

FM — Mas não há dúvida que nós temos; mesmo com essas candidaturas — há muitos candidatos que são industriais locais, são fazendeiros, professores, de modo que está havendo nessa eleição alguma coisa nova. Outro dia, jantando aqui em casa, um colega de meu filho, cujo pai é diretor de um banco, me disse:

— “Papai estava me falando hoje que, pela primeira vez na vida, ele, o chofer e os empregados, vão todos votar no mesmo partido”.

Está havendo uma coincidência muito grande, e o MDB está representando essas grandes esferas. Eu ouvi, por exemplo, de um estudante, a informação. Eu perguntei: “Aí na faculdade, como é que o pessoal vota? No seu entender, se houvesse eleição agora, quantos votariam no MDB, quantos na Arena e quantos em branco?” Segundo ele, no MDB uns 80%; e uns 20% em branco.

AQUI — Parece que nas áreas culturais o MDB tem uma atuação muito profunda, não?

FM — Nas áreas mais conscientes. Porque realmente a Arena, na posição que ocupa, é um partido



COMPARAÇÃO DAS CHAPAS DO MDB E ARENA PARA AS ELEIÇÕES:

“Homem por homem, não há paralelo”

“A Arena vai perder, mas vai demonstrar que não perdeu”

inviável. Eu até não gostaria que saísse essa história da inviabilidade da Arena, porque eu tenho interesse em que ela se mantenha. Porque se ela sair, cai o MDB também. Então até o Petrônio propôs que se mudasse o nome, que não se chamasse mais de ARENA...

AQUI — Em termos de especulação, se o MDB, por acaso, chegasse ao poder (exceção do presidente da República, é claro) ganhando todas as eleições federais e municipais, seria um partido de esquerda?

FM — Eu acho que a gente não deve confundir geometria com política. Eu considero o MDB um partido brasileiro. Muita gente, se você fala em esquerda, pensa que é um partido subordinado a leis internacionais, à Rússia etc; nós vamos usar o termo “equipe”. O MDB é um partido 100% brasileiro, voltado para os nossos problemas, e que dada a facilidade geral em que a Arena tem se mantido, é o MDB que está pensando em nosso problema. Principalmente agora — nas eleições de 74 nós elegemos 16 dos 22 senadores. Com os quatro que ficaram, nós temos uma equipe de 20 senadores e isto valoriza muito o aspecto democrático. Dos 20 senadores, 10 são professores universitários. Alguns não têm formação universitária, como o Agenor Maria, do R.G. do Norte, mas ele é um dos melhores senadores do Congresso, pela autenticidade, conhecimento dos problemas. Ele teve um problema

ligado à formação das lideranças, achava que os líderes locais, os que iam se destacando, eram convocados pelas Forças Armadas e esses é que ficavam no serviço militar, e depois se acostumavam nas capitais. E que isso é que estava causando a destruição no Nordeste. Ele precisou falar com o Ministro da Guerra sobre isso. Hoje, é o único parlamentar que tem o telefone particular do Ministro da Guerra. E conversa e diz algumas verdades.

AQUI — Você está sentindo nesse caso que a chamada classe política famosa já está vindo debaixo para cima, apesar das dificuldades? No Congresso, por exemplo, quais os elementos que têm esperança de renovação?

FM — Bom, é difícil enumerar, para não cometer injustiças. Mas tem, tanto na Arena como no MDB. Na Arena, por exemplo, no Senado você tem homens como Magalhães Pinto, uma figura que inegavelmente está contribuindo muito para que se faça com naturalidade a evolução para a normalização. Tanto que, fato inédito, no fim do semestre a bancada do MDB, coletivamente, os vinte senadores, foi fazer uma visita ao Magalhães Pinto. Era aniversário dele. E os jornais publicaram. Se você quiser tenho até fotografias dessa visita. Agora, dos novos, se têm nomes como o Teotônio — que está se revelando uma liderança excepcio-

nal. Como o Sarney, homem de bem, homem direito. O Accioly. São grandes figuras. O Krieger é uma figura da maior respeitabilidade. O Passarinho... a gente pode divergir das idéias dele, mas é um homem combativo, sério, de absoluta honestidade nas suas posições. O Virgílio Távora, estava esquecendo, é um homem sério.

AQUI — E Paulo Egydio? Qual é a imagem de Paulo Egydio? Em que aspecto deve ser visto, como governador e como, afinal, um manipulador político? A sua opinião de político, sobre Paulo Egydio político.

FM — O Paulo Egydio é inegavelmente um homem de competência técnica e de boas intenções, que procurou acertar, formou as equipes para estudar o problema mas a quem faltou vivência política. É um homem que não tem uma continuidade de participação em lutas eleitorais. Ele participou uma vez de uma eleição — foi candidato a prefeito pela UDN. Foi bem organizada etc. mas não foi uma campanha eleitoral em contato com a base, comícios, ou sentindo a realidade. Depois perdeu e sumiu. Aí voltou à política como ministro. O ministro vive nas cúpulas. Agora, ele, numa palavra: não é do ramo. Esta é que é a verdade. Apesar de procurar acertar, falta-lhe a sabedoria política. Ele tem revelado qualidades positivas. Foi nomeado governador, tem uma Assembléia contra,

mas conseguiu estabelecer um diálogo. E acho que esta é uma contribuição positiva que ele deu. De um diálogo de poderes, Legislativo e Executivo, que poderia ter gerado um caso.

AQUI — Como candidato a governador, que tipo de candidato você gostaria de enfrentar? Por exemplo, o Laudo Natel oferece um grande risco como se presume? Ou Delfim Netto? Como o MDB em São Paulo está encarando o outro lado?

FM — Acho que eles são os dois adversários mais fortes. O Laudo, pela popularidade, que trabalha muito as bases etc. O Delfim não tem uma base popular mas é um homem competente, culto. Poucos poderão enfrentar este cacique, mas agora a impressão que se tem sobre eleição é que dificilmente o MDB per-

AQUI — E o uso de que governo ganha eleições?

FM — Isso é história. Num momento de crise e difícil como este, a identificação com o governo não é vantajosa.

AQUI — E a normalização da situação política e institucional do país?

FM — Se pudesse falar em porcentagem, 90% do povo e 90% de políticos inclusive da Arena e do MDB desejam a normalização democrática. Porque isso é a civilização, é a cultura. Veja aqui um dado: na África, de 40 países 37 são autoritários, só três são democráticos. Na Europa Ocidental são 17, e 16 são democráticos — o único autoritário é a Espanha, que já está se

reintegrando à democracia. Então qual é o modelo nosso? As tribos africanas ou os países civilizados? Agora, tem 10% que não pensam assim: 5% de extrema direita e 5% de extrema esquerda, para não brincar só um dos lados. Uns ultra-reacionários da direita que querem um regime fascista, mas são minoria. Os que tem em o regime democrático, achando que isso nos levaria para uma situação de caos, estão enganados.

AQUI — Há um novo aspecto emergindo, que é o medo da explosão social que vem aí, pelo fato não só do custo de vida, das más condições da migração, e isso parece estar assustando tanto os que buscam uma solução mais liberal como os que buscam uma solução mais radical. Aquela declaração do Olavo Setúbal, de que em São Paulo, pra cada Suíça existem duas Biafrás... Até que ponto isso poderá influir também na eleição?

FM — Mas eu acho que essa é uma posição que eles começam a ver com maior clareza. Eles temem uma subversão, uma desordem, e é grave o problema. É gravíssimo. E nesse sentido eles temem o comunismo, por exemplo... Onde é que parou o avanço comunista na Europa, na Alemanha, na Itália, na Bélgica, na Holanda? Sempre frente aos democratas-cristãos. A solução não é uma ditadura de direita. A solução é a democracia. Essa evolução atinge todos os setores, inclusive a classe empresarial, que está vendo claramente que o sentido social da evolução do mundo é...

que a acumulação indiscriminada de riquezas, a longo prazo, é suicida.

AQUI — E não lhe parece que aqui esse problema se agrava ainda mais pela ausência dos sindicatos livres? Pela ausência do trabalhador no campo político?

FM — Hoje está faltando não apenas participação do sindicato de empregados — os próprios sindicatos de empregadores não têm sido ouvidos. Como os professores, as várias categorias profissionais, como os Estados, e os municípios. As decisões, pela concentração de poder, são tomadas a portas fechadas, sem consulta aos setores que participam da comunidade. Isto representa um risco. São decisões tomadas por técnicos mas que não correspondem à realidade. Esta participação de todos os setores da comunidade nas decisões que lhe dizem respeito é uma necessidade imperiosa e inadiável no Brasil. É a substituição do monólogo governamental pelo diálogo democrático.

AQUI — Duas perguntas, que são conjugadas. Primeiro, se acredita na continuação do bipartidarismo. E de qualquer maneira, acreditando ou não, se acredita na sobrevivência do MDB como partido político.

FM — Ah, sim. Eu não tenho dúvida. Primeiro, o que eu acho que vai acontecer — e desejo — é que, terminados os resultados das eleições, a Arena, que de fato vai perder, com os meios de que dispõe e com os resultados objetivos das eleições vai poder demonstrar

“Paulo Egydio não é do ramo”



De um jovem:
“Papai estava me falando hoje que, pela primeira vez na vida, ele, o chofer e os empregados vão todos votar no mesmo partido”

que não perdeu, que não sofreu uma derrota escandalosa. Porque essa eleição é fragmentária. Você pega São Paulo e Xiririca. São Paulo tem três milhões de eleitores; Xiririca tem três mil. Eles podem ganhar em Xiririca. E perdem em São Paulo. Então, essa eleição é fragmentada em quatro mil municípios. Em Pernambuco, por exemplo, nós não temos diretórios em dois terços dos municípios. Então a Arena vai ganhar em dois terços, tranquilamente, e vai disputar o outro terço. Então, quanto a número de municípios, prefeitos eleitos, vereadores eleitos... ela talvez tenha maior número. Eles podem fazer um esquema, do ponto de vista matemático, e dizer: Elegemos dois mil prefeitos e o MDB elegeu menos; elegemos 20 mil vereadores e o MDB elegeu menos. Acho — e é o pensamento oficial

dominante hoje — que eles querem manter os dois partidos. Porque isso geraria para eles muitos problemas sérios em vista da presidência da República, voto vinculado etc... Pessoalmente, acho que devem ser mantidos os dois partidos. E serem abertas possibilidades de outros, mas sem a atual exigência de um milhão e quinhentas mil assinaturas, o que é inviável. Facilitada a organização dos partidos, podia-se permitir que surgissem novas hipóteses.

AQUI — O bipartidarismo prevalecerá de qual forma?

FM — Eu acho que sim. Mas se por acaso se dissolverem os dois partidos, isto não atinge o MDB. No Senado, os 20 emedebistas — existe um pacto — continuam junto e fazemos um novo partido. E têm uns três

da Arena que vêm conosco também. E sabe que os senadores têm sempre atrás de si um grupo de deputados, os Estados etc. Quer dizer, o MDB não se dividirá. E disto o governo está ciente também. Pode mudar o nome, mas a gente marca de tal forma, que ninguém pode impedir que haja esta continuação.

AQUI — Esta é a primeira vez que se diz isto — de continuidade?

FM — Isto está conversado, não é segredo, não sei se é público, se foi noticiado. Mas os 20 senadores já fizeram — nós fazemos reuniões de senadores pelo menos uma vez por semana — um acordo e se houver extinção de partido os 20 continuarão. O mesmo acontecerá com os deputados. O atual MDB será o núcleo do maior partido brasileiro, tranquilamente.

MOACYR TV • 5 DA TARDE

REDE GLOBO
O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

GLOBO DE OURO • 6 DA TARDE

REDE GLOBO
O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

A gelada noite de Ubirajara, o primeirão dos nossos Ralph Naders



Vamos assistir
agora a uma reunião de um
grupo de heróis — homens e
mulheres que num súbito
rasgo de entusiasmo
resolveram uma noite
se dedicar a uma causa:
a defesa do consumidor.
Liderando o impavido grupo
e dirigindo a reunião, o
cidadão que muito provavelmente
foi o primeiro (em 1944), a
falar em defesa
do consumidor em São Paulo.

Ele chegou bem antes de todos. Às 7 horas da noite, já estava junto ao interruptor do canto esquerdo do auditório "gentilmente cedido" pela Associação Síria de Pinheiros. Algumas cadeiras estofadas, três ou quatro mesas cobertas com uma toalha branca, copos e garrafas de água mineral. Está pronto o cenário. Mas a iluminação não quer colaborar. Justamente as lâmpadas que vão iluminar um dos debatedores — o professor Achilles Mainardis, 65 anos, alto, magro, "saúde de ferro", figura importante e até meio tradicional no bairro.

— "Mas assim não dá. Vamos ver se fica bom agora!" — ia ele incentivando o electricista.

Pronto. Está perfeito e tudo inspira tranquilidade. Ele vai até a mesa, abre uma pasta 007, um livro cheio de recortes de jornais, e começa a estudar. De repente, pára, olha para o relógio, e diz:

— "Você chegou cedo. Também, com esse frio aí fora, acho que o pessoal não vai se animar muito. Quem é você?"

Parece que se esqueceu da pergunta, pois continuou a rever anotações, consultar os recortes e outro livro. De repente, resolveu se apresentar:

— "Eu sou o economista Ubirajara Zogaib, muito prazer. Fique à vontade, daqui um pouco chega todo mundo. Não sei se o pessoal vem. Nós colocamos quatro faixas aí na Rua Teodoro Sampaio. Distribuímos 5 mil volantes, convidando o pessoal. Mas você sabe, né? Defesa do Consumidor..."

E aos poucos, foram chegando "todos". Seo Ambrosio Sobrinho; dona Maria Ferrari Perroni; o Roberto Carlos Teixeira; a advogada "novinha de tudo" Elizabeth, com "th"; o Puppo, "sócio número 1 da Sociedade dos Amigos do Bairro"; o major Aparecido Teixeira, debatedor, que trouxe 11 "pms" para engrossar a assistência; o professor Achilles, o Sec Aldo; dona Adelina; e os repórteres, 10 repórteres "do órgãos mais importantes da imprensa de São Paulo". Ao todo, 35 pessoas.

No salão, os comentários:

— "Quase que eu não vinha, com esse frio."
— "Pois eu saí da cama, debaixo das cobertas. Vamos ver se paga o sacrifício."

— "Ah... como é? O Luis já sarou da gripe?"
9 horas. Chegou o momento. O economista Ubirajara Zogaib vai falar:

— "Queremos agradecer a presença de todos e dizer que vocês são... uns **heróis!** Sair de casa num dia como hoje, para debater um assunto árido, de grande interesse mas árido. Então, salve os heróis!"

Alguém tossiu, ninguém bateu palmas. Talvez porque poucos ali saibam quem é o Dr. Ubirajara Zogaib. Poucos já leram o seu curriculum-vitae cuidadosamente datilografado, 8 laudas. E o seu velho livro de recortes de jornais é outro mistério.

Ubirajara Zogaib não se importa. E trata de começar logo a palestra:

— "Primeiramente, antes de mais nada, eu gostaria de contar pra vocês o que já fiz pela causa da defesa do consumidor. Eu tenho aqui uns recortes... esse aqui... Folha da Noite (hoje é Folha da Tarde...) dia 24 de abril de 1944. Nessa ocasião, eu proferi uma palestra..."

Ele vai dizendo as coisas rapidamente, meio confusas, meio atrapalhado:

— "Já fizeram a conta de quantos anos dá isso? Trinta anos! Há trinta anos atrás eu denunciava na Folha, utilizando uma pesquisa da **Harvard University** as circunstâncias a que está exposto o consumidor no seu mister de comprar:

"1) O consumidor tem de pagar o excessivo custo de distribuição, incluindo propaganda e esforço de venda;

"2) O consumidor está sujeito à alta pressão do esforço de venda;

"3) Muita propaganda é falsa ou enganadora e joga com as emoções do consumidor em vez de apelar para a razão;

"4) As etiquetas não são informativas, enganando,

do, e falham no dizer toda a verdade sobre os produtos nos quais elas estão pregadas;

"5) O consumidor é desservido e defraudado por: peso inferior, vasilhame não cheio, apresentação falsa das mercadorias, adulteração, venda de produtos nocivos e de baixa qualidade;

"6) Os vendedores geralmente tentam impedir que o consumidor descubra os fatos — todos os fatos — acerca das mercadorias que vendem;

"7) A indústria visa não a servir o consumidor, mas a fazer lucros.

"Como se vê, o consumidor estava sujeito, há trinta anos atrás, às mesmas coisas a que está sujeito hoje."

Um repórter pergunta se "já que nada mudou, por que defender o consumidor agora, se nunca funcionou essa defesa?" Pelo menos foi isso que Zogaib entendeu, e assim tratou de responder:

— "Hoje, o próprio governo se interessou pelo problema. O governador Paulo Egydio pediu que as Sociedades de Bairroajuda sem o governo a defender o consumidor, através de sugestões. E é isso que nós vamos fazer. E também eu acho que com esse progresso todo que a gente vê aí, as coisas melhoraram. O Brasil hoje é um país mais desenvolvido que há trinta anos atrás. Tem muito mais produtos à venda. O consumidor pode então escolher os melhores e não comprar os piores. Ficou mais fácil escolher."

Mas, passemos para outro recorte. Perdão, o próximo assunto do conferencista Zogaib, o pioneiro da defesa do consumidor em S. Paulo:

— "No dia 13 de julho de 1948, a Folha da Noite trazia uma matéria: **Será Fundada Hoje a Associação dos Consumidores de São Paulo.** Lá estava eu de novo, na frente do movimento para defesa do consumidor. Nós publicamos até o programa: item 1 — Proporcionar ao consumidor toda a sorte de informações para habilitá-los a um real julgamento das qualidades do

produto que pretende adquirir... e assim por diante. Não deu certo. A coisa não motivou os consumidores e parou. Chegou até a ter uma diretoria mas ficou só nela."

Em 1954, o assunto **defesa do consumidor** volta aos jornais. De 19 a 24 de Julho, iria acontecer nos salões da Biblioteca Municipal, "o lugar quente da época", a Semana de Orientação e Defesa do Consumidor. Ubirajara Zogaib à frente, aparecendo lado a lado com José Ataliba Leonel, o secretário trabalho de então, nas fotos:

— "Th... Deu um bolo danado. Os sindicatos estavam todos apoiando a iniciativa. Eu era diretor do Serviço de Assuntos Comerciais da Secretaria e uma semana antes o Ataliba me chamou e disse que o governador, acho que era o Lucas Garcez, não queria mais a Semana. As eleições tavam perto, podia tumultuar. Ah... mas os sindicatos não queriam saber de conversa."

Mas ficou tudo por isso mesmo. E então, sr. Ubirajara Zogaib, já que sempre foi assim, o que os consumidores devem fazer hoje, para se defender?

— "Olha, Deus ajuda a quem quer ser ajudado. Se a pessoa atingida não gritar, estamos perdidos. As donas de casa têm que reclamar quando se sentirem enganadas. O consumidor é apático, é mesmo. Note-se, porém que já existem muitas donas de casa que comparam preços. Uma senhora queria comprar um chuveiro, foi em duas lojas, numa estava 20 cruzeiros mais barato. Acho que é assim."

Em seguida, a **palavra** é oferecida ao debatedor da direita, major Aparecido Teixeira, Consultor Jurídico da Polícia Militar, presidente do Lions Club de Pinheiros:

— "As grandes causas, os grandes movimentos, surgiram de um punhado de homens. Dúzias. Que daqui saia um brado de alerta a São Paulo, para que os comerciantes saibam que uma associação de bairro está disposta a orientar o consumidor. Já que os comerciantes têm uma sociedade de proteção ao crédito, contra os maus consumidores, os consumidores têm que ter uma sociedade que os proteja dos maus comerciantes. Era isso."

E foi mesmo. Tanto que o economista Ubirajara Zogaib teve que apressadamente passar o microfone para o debatedor da esquerda, o professor Achilles Mainards:

— "A minha função dentro do programa é defender o consumidor de gêneros alimentos que são vendidos ao público e são falsificados. A defesa do consumidor que se alimenta... nós devemos reclamar dos produtos que nos alimentam, que nos dão força, que nos mantêm. Que nós não estamos de acordo com isso. Sigo uma doutrina, um regime de alimentação. Eu sigo a macrobiótica. Eu como arroz integral. Há cinco anos que não consumo esse arroz polido, que tiram todas as vitaminas, põem parafina. Todo que come arroz com parafina estão consumindo um produto indigesto."

Foi uma surpresa geral. O professor Achilles até então não tinha feito absolutamente nada. Imóvel, ereto, até ali parecia estar desligado. Mas agora:

— "E tem o problema do pão branco. Por que espoliar o trigo, fazer o pão branco, se o pão integral é muito mais saudável? Deus Nosso Senhor quando fez os alimentos criou as melhores condições para o consumidor. Há cinco anos que eu não como arroz branco e pão branco e não tenho uma gripe, um resfriadinho. Não preciso tomar remédios."

Antes que alguém retruque, Ubirajara passa o microfone ao centro para anunciar que o presidente da Associação Comercial de Pinheiros, Kioshi Mizumotto, lamentava, mas não poderia comparecer, pois tinha uma viagem marcada."

As perguntas começam a chegar à mesa. Por escrito, conforme a recomendação prévia."

— "Professor Achilles: O senhor condenou a ingestão do arroz. O que se deve comer em seu lugar? Como abolir o arroz polido pela parafina? — a pergunta é do Roberto Carlos Teixeira. Muito obrigado pelo seu comparecimento."

E o professor Achilles:

— "Eu não falei para não comer mais arroz. Eu disse que o arroz integral era melhor. Então as donas de casa deviam comprar só arroz integral."

Uma dona de casa tem o desplante de afirmar que não existe arroz integral para vender, e quando se encontra é mais caro que o branco. E a discussão segue descontrolada:

— "Quem não gosta de arroz integral?"

— "A parafina não sai com a água?"

— "Não sai não, cozinha junto e a gente come do mesmo jeito."

— "O senhor está doutrinando a gente está querendo que todo mundo vire macrobiótico."

Dona Maria Perroni se encarrega de aliviar a situação, reclamando dos preços anunciados nas vitrinas:

— "O que os senhores acham quanto à maneira de exporem os preços das mercadorias? Preços mensais, tal, e não exporem o preço à vista ou as garantias por este preço total? E os preços expostos de 49,90; 14,90, os primeiros números grandes e o 90 pequenininho assim. E os trocos em agulha, balas e comprimidos, que não são centavos?"

Seu Aldo Gnecco informa que a respeito há uma lei federal "que foi aprovada e até hoje, nada":

— "Eu estive em Buenos Aires e lá dá graça de ver, tudo colocado no lugar e direito, informando certo."

A primeira proposta concreta é anunciada:

— "O médico veterinário Dr. Oswaldo, que já foi diretor do Controle dos Produtos Animais, não pôde vir hoje por problemas de saúde, mas se dispõe a ficar 2 dias por semana, para dar instruções."

10 e meia. O frio aumenta, e os debates — o arroz voltou, e o professor Achilles invoca o testemunho dos carunchos, perguntando: "o caruncho é burro? Não, ele é um ótimo consumidor. Como ele não é besta consome o arroz sem parafina, que é melhor do que o que tem parafina." — se perdem. É hora de acabar.

Ubirajara Zogaib avisa que terminou a reunião. E pede a todos os que se interessarem para se inscreverem no "grupo de defesa do consumidor", que centralizará essa parte.

Elizabeth Russo, solteira, 24 anos: o que você achou de tudo o que aconteceu aqui?

— "Eu acho... deixa eu pensar... O objetivo é oportuno, de importância para a coletividade, principalmente para Pinheiros. Foi uma boa reunião, houve distorções, o caso do arroz por exemplo, doutrinação, as pessoas estão confundindo defesa do consumidor com falta de liberdade de expressão, de comércio. Eu gosto

de enlatados, e o fato de alguém não gostar de enlatados não quer dizer que eles devam ser proibidos."

Elizabeth é advogada.

— "Eu gostei. Mas o que é necessário é que o governo tenha mais rigor em fiscalizar tudo isso. Não que eles venham de viaturas espalhafatosas — que venha com carros, parem num lugar, perguntem as coisas e depois façam o que a lei mandar."

Dona Maria Ferrari, uma das mais ativas debatedoras, também, gostou:

— "É uma maneira de todo mundo expor o que é certo e errado, de reivindicar seus direitos de consumidor. Eu resolvi isso, só compro o que eu gosto. Se tivesse que dar um conselho para os consumidores eu diria para comerem o alimento o mais natural possível. Eu experimentei hamburger, mas prefiro o meu ovinho."

E Ubirajara Zogaib? Quais são suas últimas declarações?

— "Todo esse movimento de consumidor, chega uma hora eles destróem. As forças ocultas entram em cena. Olhe, eu não estou dizendo que eu sei quem é que acaba com o movimento. Eu digo, forças ocultas. Sempre foi assim. Tomara que esteja diferente hoje. Hoje mudou muito, mas que tá sujeito, tá!"

E Ubirajara Zogaib, economista da terceira turma da Faculdade de Economia Alvares Penteado ("não é da Fundação, é da legítima"), casado, ex-candidato a vereador pela Democracia Cristã, 62 anos, fecha a pasta 007, protegendo o velho livro de recortes. E vai embora. Não disse mais nada. Na saída, de passagem marca uma reunião da Associação dos Amigos do Bairro de Pinheiros (ele é o presidente) para a próxima noite, e pergunta para o eu secretário, Aldo Gnecco:

— "Alguém se apresentou para o grupo?"

Aldo não precisa consultar nenhuma anotação:

— "Ninguém."

João Otavio

O BRASIL CONTINUA LINDO. E VIAJAR ESTÁ 40% MAIS BARATO.

Você está sabendo o que é um VTD? É a maior chance que você já teve para conhecer pessoalmente os lugares bonitos do Brasil.

VTD quer dizer Voo de Turismo Doméstico, um novo esquema criado pelo DAC e a Embratur, oferecendo estas especiais vantagens para excursões em grupo:

40% de desconto nas passagens aéreas.

Pelo menos 40% de desconto nos hotéis. E grandes descontos em praticamente tudo que você fizer, desde refeições até passeios.

Vasp e os Agentes de Viagem já estão preparando vários roteiros com muita imaginação.

Tudo que você precisa fazer é procurar um Agente e decidir aonde quer ir. A partir daí, mais nenhuma preocupação à vista.



Informe-se com um Agente de Viagem. Só ele pode lhe oferecer o VTD Vasp.

Descanse! Você já sabe quais seus voos de ida e volta em Super Boeing 737 da Vasp, sabe que tem um hotel de categoria reser-

vado, e sabe que tem ônibus para levar e trazer você de volta ao aeroporto.

Até passeios e visitas estão programados.

Tudo certinho e incluído no preço, que, aliás, tem possibilidade de ser financiado.

Ai está o VTD Vasp e suas mil-uma vantagens.

E ai está o Brasil, cada vez mais lindo para você aproveitar.

VASP

Onde você voa com quem gosta.

Melancolicamente, devidamente desmistificados seus anunciados poderes fenomenais, o prestidigitador mais boa pinta que já pisou o palco do Palácio das Convenções, no Anhembi, se apresentou para um auditório vazio e depois deixou a cidade correndo. Lá se foi o jovem Uri Geller, com dez mil dólares — limpos — no bolso (cobra 5 mil cada show, fora as despesas) e a eterna gratidão dos nossos fabricantes de colheres.

Fim. A um canto do palco, abandonados, esquecidos, dezenas de talheres — garfos, colheres, facas, tais como foram concebidos originalmente: as facas retinhas, os garfos e as colheres com aquela curvinha já conhecida. Torto, nenhum, apesar da promessa de Uri Geller. Uri? Também não parece estar de bom humor. Ele ou as forças desconhecidas que agem através dele.

Pouco antes, não conseguindo entortar uma chave, pedira 5 minutos "para descansar", explicando ao

seleto e elegante auditório: "Não sei o que está havendo, hoje ... as chaves não querem entortar ...". Então, de repente, é anunciado o fim da apresentação, sem maiores explicações, enquanto ele, Uri, ainda ao microfone, fala de sua esperança em colocar "esse poder a serviço da Humanidade".

O seletto e elegante auditório parece ser colhido de surpresa — "e as colheres, as facas? — mas logo se recompõe, um olho em Uri Geller e outro no monte de

relógios também sobre o palco, alguns raríssimos, de cento e tantos anos, sonho de muito museu, e que haviam sido levados para conserto. Afinal, para quem é quatrocentão e paga 600 cruzeiros a entrada, não fica bem andar pra cima e pra baixo com um orientô qualquer.

Quanto ao show de Uri Geller, abrindo a prévia do I Congresso Internacional de Parapsicologia e Psicotrônica no Brasil, terça-feira, no Anhembi, já se viram melhores nas festinhas de formatura de fim-de-ano. Consta que estaria muito nervoso e perturbado, e alguns davam-lhe razão:

* Ao chegar a São Paulo, teria recebido ameaças, motivo do monumental aparato militar que cercava o Palácio das Convenções do Parque Anhembi e que o teria levado a viajar de volta ao Rio logo na manhã de quarta-feira, no primeiro avião;

* Como uma das suas exigências é a de se apresentar para "auditórios lotados", teria igualmente se decepcionado com as 200 e poucas pessoas que se aventuraram a ir até o Palácio das Convenções, que tem uma capacidade para 3.350 lugares;

* Conseqüência direta da segunda razão, Uri Geller teria discutido com os organizadores do congresso, reclamando dos preços cobrados (600 e 480 cruzeiros) e afirmando que se tivesse tido conhecimento prévio dos preços das entradas não se apresentaria.

O show

São 20h30 de terça-feira, hora prevista pelo IBIP — Instituto Brasileiro de Informação e Pesquisa Parapsicológica, para o início da apresentação de Uri Geller aos paulistas. Casacos elegantíssimos e jóias resplandecentes são desfilados pelo saguão, ofuscados, entretanto, pelo cinza-PM que está por toda a parte. Segundo se informa, são mais de mil homens, desde os integrantes do COE (Comando de Operações Especiais), em uniforme de campanha, até os agentes do DOPS, pas-

sando pelos componentes da Tropa de Choque, Cavalaria 9 de Julho, Rota, Polícia Feminina e os cães especialmente treinados do Canil da PM.

— Por que toda essa segurança?

Agente: — O homem é judeu ...

O mesmo agente, que vem acompanhando Uri desde o aeroporto de Congonhas, com uma passagem pelo Hilton Hotel, confessa muito particularmente não achar também "o homem" bom da cabeça: — "Ou igual assim à gente ...". Explica: durante umas duas horas, pelo menos Uri, encheu os marceneiros do Parque Anhembi sobre um pedaço de madeira compensada, que devia medir precisamente, nem mais, nem menos, 1 metro e 6 cm; por 75 cm e 6 mm.

— Para quê?

Agente: — "E eu sei lá porque ..."

Ouvem-se palmas. Os que se acham conversando nos corredores olham para o palco, que continua vazio. Realmente, gente fina é outra coisa. Fosse lá no Ginásio do Pacaembu ou do Corinthians, essa meia-hora de atraso não seria protestada sob a forma de discretas e comedidas palmas. De jeito nenhum. E, até Uri Geller chegar sorrindo ao palco, outra meia-hora ainda se passará e outra salva de palmas comedidas terá vez.

Ele: calças marrom, camisa de bolinhas brancas e marrons, suéter sobre o cinza. Anuncia: — "O que vocês vão ver aqui é real ..."

Convida quatro moças para ajudá-lo, "que falem um pouco de inglês". Nesse momento, alheio a tudo e a todos, um garçon entra no palco, trazendo uma bandeja com copos e água mineral. Uri pára de falar, faz uma cara de quem não está entendendo nada. Protesta:

— "My God, isto aqui não é um restaurante ..."

O garçon, sem se alterar, faz uma mesura e sai de cena.

Vai ter início o "teste da cor". Uma das moças escreve no quadro-negro a palavra azul-bleu, Uri, de costas, vai tentar adivinhar, não sem antes explicar que "qualquer um pode fazer isto. Não tem nada de mais ...".

Uri: — "1, 2, 3 ... (pede a colaboração do auditório, para fazer a ponte telepática) ... again, again ... gente, eu não estou dramatizando, alongando ... mas não estou recebendo nada de vocês ... again ... 1, 2, 3 ... OK ... last time, every-body ... 1, 2, 3 ... Ah, o que percebo mais is ... blue."

Palmas.

A segunda moça escreve **Manaus** e sob a palavra desenha um cachimbo. Uri se esconde atrás do pedaço de madeira compensada pela qual infernizara à tarde a vida dos marceneiros, e vai de novo tentar adivinhar palavra e desenho. Antes, pede que se faça um círculo em volta de **Manaus** e do cachimbo e que se apague tudo dentro do círculo.

Uri: — "1, 2, 3 ... (passa a mão na testa) ... por favor, pensem mentalmente, em câmara lenta ... again, é possível que eu nunca tenha ouvido falar no nome dessa cidade ... again ... olhem para o meu rosto, eu nunca ouvi falar nessa cidade mas vou dizer o que percebo: **Manius** ..."

Palmas.

Uri: Agora, vou ensinar a vocês como é que faço para adivinhar: eu visualizo uma tela, como na TV, e uma linha que penetra no círculo e começa a escrever as letras como vocês estão pensando. Por exemplo: começam a desenhar o que estava no círculo dentro de suas mentes ...

Depois de alguns instantes, Uri desenha no quadro-negro um cachimbo. Explica: — "Por momentos pensei que fosse uma colher ..."

A essa altura, já se haviam passado pelo menos umas duas horas, e Uri Geller ainda continua a brincar de adivinhação de cor com as moças. De repente,

pergunta se há algum árabe presente. Ninguém se apresenta, o que era de se prever, naquele as circunstâncias e atual conjuntura. Acaba deixando pra lá, pede que lhe vendem os olhos e uma quinta moça — recepcionista — sobe ao palco para ele tentar dizer como estava vestida e a cor de sua roupa. Acerta em cheio e a embriaguês do sucesso lhe sobe à cabeça: — "Você quer também que eu diga a cor de seu sutiã?"

A platéia sorri e ele — garotão tímido — diz que vai falar baixinho no ouvido da moça. Do auditório, o que se percebe é a moça virar a cabeça negativamente, repetidas vezes. O que levaria a uma indagação: estaria ela, realmente, usando sutiã?

Pausa. Uri se dirige ao auditório, informa que "não há uma explicação racional" para os seus poderes. Incisivo:

— "Tem gente que me chama de charlatão, de mágico ... não me incomode com eles, desde que escrevam certo o meu nome."

Risos e palmas.

A seguir, Uri Gilner, perdão, Geller, vai repetir o que fez na TV Globo: a suspensão de um homem apenas com os dedos, depois de neutralizada a gravidade. Pede a colaboração da platéia, e quatro homens se apresentam: um, pesando 140 quilos, que terá a sua gravidade neutralizada, e os outros três para ajudar. O homem chega realmente a ser suspenso, para cair desastrosamente no palco, fora da cadeira.

Palmas e risos.

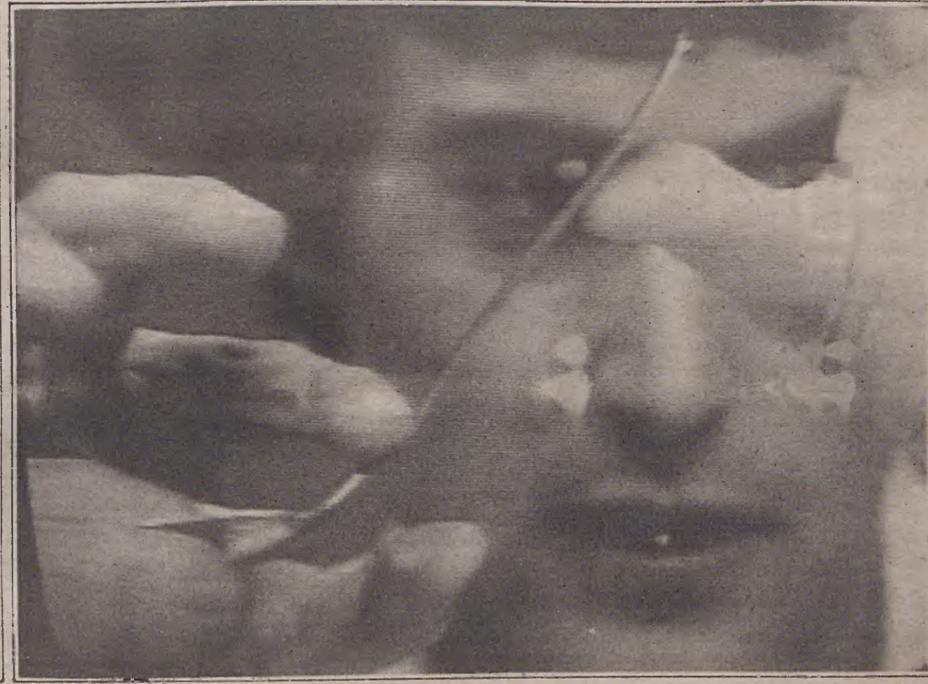
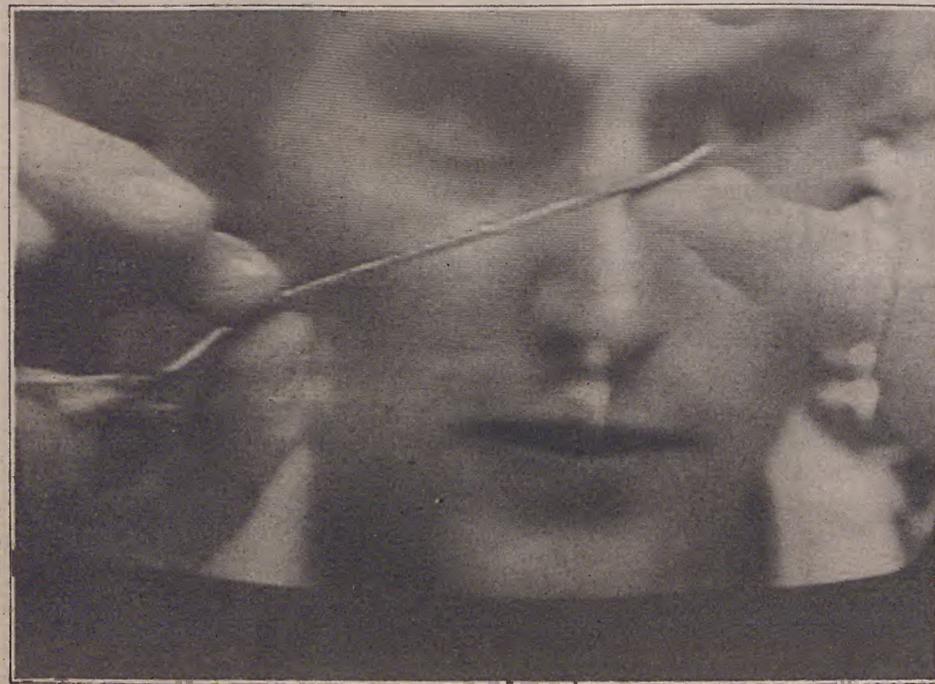
Em seguida, o "concerto dos relógios", que são amontoados no palco. E a "prova das colheres", em outro canto. Nesse momento, parece, as forças desconhecidas começaram a abandonar Uri. Nervoso, irritado, ele pediu para descansar 5 minutos.

Era quase meia-noite e não apenas ele estava cansado.

Marco Antonio Montandon

Tchau, Uri, vai pegar seus tele-patos em outro centro

Fotos Amancio Chiodi.



Não foi vetado o candidato a prefeito que é homossexual

Como reage uma cidade do Interior depois que a imprensa das capitais publica reportagens dizendo que seu mais forte candidato a Prefeito foi vetado por ser homossexual? Valença, no Estado do Rio, está reagindo bem, e parece não correr o risco de fazer companhia a Campinas e Pelotas nesse capítulo do anedotário nacional.

Reportagem de
Mylton Severiano da Silva
Fotos de
Kerstin Weinschenck

— "Depois disso, só dá Silvio Januzzi!"

Depois disso, para o cabo eleitoral Ismail Xisto, significa depois que se espalhou na cidade a notícia de que o major Renato — antes de ser promovido a tenente-coronel e sair da cidade três meses atrás — deixou um pepino para o MDB local digerir: o major, diziam, vetou Silvio Januzzi, o candidato emedebista à Prefeitura de Valença.

Silvio é homossexual.

Valença, 60 mil habitantes, quase 40 mil eleitores, fica no Oeste do Estado do Rio, a 37 quilômetros de São Paulo. Chega-se pela Via Dutra, de onde (indo-se em direção ao Rio) se pega à esquerda na altura de Volta Redonda; passada esta última cidade, meia hora depois encontra-se a placa quase escondida na entrada de um posto de gasolina: Valença, 34 km, à esquerda. Os 34 quilômetros finais vêm numa curva atrás da outra, região serrana, já perto da fronteira de Minas Gerais.

Sete e meia da noite, segunda-feira. Entre morros, subindo suas encostas ou encravada nas baixadas, surge Valença. Estamos atrás de Silvio Januzzi. Na praça da Matriz, uma catedral de mais de cem anos de idade dedicada à padroeira Nossa Senhora da Glória, o primeiro passante interpelado derrama-se em gentilezas:

— "O Silvio todo mundo conhece aqui, imagine se não! Ele mora lá na entrada da cidade, no Alto da Aparecida, atrás da igreja, numa chácara."

Fala-se aqui em Valença com um sotaque entre carioca e mineiro. A única rua da cidade só para pedestres, um quarteirão que desemboca na praça da Matriz, chama-se inclusive Rua dos Mineiros, e contam que por ali passavam eles antigamente, com suas tropas de animais.

Bem no meio do quarteirão da rua só para pedestres, o bar da fofoca local. Reunem-se esportistas, estudantes, comerciantes, emedebistas.

— "Quando anunciaram a candidatura do Silvio, a turma da Arena fez aquela gozação, né? Ah, então o prefeito da cidade vai ser uma bichona? Mas acontece que não adianta, o Silvio aqui é muito querido, a cidade não tá nem aí com esse negócio. Eu, particularmente, minha opinião pessoal é que não tem nada que ver se o cara é homossexual, o que vale é que ele vai ser um bom prefeito, mais a mais me dou com todos os franguinhos da cidade, eles até se reúnem ali na ponta da praça, à noitinha, ficam batendo papo, a gente até passa e brinca com eles, aqui são todos distintos, vão ao baile se comportam, se vestem discretamente, nunca que dão um vexame..."

Paulo Roberto, 24 anos, estudante de Economia, moreninho, um santinho de madreperla no peito pendurado numa correntinha, conversa numa rodinha no bar; fala com desenvoltura, sem preconceitos. Educação é o que não falta em Valença, cidade de 120 anos de idade: nada menos que cinco faculdades estão aqui instaladas, graças aliás ao esforço do irmão de Silvio Januzzi, Luís, que foi prefeito de 1962 a 1966, e é da Arena. As faculdades: Direito, Medicina, Economia, Filosofia e Odontologia. Os estudantes vêm do Rio e de São Paulo principalmente.

Também foi o irmão mais velho de Silvio (Luís tem 73 anos, Silvio 65) quem construiu a República dos Estudantes, no alto de um dos morros, em frente de uma rinha de briga de galos, no lugar conhecido como Hotel dos Engenheiros — e o hotel é outra obra de Luís. Pertinho do hotel, o melhor de Valença, há uma pracinha onde, embaixo de uma pergola, domina um pequeno monumento ao pracinha Arlindo dos San-



Silvio, o candidato, não entende o veto.



Luís: irmão, mas da Arena.



Osiris, o reserva

Um candidato maldito em Valença

Dizem que há um veto contra ele

Silvio Januzzi, 65 anos, arquiteto, ex-professor da Escola Normal de Belas Artes, foi o vereador mais votado na história da cidade de Valença, no Rio (30 mil eleitores), e é o mais forte candidato à Prefeitura, nas eleições deste ano. Mas sua candidatura está ameaçada por um problema não previsto na legislação eleitoral: Januzzi, candidato pelo MDB, teria sido vetado pela área militar de Valença por ser homossexual.

Teria, porque há duas versões: uma, de políticos emedebistas, que afirmam ter o veto partido de um ex-comandante (major) do 1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, há três meses do cargo; outra dos arenistas, para os quais o veto teria sido forjado pelo próprio MDB para transformar seu candidato em vítimas e, assim, explorar o fato eleitoralmente. Mas o impedimento parece mesmo ter existido, e pessoas diretamente ligadas ao problema informaram que, ao saber do veto, Silvio Januzzi falou pelo telefone com o major Renato da Silva Voslino, que lhe confirmou ter sido o responsável pela restrição, sob o argumento de que ele "não pode aparecer ao lado de autoridades nas cerimônias oficiais".

Silvio não esconde sua condição de homossexual, mas também não acha que isso seja motivo para impedir o exercício de qualquer cargo público.

A família Januzzi é uma das mais tradicionais da cidade. Luís, 73 anos, irmão de Silvio, foi prefeito de 1962 a 1966 e é candidato outra vez, pela Arena. Criador e atual presidente da Fundação Educacional D. André Arco-verde, responsável pela manutenção de cinco faculdades

de Valença, engenheiro profissional e arenista convicto, Luís — atual presidente também da Sociedade Pestalozzi do Brasil — não gosta de comentar o veto que teria sido imposto a seu irmão. Acha que não houve nenhuma trama da Arena para afastar o candidato emedebista. Para ele, em qualquer cidade sede de corporação militar todos os candidatos estão sujeitos a esse crivo não previsto na legislação eleitoral.

Luís e o irmão, apesar de candidatos por partidos diferentes, são muito unidos, e inclusive Silvio foi diretor de turismo do prefeito arenista Luís Antônio Costa Carvalho Correia da Silva.

Foi três dias antes da convenção municipal do MDB, realizada no dia 20 de junho, que a liderança do partido em Valença ouviu do majorcomandante do 1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada a informação de que havia um impedimento, deixado pelo major Renato da Silva Coslino, contra Silvio Januzzi e, por isso, queria propor um "acordo de cavalheiros", para que o quadro político na região permanecesse tranquilo. Para ganhar tempo, a direção do partido decidiu acatar o impedimento, indicando o deputado Osiris Paiva para a sublegenda que seria ocupada pelo arquiteto. O não comparecimento de Silvio à convenção levou o veto ao domínio público. A direção do MDB espera uma solução para segunda-feira.

Fala-se que o atual comandante (major Eli) pretende manter-se equidistante do problema, tudo dependendo, entretanto, do consenso dos escalões superiores.



Paulo Roberto está com Sílvio

tos, herói da FEB na Segunda Guerra. E a escultura é obra de Sílvio Januzzi.

— “É aqui que os rípis vêm... vêm... fumar...”, murmura o cicerone Paulo Cesar de Almeida, bancário e filho de fazendeiro.

Quem conhece cidade do interior, uma só que seja, sabe como é. Todo mundo sabe da vida de todo mundo, a comunidade aceita em seu seio os desvios que provoca, estabelecendo — segundo seus próprios critérios — os limites do que considera ou não anti-social. E o que é que o “forasteiro” tem a ver com isso?

Na porta da chácara, ao lado de sua kombi de aluguel, o cabo eleitoral Ismail Xisto também quer falar com Sílvio Januzzi. Parece que há uma reunião do MDB hoje à noite. A polidez é geral nesta cidade, que aparentemente está sempre de braços abertos, de modo que podemos todos entrar na chácara, embora o dono esteja fora, foi para o Rio de Janeiro com o irmão, visitar a mãe. Só volta daí a dois dias.

A sala da velha casa esbanja bom gosto, sem ostentação. Amontoam-se mil objetos sobre mesas e mesinhas, armários, lareira, objetos de prata e louça, bibelôs antiquíssimos, um relógio de 3 metros de altura parado há não sei quantos anos em 10 para as 4, gravuras inglesas nas paredes, telas, algumas de autoria do próprio Sílvio.

Telefonam para o Rio, a ligação demora — “Telefone em Valença é um problema”, reclama Ismail.

Mas já a CTB, ou Companhia Telefônica Brasileira, esburacou a cidade inteirinha, instalando os cabos para que Valença passe a ter DDD. Por isso as ruas estão todas sujas, elas que sempre foram um padrão de limpeza. Charles, candidato a vereador pelo MDB, tagarelava no bar:

— “O prefeito atual é da Arena, já disse que os buracos serão tapados até o dia da festa da padroeira, 15 de agosto. Demagogia pura, as eleições vêm aí, né?”

Em 30 ou 40 minutos, Sílvio finalmente na linha. — “Doutor, e a candidatura do senhor, como é que está?”

— “Tá pra valer!” — “O senhor poderia me dizer como é que foram as providências para que tudo corresse bem?”

— “Ora, não por telefone, não é, meu filho?” Ismail Xisto, sujeito dos seus 45 anos, de fala e modos educadíssimos, chama deliciosamente a política de cachaça. Como todas as pessoas da cidade que tenham tido algum tipo de transação com os Januzzi, refere-se a eles filialmente. Ou seja, Sílvio por exemplo:

— “Eu não queria mais me meter com política” — é Ismail falando — “mas o Sílvio entrou, ihh, danou-se. Minha mulher é que não gosta muito, o que é que eu posso fazer?”

Ele mora numa rua chamada Lourenço Januzzi. E no caminho, cruza-se com a Rua Raphapel Januzzi; diz ele que há também uma Rua Ana Januzzi.

— “Acho que é a mãe deles.”

Esta senhora, sim, deve ser uma grande figura de matriarca. Aos 92 anos, já sem poder mais deixar o Rio regularmente como fez até um ano atrás, ainda recebe a religiosa visita dos filhos, semanalmente, ela que é apenas 28 anos mais nova que a cidade onde os Januzzi tradicionalmente detêm uma parcela do poder político. E a riqueza dos Januzzi, de onde vem? Consultados Ismail, Charles (o candidato a vereador) e alguns outros, ninguém soube responder ao certo. A família é rica há mais tempo do que eles possam ter-se preocupado em saber por quê. Contam-se anedotas na cidade sobre essa riqueza. Que a última casa derrubada na Avenida Atlântica, no Rio, era de um deles. Que o terreno, só o terreno, foi vendido por 3 milhões de cruzeiros. Que os azulejos, importados ainda de Portugal, vieram para Valença revestir uma parede da mansão de Luís Januzzi. E que um dia Luís passou em frente desta casa, antes de ser demolida, e gostou tanto que manifestou a intenção de comprá-la, sem lembrar que a casa era dele mesmo...

— “Tomara que a mãe deles nem venha a saber que são candidatos um contra o outro, ia ser um baque para a velha.”

Conta-se que os dois ainda a consultam para muitos negócios.

— “Eles ainda têm mais um irmão, um baixinho, o

Osvaldo, engenheiro agrônomo, difícil aparecer por aqui.”

Aos 27 anos, formando-se em Economia, trabalhando como vendedor de roupas, casado com a irmã de um fazendeiro (ela também estuda Economia), Charles diz que pretende retirar sua candidatura à vereança.

— “Só entrei porque o Sílvio insistiu. Mas não gosto de política, e muito menos de políticos. São uns caras que te cumprimentam quando as eleições estão chegando.”

Além disso, Charles pretende ir trabalhar fora. Talvez em Belo Horizonte, pois a fábrica da Fiat em Betim abre novas perspectivas para economistas e outros profissionais. Valença é pouco, com suas 5 ou 6 fábricas de tecidos (uma delas fornece exclusivamente para a Gledson de São Paulo — “a roupa já sai daqui com etiqueta e tudo”), sua agricultura cujo forte é o leite.

— “Uma coisa eu lhe digo” — Ismail pede que se preste muita atenção ao que vai dizer — “não se pode falar em Valença sem falar da igreja. Dia 15 de agosto, dia da padroeira Nossa Senhora da Glória, cê não sabe de onde chega tanta gente. Aqui em Valença, bateu o sino, acaba a cidade. Cidade muito religiosa.”

Ninguém se esquece de lembrar também do Carnaval. Principalmente porque entre os blocos — “o menor sai com mais de 180 pessoas” — o mais animado é sempre a Escola de Samba Unida Aparecida, comandada pelo Capitão do Samba O Capitão do Samba é Sílvio Januzzi. Ele, como ex secretário municipal de Turismo, é o grande incentivador do Carnaval e de outras festas da cidade.

— “Charles, o que você acha desse problema com a candidatura do Sílvio?”

— “Vou te dizer, sinceramente eu não acredito que esse negócio de veto tenha partido diretamente do major Renato, tá entendendo? Ele agora tá em Petrópolis, mas gostou tanto da cidade que continua fazendo Direito aqui. Sujeito espetacular, fora de série. Jogava futebol de salão, futebol de campo, ele que promoveu aqui, assim, uma aproximação entre, sabe? o civil e o militar, promovia campeonatos lá em cima no Batalhão, levava os estudantes, cara cem por cento. O nome dele inteiro é Renato da Silva Gosling, primo do Hilton Gosling, da seleção brasileira, era da diretoria do América, trouxe o América aqui duas vezes pra jogar, de graça, hospedou lá no quartel. Olha, pois o próprio Sílvio tava lá na cerimônia de transmissão de cargo, quando ele foi embora daqui, promovido a tenente-coronel. Não acredito que tenha partido dele esse veto; fiquei muito amigo dele cê tá entendendo? Acho que ele não faria isso não.”

Às onze e meia da noite, ao contrário de milhares de cidades do interior do nosso Brasil, ainda há alguns sinais de vida nas ruas centrais de Valença. Uma garota bonita, moreninha de não mais que 17 anos, vestida de blue-jewans, caminha apressada mas despreocupada entre os últimos grupinhos de homens que ainda conversam na rua para pedestres, perto da pastelaria do chinês. Na esquina, mais distantes, três rapazes, discretamente homossexuais, despedem-se. O posto telefônico fechou às 10. O bar da fofoca também. Mas dez minutos e Valença inteira estará recoberta. Não está nada com o risco de poder vir a ter o prefeito Sílvio como prefeito. Querem saber de uma coisa? Vamos deixar Valença em paz.

O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é talvez o mais versátil.

Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm!

Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento.

Só. E feliz carro novo.

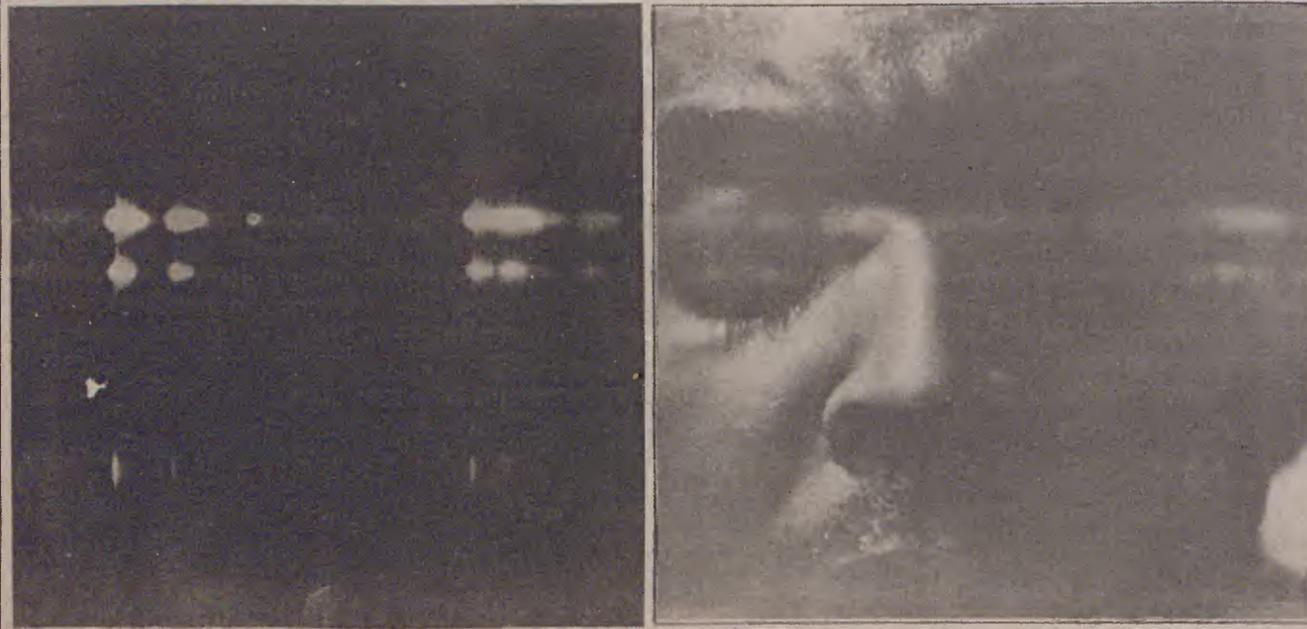


MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

GILBERTO GIL

O repórter Hamilton Almeida Filho foi a Florianópolis para fazer uma entrevista com Gilberto Gil. Voltou com um depoimento que pode se transformar numa importante peça para a discussão do tema que, a partir desse episódio, pode ganhar outra dimensão no Brasil.

Fotos Amancio Chiodi.



Domingo na clínica.

Os 250 pacientes do Instituto São José, clínica psiquiátrica particular, tinham sua vida modificada pela presença de dois novos internos, no segundo dia de tratamento. Um grupo, liderado pelo Vovô Simões e Pintado, terminava os preparativos para um churrasco, nos fundos da clínica, em homenagem aos dois recém-chegados. Outros já estavam no pátio, bem vestidos, tomando sol sentados nos bancos, ou andando pra lá e pra cá, embora as visitas só começassem às duas horas. Mais um grupo se misturava a visitas fora do horário, todos sentados nos degraus ou em volta de uma das quatro casas onde ficam os oito apartamentos particulares da clínica, esperando os homenageados acordarem.

Lá fora, desde a manhã, também já havia movimento, na pracinha de São José, pequena cidade (2 mil habitantes) a 15 quilômetros da ilha de Florianópolis e à beira do mar. A cidade é praticamente a pracinha onde estão os bares, a Prefeitura, um casario antigo, oito palmeiras imperiais fazendo fronteira com os muros amarelos da clínica. Normalmente, é a clínica que justifica o movimento local. Nesse domingo então, havia um clima quase elétrico: carros de fora, footing matinal, cocotas catarinenses zanzando entre o sol de inverno e o interior de uma lanchonete, espécie de discoteca local. Havia dois estranhos no ninho.

Gilberto Gil e o baterista Chiquinho dormiram quase até meio-dia. Logo que acordaram, tiveram uma entrevista com o psiquiatra Pedro Largura, de 35 anos, diretor do Manicômio Judiciário do Estado e responsável pelo internamento dos dois ali, até a transferência para o Rio de Janeiro. Depois, foi a vez dos advogados entrarem no apartamento dos artistas.

Por fim, Gil surgiu na porta. Camiseta azul, calças-jeans, sandálias amarelas e meias de lã laranja, cabelo repartido ao meio e esticado e preso nas pontas por papelotes brancos. Bonito e sereno.

— "Olha quem tá aí, meu irmão!"

Entramos, mal deu pra gente se abraçar. Pintado veio trazendo recado, que o churrasco estava passando do ponto. Gil e Chiquinho se apressaram no banho. O apartamento, uma saleta, o quarto com duas camas brancas de madeira, e o banheiro; ficou cheio de gente, esperando do lado de fora. Doutor Enio Luz, um dos três advogados, comentava:

— "O tóxico aqui em Florianópolis não se constitui em um problema social. O problema aqui, no mundo do crime, é o cheque sem fundo, estelionato."

E na roda, outro paciente qualificado, vizinho de apartamento de Gil e Chiquinho, doutor Decio, médico oftalmologista, que cumpre tratamento há quatro meses pelo mesmo crime de Gil, procurava explicar a clínica para nós:

— "Quase 50 por cento aqui é alcoolismo. Muito desajustado social também. Poucos estão aqui por problema de drogas. Essa é a melhor clínica do Estado. Um apartamento desses custa 300 cruzeiros à diária, por pessoa. Eles têm convênio com o INPS, que paga 105 cruzeiros por paciente de enfermaria. Eu tou aqui esse tempo todo, porque resolvi aproveitar a oportunidade de observar a fundo o tratamento dos doentes mentais."

Doutor Pedro Largura, indo embora com um disco **Refazenda** autografado por Gil, se escusava de prestar declarações. Motivos éticos:

— "Um juiz depende muito, digo quase que totalmente, da resposta que a gente pode dar num caso como este dos dois rapazes. Foi reconhecida nos dois uma dependência psíquica, fundamentada na observação e na entrevista psiquiátrica. No meu trabalho de diretor do Manicômio Judiciário, se concilia os aspectos médicos e os legais. Eu respondi a duas perguntas do Juiz. Como em todo trabalho humano, o bom-senso tem que caminhar junto com a técnica."

— "Doutor Pedro, tóxico é um problema grave por aqui?"

— "O uso de tóxico é frequente hoje em toda a parte. O contexto social, a sociedade de consumo, é muito exigente com o homem.

Mas aqui, o homicídio é que predomina. O crime aqui é mais naquela base do gatilho."

Gil e Chiquinho, integrantes dos **Doces Bárbaros**, o mais novo conjunto formado na música popular brasileira (quatro compositores-cantores: Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa; e sete músicos: Chiquinho Azevedo, baterista; Djalma Correia, percussão; Arnaldo Brandão, baixo; Mauro Senise, flauta e sax; Tomás Improtta, piano; e Tuze de Abreu, flauta e sax), foram os dois únicos que não chegaram a ficar nem 24 horas em liberdade, em Florianópolis. Era a quarta cidade visitada em sua excursão, depois de São Paulo, Campinas e Curitiba. Tinham chegado a Florianópolis na véspera do show.

Foram presos no dia seguinte, às 8h30 da manhã, no quarto do Hotel Ivoram, numa diligência comandada pelo delegado-adjunto de Tóxicos, Elói Gonçalves de Azevedo, de 30 anos, com 5 de carreira, que encontrou com os dois artistas 0,75 g (Gil) e 2,5 g (Chiquinho) de maconha.

A prisão se deu a partir da denúncia de um advogado do Paraná, conterrâneo do delegado, que lhe falou suspeitar terem os Doces Bárbaros atuado "maconhados" nos espetáculos que deram entre 1 e 4 de julho em Curitiba. No dia em que o grupo chegou à ilha de Florianópolis, passou a ser seguido por policiais, até mesmo à noite, quando a convite de autoridades e amigos foram participar da Festa da Tainha, na Lagoa da Conceição, a 15 quilômetros do centro, do outro lado da antiga Ilha de Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis.

Florianópolis, uma cidade de pouco mais de 150 mil habitantes, onde o trauma urbano ainda não penetrou. Bonita, limpa, ruas estreitas, sem congestionamentos ou pressa, habitada por uma gente acolhedora. Uma cidade própria para o turismo, cada vez maior, principalmente de gaúchos, paranaenses, paulistas e até mesmo argentinos.

Mesmo com dois elementos presos, os Doces Bárbaros atuaram no dia marcado, com Gil e Chiquinho autorizados especialmente pelo Juiz Ernani Palma Ribeiro, da 1ª Vara Criminal. O resto da excursão ficou adiado (faltando Porto Alegre, Salvador, Brasília, Belo Horizonte e Rio); e Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia, antes mesmo do julgamento dos companheiros, retornaram ao Rio de Janeiro, constrangidos e indignados.

Mais tarde, Gil diria:

— "As pessoas ficaram muito abaladas. A gente usou uma figuração, um furacão, pra definir. Quer dizer, quem tá no centro do furacão, não sofre a ventania. É o vértice, aquele ponto quase parado. O que devasta é o que gira em volta. As pessoas que estavam em volta evidentemente foram mais devastadas do que nós."

Gil, julgado no dia 15 último, foi condenado a 1 ano de prisão, transformado pelo Juiz Palma Ribeiro em tratamento psiquiátrico, por ter-se declarado "viciado". Chiquinho, no dia seguinte, recebeu igual sentença.

Como local para o tratamento, escolheram o Sanatório Botafogo S/A, no Rio de Janeiro onde ficarão sob os cuidados médicos do dr. Oswald Morais de Andrade — uma das maiores autoridades em toxicologia do País, participante da reformulação da Lei

de Tóxicos. O tratamento, com o tempo, e de acordo com o médico, poderá ser transformado em ambulatorial, não sendo preciso, portanto, que o internado se prolongue pelo tempo da pena.

Na cadeia pública de Florianópolis, Gil e Chiquinho foram visitados pelo Prefeito Espiridião Amim, conhecido na ilha como Dão. Que declarou ao **Correio do Povo** de Porto Alegre:

— "Não tenho nada a declarar sobre o problema de foro íntimo do artista. Se ele é viciado, o problema é seu. Considere o cantor Gilberto Gil um dos expoentes da música popular brasileira. Como figura humana, ultrapassa as expectativas. Se fizermos uma pesquisa perante os florianopolitanos, vamos chegar à conclusão de que 80 por cento não recebeu muito bem a prisão de Gil; os outros 20 por cento não tomaram conhecimento."

Antes do julgamento, Gil e Chiquinho ficaram na clínica São Sebastião (de oftalmologia); e depois, foram removidos para a clínica São José, por falta de vaga no Manicômio Judiciário do Estado.

O churrasco do domingo, homenagem a Gil e Chiquinho, terminou quando a clínica já estava cheia de visitas. O próprio Gil recebeu uma demonstração insólita de carinho. 38 pessoas, habitantes de São José, gente do povo, senhoras com suas crianças, casais de namorados, se comprimiram na sala de espera para ouvi-lo. Uma mulher, grávida, com dois filhos pequenos pelas mãos, foi a portavoza do grupo. Queria saber de Gil a explicação do acontecido e, depois de ouvir a resposta, pediu-lhe que falasse às crianças, definindo inclusive o que era uma criança. Gil explicou que a criança é o ser mais puro, porque está mais próximo do desconhecido de onde veio. Quase não aguentou de emoção, e, virando-se para todos, chegou a dizer:

— "Eu só não choro porque não é preciso."

Ali, na sala de espera, deixou prometido aos habitantes de São José, que começará imediatamente a escrever um livro, onde exporá suas ideias. Antes de sair, uma preta velha se aproximou e, ao abraçá-lo, silenciosamente, explicou-lhe um passe.

Sobre estas manifestações de afetividade, que foram muitas na cidade, Gil comentou mais tarde:

— "O medo deles é de que a culpa pelo acontecido, digamos assim, seja colocada na comunidade deles; no sentido de resgatar a comunidade — no sentido de exorcizar uma malignidade repentinamente constatada dentro da comunidade."

Depois do encontro com os habitantes de São José, Gil, por duas horas, concedeu o depoimento que segue. Depoimento exclusivo a mim e ao editor do jornal **Boca do Inferno**, de Salvador, João Santana Filho.

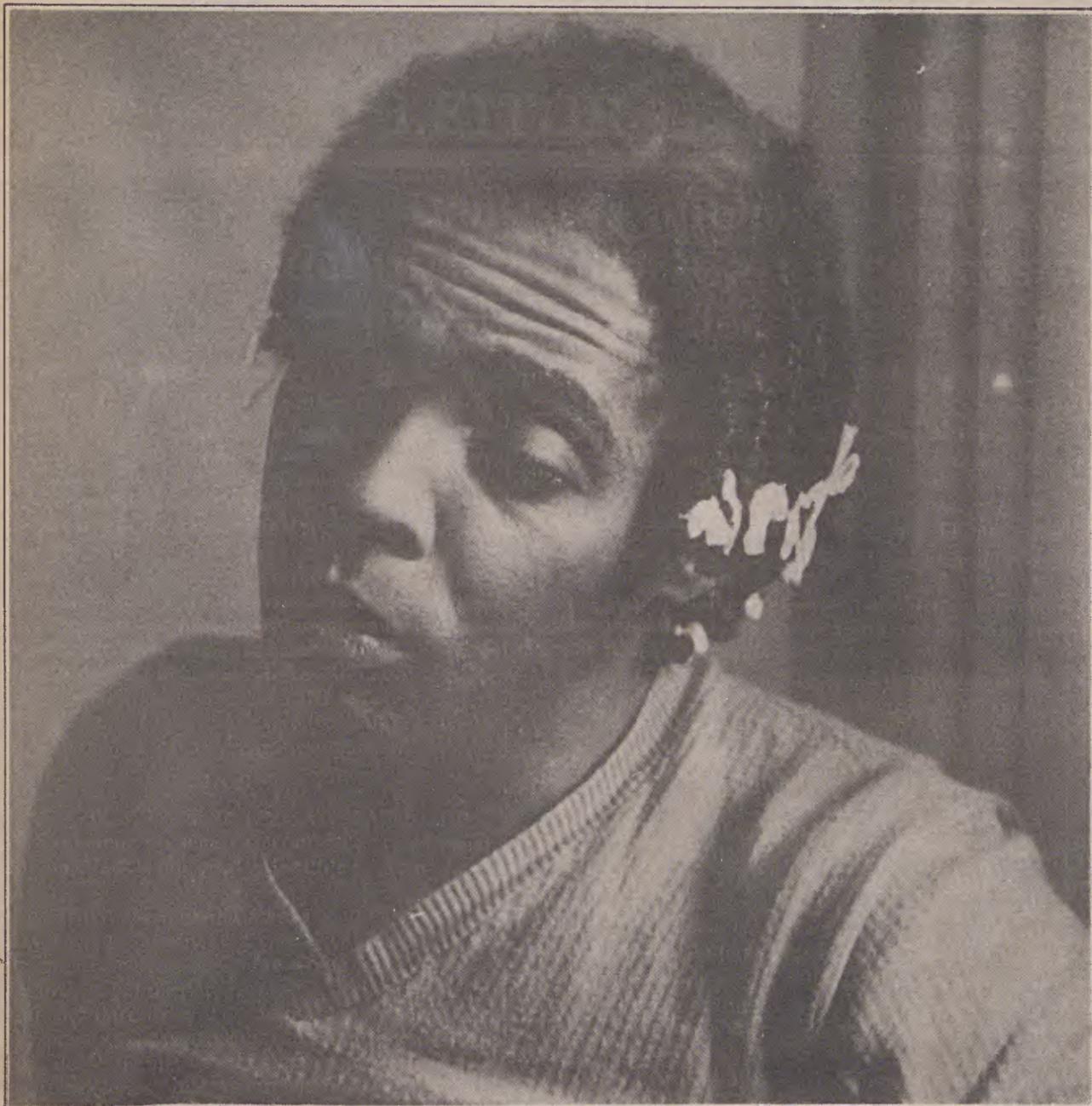
Conheço Gil há mais de oito anos. Em vários momentos de sua carreira, participei como amigo ou como jornalista, entrevistando-o seja em Nova York (em sua primeira apresentação nos Estados Unidos) seja em sua chegada ao Brasil, de volta do "exílio" de três anos em Londres, ou mesmo em Salvador, quando ele começou a procurar mais profundamente suas raízes místicas. Eu admiro a sua sinceridade.

Como quando, ainda sob o impacto emocional das visitas em massa que recebia na clínica São José naquele domingo, ele me disse já exorcizando a emoção:

— "Deus que me livre da vaidade!"







O DEPOIMENTO

"Há males que vêm pra bem!"

Têm de as coisas que eu falei logo de início, que me parece representar bem o sumo, o substrato do que eu poderia, da forma mais honesta, dizer ou constatar, de tudo o que me aconteceu. Seria assim o lado confessional mais profundo. Foi exatamente eu ter dito que "fumar maconha nunca me fez mal, em termos absolutos, em termos do que se pode julgar como mal, e nunca me levou a fazer mal". Isso é o que eu posso testemunhar como experimentador da coisa. Como homem que fez e faz a experiência de fumar.

O Juiz fez questão de iniciar a decisão dele, o discurso dele como Juiz, com essa citação minha. Eu tenho a impressão de que ele captou exatamente como eu vejo. Assim, como uma declaração que estabelecia de pronto e sinteticamente o sentimento genérico que eu tenho em relação ao fato de estar envolvido com isso. De ter sido obrigado a manifestar publicamente o meu envolvimento.

Outra frase que eu disse, que é corriqueira, vulgar, mas que é típica ao caso: "há males que vêm pra bem".

Na medida em que eu sou uma figura nacional, uma personalidade conhecida no País inteiro, uma pessoa de reputação a níveis de massa, exposto a opinião pública, qualquer coisa que aconteça comigo está acontecendo com todo mundo. Então eu não podia de maneira nenhuma assumir a autocompaixão. Eu não podia ficar penalizado comigo mesmo ou coisa assim. Eu tinha imediatamente que entender que muita gente estava naquele barco comigo.

No caso era uma discussão que não era minha, da minha pessoa em relação à Lei. Mas da sociedade brasileira toda. Eu fui consciente dessa minha condição, desse meu status. Há sempre alternativas de escapatória, quer dizer, sempre se pode tentar escapar da responsabilidade, através de vários procedimentos. Essa possibilidade sempre há, existe para pessoas muito menos importantes, no sentido sócio-cultural, do que eu. Eu podia ter tentado não assumir. Eu achei que não era hora de fugir.

Eu achei que já era hora de que alguém assumisse isso. Era preciso que houvesse uma possibilidade de esclarecimento. Que alguém tivesse — não é coragem bastante — mas que alguém tivesse sossego, tranquilidade, correção. Tivesse correção bastante para assumir, para dizer às pessoas o que é que acontece. O que é verdade, como é que são as coisas. Passar um pouco da ribalta para o proscênio. Eu achei que tinha chegado a hora e não tive nenhuma dúvida a respeito disso.

Havia até o convite, mais ou menos velado, para que isso não fosse feito. Quer dizer, havia a possibilidade de que eu não me responsabilizasse pela coisa.

Eu achei que era mais positivo, eu achei que era mais correto, eu achei que era mais eficaz assumir tudo. Diante de uma série de coisas a nível pessoal, diante do meu pai, de minha mãe, dos meus filhos, e diante da sociedade como extensão de tudo isso. Que a comunidade brasileira toda, no caso de um artista como eu, não é nada mais nada menos do que a minha extensão do meu próprio núcleo básico. Ou seja, pai, mãe, mulher e os filhos.

"Quanto mais perto da verdade eu estiver, mais protegido eu estou."

Quando eles chegaram eu disse tudo. Tudo o que era verdade. Por exemplo: poderia ser atenuante pra mim, no sentido do julgamento dos fatos, eu ter dito que o cigarro de maconha não era meu, ou que tinha sido posto na minha bolsa. Eu não.

Eu disse que tinha trazido de São Paulo, porque eu tinha trazido de São Paulo. Eu tinha recebido de presente lá. Porque eu não compro maconha. Eu não compro porque eu não preciso. As pessoas me dão. As pessoas têm. Eu vou a lugares onde as pessoas têm.

Me sentei e disse a verdade. Eles pediram pra revistar o quarto, e revistaram. Eu não fiz nenhuma oposição. Eu fiquei quieto, esperando, porque esse tem sido meu aprendizado. Eu tenho me pautado por esse tipo de comportamento, de uns anos pra cá, depois que algumas coisas me foram reveladas ao nível da

alma, e do espírito, e do corpo também. Eu passei a entender que, quanto mais perto da verdade eu estiver, mais protegido eu estou.

Então, pronto, eu contei tudo.

Ele me perguntou, no quarto, se eu tinha outras drogas. Eu disse que não, e não tinha. Ele perguntou se eu usava outras drogas, eu disse que não, porque eu não uso. Ele perguntou se eu já tinha tomado LSD, se eu tinha LSD. Eu disse que não tinha, mas que já tinha tomado na Inglaterra, no tempo em que eu vivi lá, o que era verdade, porque não tem sentido nenhum negar isso. Eu acho até que é importante, é uma coisa que foi culturalmente discutida, a níveis profundos no mundo todo. Por que não no Brasil?

Por que manter esse obscurantismo todo, esse medo da modernidade, esse medo da atualidade, esse medo de estar no mundo de hoje? Havia a oportunidade, naquele momento, de dizer, de mostrar ao povo, que agente está vivendo no mundo de hoje, com toda a fenomenologia do mundo de hoje.

Então foi isso. Eu me decidi nesse sentido. E isso foi o que eu disse ao delegado no quarto do hotel, foi isso que eu disse ao delegado ao prestar meu depoimento de autuação, foi isso que eu disse no júri. É isso que eu tenho dito à imprensa.

Na verdade, depois que eu experimentei a maconha, passei a fazer uso dela, tive possibilidades, realmente, de aparar certas arestas que eu mesmo encontrava no meu ser, na minha personalidade. Tive oportunidade de enfrentar o medo do mundo e o medo da vida. Serviu realmente, se tornou um aliado meu. Se tornou um aliado meu, como diz Casteñeda. (Carlos Casteñeda, autor de *Ensinamentos de Don Juan*. NR) Me deu condições de ver melhor certas coisas. De me colocar melhor diante da complexidade do mundo de hoje.

"Nós temos que nos colocar embaixo da pele de vocês." (O Juiz)

Isso sou eu. Agora, a Lei, aí são outros 500.

Primeiro ela em si, como representação do exercício do poder. E depois, a Lei como interpretação do conhecimento que a sociedade, o homem, procura ter a respeito de seus próprios atos.

Quer dizer, a responsabilidade social do cidadão.

Isso eu conversei com o Juiz. Eu dizia que a Lei é uma coisa medular. Quer dizer, ela é colocada verticalmente, faz um corte vertical nos valores da sociedade, exatamente sem levar em consideração os aspectos particulares dos lados que ela corta verticalmente.

Eu me lembro de que o Juiz me contestou, isso foi numa conversa à parte minutos antes da audiência. Então ele disse assim:

— "Mas Gil, onde é que está o dinamismo da Lei?"

— ele me perguntou

— "Você falou dessa verticalidade. Mas a Lei não vibra? Não tem um caráter vibratório?"

— disse:

— "Eu creio que sim."

Ele fez a pergunta já pra propiciar uma resposta dele mesmo. Então ele disse:

— "Evidente que sim, Gil. E você sabe onde é que está esse dinamismo da Lei? Está na jurisprudência, que é criada pelos homens, pelos Juizes que somos nós, que somos iguais a vocês, indolentes ou acusados, que somos humanos e que temos obrigação de ver o problema, ou pelo menos buscar conhecer o problema da mesma forma que vocês conhecem. Ou seja, nós devemos buscar o mesmo nível de envolvimento que vocês têm. Nós temos que nos colocar embaixo da pele de vocês. É isso que cria as modificações, a jurisprudência. E a jurisprudência vai se acumulando, até que ela se torna maior, mais forte que a própria Lei, e obriga a substituição da Lei."

Isso foi uma conversa que eu tive com o juiz.

"Eu estou aguardando o seu pronunciamento, porque eu tenho crianças em casa." (O Promotor)

Me lembro que o Promotor fez o pronunciamento dele, se referindo à maconha como erva maldita, e todos aqueles jargões de saneamento, desse mal da sociedade. Justificando a posição da Lei. No fim, depois da audiência, eu estava fazendo uma entrevista com os repórteres, ele entrou na sala e disse:

— "Doutor."

Eu respondi:

— "Pronto, doutor."

Ele disse:

— "Eu posso lhe chamar de doutor? Porque eu soube que você é formado em Administração de Empresas."

Então ele disse:

— "Eu não tenho nada contra a música. Agora, eu estou esperando o seu pronunciamento, porque eu tenho crianças em casa, e eles não me seguem a mim, eles seguem a você."



Evidentemente é uma frase muito radical, e a gente não pode tomar ao pé da letra, mas que a gente pode entender o significado. Ele queria dizer que eu, como uma pessoa da **média** — da televisão, do rádio, do cinema, do disco, da coisa toda — quer dizer, os meninos estão aí, e eu sou um elemento da cultura viva de hoje, e portanto posso ser exemplo disso ou daquilo. E eu respondi a ele:

— "Não se impaciente, doutor. Pode ficar tranquilo que suas crianças ouvirão o meu pronunciamento. Elas saberão o que eu vou dizer."

E é o que eu estou fazendo agora.

"Pra mim o fumo não é Deus nem é o Diabo."

Isso eu queria falar. Nesses últimos dias, aqui, eu conversei com médicos, psiquiatras. E o que a gente podia extrair do nosso consenso é o seguinte: maconha, ou qualquer outra droga, ela pode ser boa, e ela pode ser má.

Há pessoas que podem fumar maconha, e há pessoas que não podem fumar maconha. Eu acho que a opinião médica — se a opinião psiquiátrica atual, mais moderna, pudesse ser exposta — eu duvido que fosse outra. Há pessoas que podem tomar café, e há pessoas que não podem tomar café. Há pessoas que podem comer carne, e há pessoas que não podem comer carne. Há pessoas para quem certas coisas, as mais corriqueiras e simples, podem proporcionar perturbações mentais, perturbações da personalidade e da alma, do comportamento.

O que falta na verdade é isso: a Lei, por ser medular, perde a possibilidade da apreciação individual de cada caso. Ela não considera o fato de que cada indivíduo é um todo indivisível e particular. Único, com características próprias, e que portanto a sua relação com a natureza se dá de forma diferenciada, em cada um.

Um pode chupar manga, e o outro não pode. Um chupa manga e não tem nada. O outro chupa manga e tem urticária, se intoxica. Eu acho que maconha é a mesma coisa.

Qualquer coisa é a mesma coisa.

Eu não posso mentir. Eu sei que há problemas mais profundos que invocam aspectos mais profundos. A atuação de uma coisa como maconha é num plano do que se chama modernamente de modificações do estado de consciência. E eu não sei até que ponto as modificações do estado de consciência são mais importantes, ou têm mais peso do que as modificações do somatismo, digamos assim.

Mas eu sei que na sociedade de hoje, pelo fato de o mundo girar, de os impulsos da sociedade serem todos sujeitos às idéias — a produção intelectual hoje em dia é muito mais responsável pelos destinos da civilização do que a produção material. E mais ainda, toda a produção material é consequência necessária da mente, do estado da mente do homem moderno. Então eu sei que a droga tem esse caráter mais cuidadoso, mais perigoso, porque age diretamente no centro gerador de idéias. No centro gerador do destino da Humanidade. Ou seja, da forma com que o homem se auto-encaminha — é a cabeça, a cabeça é o centro de tudo.

Então pode ser que se dê muito mais cuidado aos efeitos das drogas sobre a mente, do que aos efeitos da maconha sobre o sangue.

Eu, por exemplo, que fiz macrobiótica e que aprendi que o corpo é o templo do espírito, dou muita importância ao meu corpo. Pra mim, em determinadas épocas, era muito mais perigoso comer coisas supercondimentadas, comer enlatados que contêm produtos cancerígenos, do que fumar maconha. Uma coisa eu sabia que ia me fazer muito mal, mais mal do que a outra.

É um problema de cada um. Eu sei que tem gente que se furta com maconha, se dá mal. Mas isso não é um problema da maconha. É um problema de qualquer coisa. Então, não posso assumir a posição apologetica da maldição do fumo, como não me interessa também assumir a posição apologetica da divindade do fumo. Pra mim, o fumo não é Deus, nem é o Diabo. Pra mim,

é uma planta da Natureza que nasce e cresce. Eu nunca vi a Terra, nem o Sol, se negar a fazer a semente do cânhamo medrar. Se o cânhamo fosse uma planta maldita, eu não acredito que a Natureza fizesse com que ela brotasse. Não existe isso. A cobra morde e mata. Nem por isso é um bicho maldito.

"Estou falando para os garotões: não tem essa, não!"

Eu quero ser absolutamente sincero. Acho, por exemplo, que o entusiasmo inicial das pessoas que começam a fumar leva, necessariamente, a um exagero. A uma postura quase que ideológica, uma postura política. Fumar no sentido de contestar uma série de coisas e adotar uma posição ideológica, como se o fumo e a difusão do hábito do fumo fosse a medida necessária, fosse o sentido ideológico da ação.

Eu não concordo com isso. A mim, isso não interessa. Sou experimentado, sou uma pessoa que nos oito anos em que fumei, fui vendo que a gente fuma, mas que a gente não precisa. Eu sou viciado perante a Lei, sou viciado porque venho fumando sempre. Mas sei que há níveis de consumo; e sei que podem ser reduzidos na medida em que a unificação do ser com a natureza vai se dando.

Eu sei que o homem pode prescindir até do alimento. No livro do Paramahansa Iogananda, é citado o caso de uma mulher que há mais de 30 anos não come, e vive. Então, se o ser humano pode chegar a prescindir da comida, você imagina do cigarro, seja lá da maconha ou de tabaco. Não existe isso, essa coisa de vício é um problema que envolve mil outras coisas. Que envolve as cadeias, as garras, os aprisionamentos pelas neurosas, pelas compulsões da paixão contemporânea.

Assim como estou falando para os homens da Lei, para os homens da Justiça, estou falando também para os garotões. Não tem essa, não!

A função é libertação total, de tudo. Porque quando a gente morre não fica nada. Fica só o osso, e depois de certo tempo nem o osso fica mais. Imagine o ato de fumar cigarro, de tomar café. Essas coisas são todas supérfluas, tudo pode ser superado.

Agora, dizer que me fez mal e negar que me ajudou — exatamente me ajudou a saber até que não é preciso. Isso eu não posso negar.

Apesar de eu não concordar, não ser a minha atitude de assumir ideologicamente o fumo, assumir hábito como forma de contestação, eu entendo que eles assumem essa atitude porque são forçados por uma atitude ideológica de sentido contrário. Isso também é evidente, e é verdade. A meninada fuma para brigar com o pai e com a mãe, porque o pai e a mãe estão escondendo deles o jogo. Não estão sendo verdadeiros com eles. Então, fim de papo.

Agora, eu acho que isso dos garotões não é sem motivo. Só através dessa atitude é que eles vão chegar à eliminação. Acho que isso a Justiça, a Lei, precisavam entender. Que só sabendo, que só provando, é que se sabe. Saber vem de saborear, vem de **sapere** — saber quer dizer provar.

"A Ciência é uma coisa que está sob controle."

A Arte é instantânea, ela se cria e se dá de imediato ao consumo, ao social — ela se despeja.

A Ciência é um pouco diferente. A Ciência, de repente, teve que passar a servir aos senhores da guerra. Então a Ciência trabalha para estocagem. O que ela produz não pode ser imediatamente dado para o consumo, para o bem-estar social. O que já se sabe hoje sobre maconha, o que a Ciência já sabe hoje é suficiente para redimir a droga. Para redimir a planta, tirar dela o caráter de maldição, o conceito de maldito que ela tem. No entanto, a Ciência é uma coisa que está sob controle, a Ciência não é livre. A Ciência é apêndice do sistema todo.

A Ciência serve exatamente a tecnologia, a tecnoburocracia, que são instrumentos do poder, e a nível mais profundo, dos senhores da guerra. É tudo uma questão de você estar do lado que você quer.

Saia despreocupado, mas tenha a certeza de que existe o bem e o mal.

Eu acho muito importante a figura do mestre. Em tudo isso é preciso que haja um mestre. Que os psiquiatras, os homens da Ciência — eles deviam assumir cada vez mais a função de orientadores. É preciso o sujeito deixar provar, deixar experimentar pra saber se a gente gosta ou não gosta. Mas eu vou mais além disso. Não é saber se gosta ou não. O saber está muito além do sabor. O saber vem pelo sabor. Mas o sabor não dá todo o saber. É preciso não se prender ao sabor. Provou, gostou? Não é suficiente para achar que já sabe.

É preciso ter o mestre.

O obscurantismo sobre certas coisas é culpa dos homens da Ciência. Eles não dizem nada, e é isso que eu digo. Se a lei, se a sociedade, imputa às drogas a

Xangô chegou e disse: Deixa comigo

culpa de afastar os jovens, de levar os jovens ao caminho da desagregação, acho que essa culpa que eles impõem é uma culpa transferida, é uma culpa transferida pela responsabilidade de todos eles — de eles não terem a coragem de se tornarem mestres verdadeiros.

Eles são punidores, repressores, e ficam apenas tentando transmitir valores fossilizados, estáticos, às crianças. Devia ter um homem que chegasse dizendo: 'olha, você pode fumar maconha; você não pode fumar maconha'. Era preciso que alguém tivesse a sabedoria, acumulasse, catalogasse a sabedoria suficiente para dizer: 'você não; você não pode porque você não está na fronteira, você pode caminhar muito mais'. Isso é que seria psiquiatria, isso é que seria medicina. Isso é que seria colocar a Ciência realmente a serviço do povo.

Quem seriam os mestres? Homens de absoluta boa-vontade, homens de absoluta honestidade. Quando eu digo absoluta, eu falo de serem autênticos. É o homem que, apesar de todas as limitações éticas e profissionais, é um homem de boa-vontade. Como o dr. Ernani, o Juiz, que está lá sentado na sua cadeira dando a sentença, mas que a gente sabe, a gente conversa e vê que é um homem de boa-vontade. Pessoa também carente da substância do mestrado, pessoa a quem foi negado se formar como verdadeiros mestres. O mestre é o pai de um filho, é o filho mestre do pai, é o julgado mestre do juiz, o juiz mestre do julgado. É a comunhão total, ou então vai acabar tudo.

Em primeiro lugar, o mestre está dentro de você. Quer dizer, você tem que ter o mestre. Mas tem que ter os guias, isto por causa da experiência. Estou falando de uma coisa arquetípica, estou falando de Oxalá, você está entendendo? Oxalá, o velho mestre, o velho pai, o homem da paz. Estou falando de Oxalá — oxalá estas coisas aconteçam! Oxalá o mundo fique desse jeito! É isso.

Eu acho que é isso. É o grito interior, o pedido da liberdade, é a carência, a necessidade de informação. Na medida em que se foi percebendo que a Ciência foi obrigada a estocar informações para os arsenais, todas as informações, então nas ruas as pessoas tiveram que buscar alternativas de conhecimento.

É o tal negócio. Pode ser por acaso, porque tudo é um acaso, mas é significativo o fato de que o ácido lisérgico tenha sido descoberto junto com a bomba atômica, quer dizer, na mesma época, e teve seu segredo guardado por longo tempo. É significativo que um tenha ido pros arsenais, e a outra tenha ido pras ruas.

"Queremos saber quando vamos ter raio laser mais barato."

Eu fiz uma música outro dia para o Erasmo Carlos cantar agora, que ele vai gravar. É uma música onde exatamente eu procuro discutir isso. As palavras da música dizem isso:

Queremos saber
O que vão fazer
com as novas invenções.
Queremos notícias mais sérias
sobre a descoberta
da antimatéria
e suas implicações
na emancipação do homem.
Das grandes formulações
homens pobres das cidades
das estepes, dos sertões.
Queremos saber
quando vamos ter
raio laser mais barato.
Queremos, de fato,
o retrato mais sério
do mistério da luz
do disco-voador,
pra iluminação do homem
tão carente e sofredor,
tão perdido na distância
da morada do senhor.
Queremos saber,
queremos viver

confiantes no futuro.
Por isso se faz necessário
prever qual o itinerário
da ilusão.
a ilusão do poder.
Pois se foi permitido
ao homem tantas coisas conhecer,
é melhor que todos saibam
o que pode acontecer.
Queremos saber,
queremos saber,
todos queremos saber.

A gente está sempre pronto, tem que estar. Não é nada mais do que isso. Tá lá, o Erasmo tá com a fita lá. Nada melhor, porque diz tudo sobre isso que agora estamos discutindo.

"O governador assinou uma lei que libera o porte de vinte cigarros de maconha."

Estou falando disso, ora, meus Deus do céu, Jerry Brown, governador da Califórnia, candidato que foi à indicação democrática para Presidência dos Estados Unidos, liberou a níveis de consumo. Eu estava na Califórnia no dia 11 de julho de 1975. Neste dia estreavam os Rolling Stones.

Tecendo acasos, como você falou, eu por acaso fui convidado a tocar tamborim no show dos Rolling Stones. Tecendo acasos, nessa noite uma pessoa chegou pra mim e disse assim: "Hoje de manhã, o governador assinou uma lei que libera o porte de vinte cigarros de maconha, ou de quantidade equivalente em gramas, no Estado da Califórnia. No Oregon, parece também, se não me engano, já foi liberado em certo nível. No Estado do Alasca, no Canadá, sabe-se que cannabis sativa pode ser comprada em certos lugares, com receita, com indicações destes pais, destes orientadores. Tem muitas explicações — sociedades mais desenvolvidas, ditas com consumo de índices mais satisfatórios. Sei lá, se invoca para o Brasil uma segunda categoria, digamos, se invoca isso para justificar por que no Brasil não se pode ainda liberar.

Tem até aquela piada no **Jornal do Brasil**, de que eu teria dito: "Mas na Califórnia, não é crime", e aí o delegado respondia: "Mas nós estamos em Florianópolis", e que eu respondia: "É, mas eu pensei que era a Califórnia". Isto é piada, uma piada que saiu no **Jornal do Brasil**, mas que é o tipo de uma paródia sobre o sentido trágico deste problema.

Eu acho que há necessidade de uma revisão quanto às drogas, sob pena de que se perca a substância mais atraente da época de hoje. Quando eu falo substância, é exatamente essa necessidade — não de consumir drogas, mas a necessidade que leva a que ela seja consumida. Essa sede, essa ânsia de informação.

Aí entra o quadro político-social, econômico, a consciência do papel que a Nação queira, busque, ou pense dever representar nos próximos tempos, em relação ao mundo. Depende de que tipo de consciência nova se queira dar ao povo. Quer dizer, se o eco das conquistas liberalizantes de todos os outros lugares do mundo, deve provocar uma reação de resposta ainda mais forte no Brasil, ou se há um retraimento, um acanhamento, de dizer não a todas estas coisas. Quer dizer, se o Brasil realmente está pronto para uma grandeza internacional, no sentido de uma originalidade mesmo de formação de uma Nação moderna.

Eu acho tudo um problema de vocação. Se o poder junto com a sociedade entendem a vocação espiritualista do Brasil. Como eu entendo, como homens de conhecimento, interessados em religião hoje em dia entendem. Aí vem aquele problema da utilização do conceito de defesa, de segurança, o que é defesa para uma Nação, o que é segurança. E esse é um problema de vocação. Pra que lado a coisa vai pender? Os senhores da guerra estão dispostos a abrir mão de suas posições em favor de uma nova ordem em ascensão, ou eles estão dispostos a continuar guerreando? E, além disso, se eles estão dispostos ao suicídio, ao suicídio próprio, ou a levar ao suicídio todo o mundo.

Aí eu não sei, eu tenho estas dúvidas. Eu sou otimista. Acho, e trabalho no sentido de que a compen-sação se dê.

Agora, no Brasil, eu acho que não há antecedentes históricos, não se conhece na índole brasileira um empedernimento no sentido da violência, da tirania. Não há uma vocação assim, não há vocação nazista no Brasil. Você encontra isso aqui ou ali, mas não há vocação nazista na alma, na estrutura do pensamento do líder brasileiro. Não tem, eu não vejo que tenha, eu não vejo isso.

"A coisa se transformou num medo, numa falta de fé."

O consumo de droga era todo atribuído à criminalidade, o uso da droga como um elemento atiyante de uma necessidade criminoso compulsiva, de comporta-

mento avesso aos padrões. Era uma visão meio fatalista de que era uma ponte para o crime.

Daí, nos últimos dez anos, 15 anos, com o aumento do consumo, exatamente o hábito trazido do lumpen clandestinamente para a classe média, e mais ainda, para a pequena-burguesia e burguesia, hoje já se tornando uma coisa generalizada, para a qual já não cabe esse tipo de colocação — eu acho que fica absurdo, é totalmente ultrapassada uma visão ingênua de manutenção do preconceito que já não se sustenta em nada. É puramente uma falta de informação e um desconhecimento, e por isso mesmo acaba se tornando um sentimento. A intolerância, pelo menos quanto à discussão e aprofundamento do problema sobre as drogas, é uma coisa ingênua hoje em dia. É uma coisa que se transformou num sentimento de medo, se transformou numa falta de fé.

Tudo depende da função transformadora que cada droga tem em si, onde é que atuam no cérebro, que tipo de transformações, que partes do cérebro ativam, que órgãos de metabolismo estimulam ou inibem. Ou seja, que resultados ela acaba dando no homem, no ser humano, digamos estatística e genericamente. Só mesmo a tolerância e a vontade de conhecimento e a vontade de liberdade poderia fazer com que o conhecimento mais verdadeiro pudesse se dar. Eu acho que a liberalização ia dar uma possibilidade de relaxamento nessa tensão, nesse problema ideológico da utilização da droga como uma arma de contestação e quase que puramente, unicamente isso.

A liberalização gradativa e a adoção da figura do Mestre. Era preciso que houvesse tudo isso.

"No meu caso, eu acho que a maconha está em julgamento."

Espero que não joguem fora a oportunidade oferecida por todos nós. Até por eles mesmos que fizeram. Por mim, por ter assumido tudo e me ter comportado como um atenuador da discussão, como uma pessoa que procurou não exacerbar nenhum dos lados da polêmica. Eu achava justo que o meu comportamento até agora fosse visto como uma atitude de boa-vontade. Espero que seja assim, porque realmente esta é a minha intenção. Não é nem no sentido de uma intenção sabida, de um jogo, de uma cartada. É no sentido da verticalidade mais profunda que eu possa obter de mim mesmo. Da vontade mais profunda de ajudar, de ser povo, de ser sociedade, de ser coletividade, e assumir com ela a problemática geral dela. Eu gostaria que tudo fosse visto desse jeito. Como eu estou tentando me mostrar.

Eu acho que sou em si o exemplo de tudo isso.

Se você faz a relação homem-maconha, mente-maconha, trabalho-maconha, criação-maconha, comportamento-maconha, e assim por diante, e você busca todo esse relacionamento numa pessoa como eu, e vê o quadro estatístico da produção, do meu comportamento, você não pode a partir disso imputar à maconha a maldição que ela tem.

Como que ela é maldita, se uma pessoa que se deu a ela, que se aliou a ela, não se tornou maldita? É preciso um pouco que a minha pessoa, o meu trabalho e o meu comportamento sejam julgados. Isso para que se julgue a maconha, você tá entendendo? No meu caso, eu acho que a maconha está em julgamento, mas num novo plano de julgamento que ela não tem estado até agora. Ela está sendo julgada em função do meu julgamento.

"Xangô chegou e disse: Deixa comigo, sou eu mesmo, sou eu que estou fazendo isso."

Evidente que eu me senti violentado. Houve um choque. Agora, é o tal negócio, cada um tem os seus meios de curar suas feridas e tem seus prazos de curar suas feridas. Eu procurei curar de imediato, eu procurei ficar quieto logo. Quando eu saí do quarto preso, já estava calmo. Já não estava mais sob o impacto da comoção, que não me interessava. Aquele estado de abalô interior poderia me enfraquecer, e portanto me prejudicar. Prejudicar a minha lucidez para enfrentar toda a teatralização que realmente se deu, a coisa toda.

E aí, meus aprendizados todos, meus mestres todos, Ramana Mahasi, Iogananda, e o I-Ching, a macrobiotica, George Osawa, e todos chegaram e me seguraram, e Jesus e todo mundo.

Eu sou religioso, todo mundo sabe. Oxalá. E Xangô principalmente. Era no dia dele, ele é meu santo. Xangô chegou e disse:

— "Deixa comigo, sou eu mesmo. Você sou eu, e eu sou você. Sou eu que estou fazendo isso, então deixa que é comigo."

Aí eu deixei. Foi assim mesmo. Transferi. Ou seja, na linguagem corriqueira, desbaratinei. Quer dizer, desbaratinei rapidamente, fiquei na minha.

O que disse o juiz, a sentença

"... Após a sua prisão e entre suas primeiras declarações feitas à imprensa, Gilberto Gil declarou que "gostava da maconha" e que seu uso não lhe fazia e nem lhe levava a fazer o mal. Em Juízo, Gilberto Gil declarou que o uso da maconha "o auxiliava na introspecção mística".

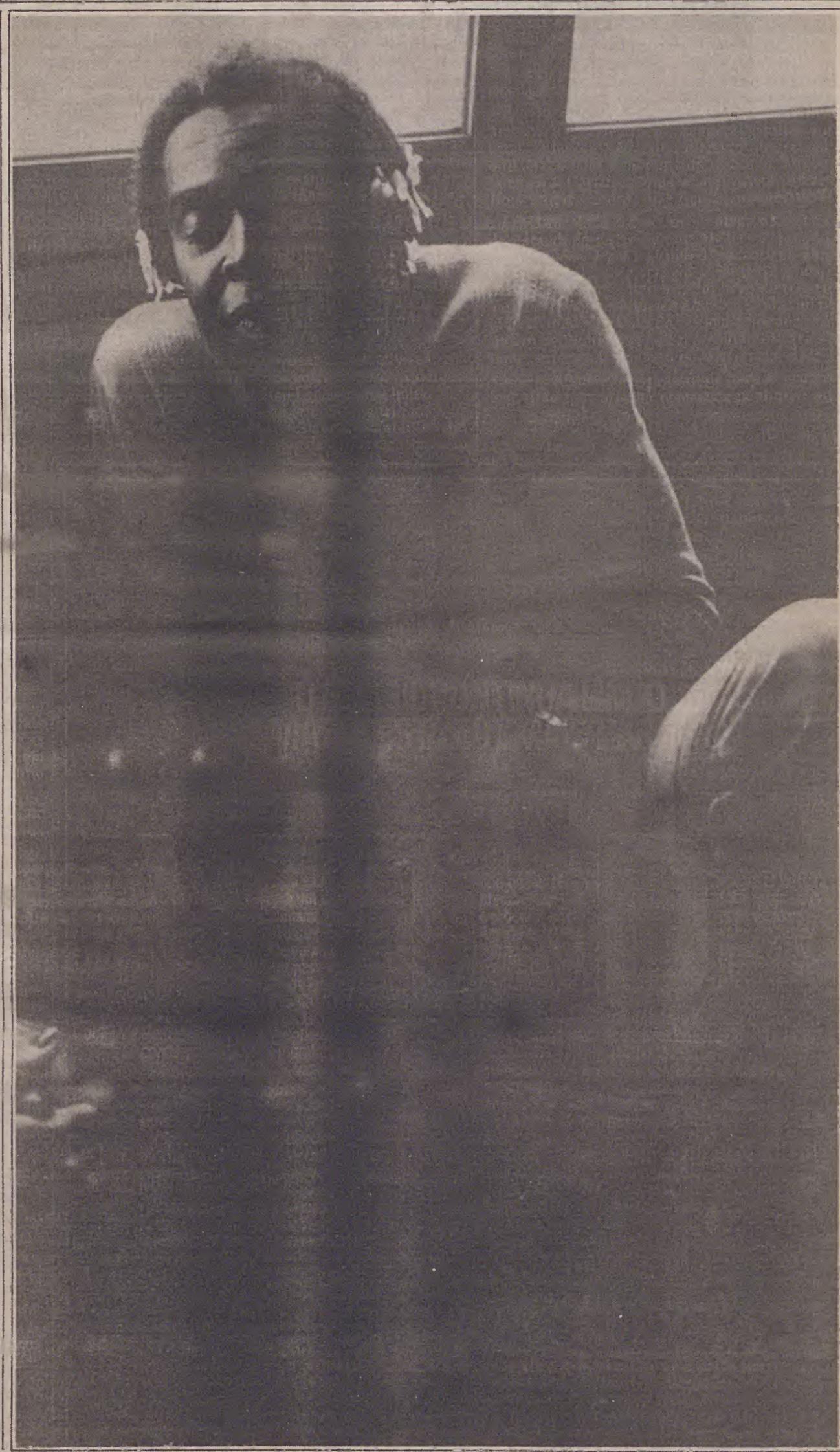
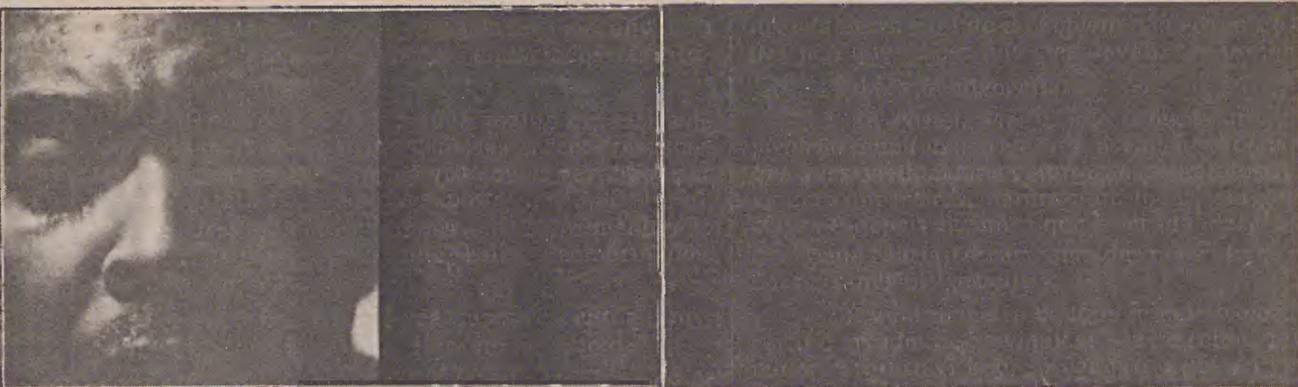
"Em que pese a espontaneidade dessas afirmações elas discrepam frontalmente da opinião de abalizados estudiosos do assunto, psiquiatras, psicólogos, professores, juristas, legisladores, citando nessa oportunidade apenas para ilustrar o professor e jurista Vicente Grego Filho e Edvaldo Alves da Silva e os juizes de Direito Menna Barreto e Hélio Sodré. Assim as palavras primeiras de Gilberto Gil podem ter a mesma ressonância rítmica e poética de "Refazenda", o Abacateiro, mas não encontram ressonância na ciência e experiência humana. Apesar disso, não se pode afirmar que Gilberto Gil, umas das lídimas expressões da música popular brasileira, incontestemente ídolo da juventude seja o apologista inconsciente do uso da droga. Pelos rápidos contatos que tivemos nesses dias, pela lúcida inteligência e apreciável cultura, depois desse affaire, pela medicação e tratamento a que está sendo submetido, com a mesma sinceridade com que se manifestou pelo gosto do uso da maconha, possa vir, no futuro próximo, dizer ao seu imenso público e a seus fãs que efetivamente estava equivocada e que não precisa de drogas para concretizar um encontro consigo mesmo e com sua realização artística".

"... O denunciado na fase policial, como em seu interrogatório em Juízo, com simplicidade e espontaneidade, confessou a posse de maconha e perante os médicos psiquiatras que o examinaram, declarou que já vinha usando a maconha há cerca de oito anos. Como a ninguém é dado ignorar a falta de alguém guardar, trazer consigo ou usar substância entorpecente, sem autorização ou em desacordo com a determinação legal, constitui crime pois o dolo é a conduta consciente contrária à lei. É a vontade dirigida a um resultado anti-jurídico. Todavia, na espécie dos autos, ficou comprovado que em razão do vício o denunciado sofreu uma diminuição de sua capacidade de auto determinar-se e de agir segundo os ditames da lei, ao mesmo tempo que foi surpreendido em posse da droga. Nessas condições, o denunciado é parcialmente responsável com respeito unicamente ao uso da maconha. Afirmaram textualmente os senhores peritos: "O uso habitual da cannabis nativa e os sintomas apresentados pela supressão da mesma evidenciam um estado de dependência psíquica à droga. Neste estado, possuía o entendimento dos fatos, porém a capacidade de auto determinação encontrava-se diminuída em função da dependência".

Essa afirmativa dos senhores peritos, em confronto com as disposições da lei anti-tóxico modificam a situação jurídico-penal do denunciado, que embora infrator da lei não fica sujeito ao cárcere, mas a um período de internação em estabelecimento hospitalar especializado, pois na verdade, não se trata de um criminoso, mas de um doente a carecer de tratamento. "Ora, estando comprovada a prática de infração, na aplicação da pena, tendo em vista este Juízo as diretrizes do art. 42, do Código Penal, onde considera que o denunciado é primário na delinquência e são exelentes seus antecedentes, que o mesmo é possuidor de uma personalidade íntegra, cujo dolo é consequência do delito são comuns ao da mesma natureza, razão porque fixo a pena base no mínimo legal a um ano de reclusão e 50 vezes o maior salário mínimo vigente no país".

"Entretanto, em virtude do laudo psiquiátrico das fls. e das disposições do art. 11 da lei anti-tóxico, que diz o seguinte: "Se o vício não suprimir, mas diminuir consideravelmente a capacidade de entendimento da ilicitude do fato ou de auto determinação do agente, a pena poderá ser acentuada ou substituída por internação em estabelecimento hospitalar, pelo tempo necessário à sua recuperação", resolvo substituir a pena imposta ao denunciado por internação, temporária, em estabelecimento hospitalar que nessa oportunidade designo para o Instituto Psiquiátrico São José, até que o denunciado, por seus advogados requererem expressamente a transferência para outro local, mesmo fora do Estado, já que a respeito há jurisprudência de nossos Tribunais."

"Face ao exposto, e mais que dos autos consta, julgo procedente a denúncia para determinar a internação do denunciado Gilberto Gil no Instituto Psiquiátrico São José, por período suficiente a sua recuperação frente ao que dispõe o art. 281 parágrafo 1º, III do Código Penal, combinado com o art. 11, da lei nº 5.726, de 29/10/71. Lance-se o seu nome no "rol dos culpados como viciado, promova-se a sua remoção para o referido instituto psiquiátrico com as cautelas e recomendações da Lei".



Se o problema é falta de dinheiro, a solução só pode ser dinheiro.

O problema você deve conhecer de perto, porque é quase impossível que ninguém tenha passado por um aperto na vida.

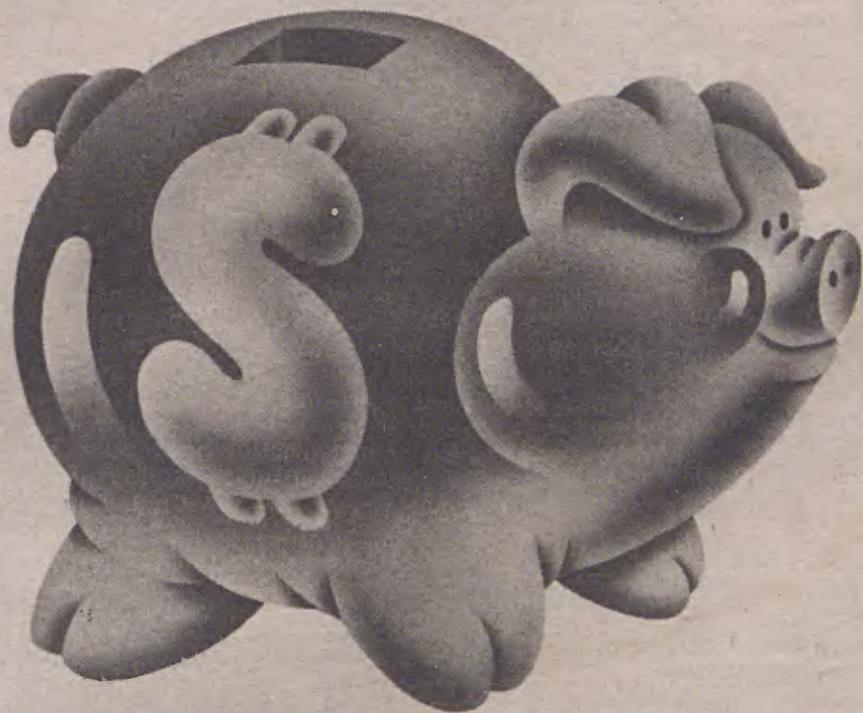
É nesta hora H que a nossa Caixa entra em cena. Através do Crédito Pessoal ela está vendendo dinheiro no atacado ou no varejo para você pagar em suaves prestações: em 6 ou em até 24 meses.

A entrega é imediata. Olha o que você precisa para ter o dinheiro na mão: em primeiro lugar, tem que ter uma conta na nossa Caixa há

3 meses. Aí então, bate um papo com o gerente da sua agência e diz quanto é que está faltando no seu bolso. Nele podem caber de Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 51.000,00.

E pronto. Você vai ver que é muito menos complicado do que imagina. O dinheiro sai e você faz com ele o que bem entender.

O Crédito Pessoal da nossa Caixa se encarrega de tirar você dos apuros de uma maneira fácil e rápida. Só na hora de gastar é que você se vira sozinho.



**Crédito Pessoal da Caixa
Econômica do Estado
-na velocidade de São Paulo.**



AQUI CORÍNTIANS



Lourenço Diáféria

"Era um trabalhador braçal do seu time. Via apenas a bola. Jogava com os olhos da alma e as antenas da emoção"

Sapo enterrado e juiz ladrão é coisa de cartola; jogador tem que ser que nem o Idário

O cronista do tobogã varou uma semana de cão. Começa que apanhou uma gripe de criar bicho, provocada pelo vento encanado do Pacaembu (no futebol, em vez de encanar o árbitro ladrão, os cartolas acham mais fácil encanar o vento). Depois houve a romaria de reclamações da fiel torcida. Que semana! Em todas as esquinas, em todas as bibocas da periferia da vida, nas barbearias de subúrbio, nos frege-moscas e nas pirambeiras, a lamentação é unânime e sentida: garfaram o Curingão!

Tal não é novidade. Desde os tempos de Idário, Touguinha e Aleixo — o legendário tri-médio — fala-se no juiz safardana que pinta e borda em cima dos sacrossantos direitos do timão. Pinta e borda e ainda sai rindo (confiando na escolta armada), sob os improperios e a retumbante vaia irada das gerais.

Entra ano, sai ano, o videotape se repete: o Curingão afanado, espoliado. Reclamar a quem? O bom cabrito não berra. Time de futebol tem de ignorar o juiz, como ignora a bandeirinha do corner. Quando o juiz faz do apito gazua e pé-de-cabra, manda a lei que a equipe se una e se inflame com redobrado vigor e garra, dizendo a si mesma: Vamos passar por cima desse ladrazav.

Passar por cima do afano, não do cadáver do juiz. Passar por cima de suas besteiras. Dar a volta por cima, como diz o sambista Paulo Vanzolini. O Curingão, na opinião do cronista do tobogã, ainda não sabe dar a volta por cima. Até aqui só aprendeu a dar volta por baixo.

Nos salutareis e maravilhosos tempos do Trindade, juiz não era santo. Tinha fraquezas imensas, e a carne fraca. Roubava como gente grande. Pois o Curingão ia lá balançar o véu da noiva. Existem certos gols que nenhum juiz anula, sob pena de cair um raio do céu em sua cabeça. São gols tão claros e transparentes que até Al Capone manda por na súmula. Mas o Curingão deve entrar no gramado disposto a marcar esses gols.

Quadro que entra em campo preocupado com as más intenções do juiz e dos banderinhas já está levando desvantagem. O timão deve fazer de conta que o árbitro é um poço de honestidade, um homem sem nódoa, sem malícia e sem truques. Se for preciso, o timão deve fornecer ao juiz, de mão beijada, um atestado de bons antecedentes e de bom comportamento. Deve dizer aos quatro ventos: Por esse juiz ponho a

mão no fogo. Mesmo sabendo que nada disso é verdade; antes, que é exatamente o contrário.

O timão deve representar o árduo papel de quem acredita na alma imaculada do árbitro e, ao mesmo tempo, deve jogar com a garra de quem tem a mais completa certeza de que o juiz, se puder, irá impedir a vitória alvinegra. Por um sadomasoquismo inerente ao futebol paulista, alguns cartolas e seus asseclas acham que o Curingão não pode ser campeão nos próximos cinco anos. O Curingão campeão acabaria com a festa e poria todos os demais clubes no limbo do esquecimento. Os demais clubes ficariam às moscas. É uma idéia tola e fútil, mas que outra explicação achar para a sistemática indiferente com que são encarados os erros em prejuízo da Sinfônica do Parque?

Muitas vezes me dão cinco minutos de saudosismo e eu me ponho a meditar na figura maravilhosa do Idário. O que fazia o moço? Era um craque da bola? Um diamante ofuscante? Uma estrela de primeira grandeza? Nem isto, nem isso, nem aquilo. Era apenas, com muito orgulho, um trabalhador braçal do seu time. Não via o juiz em campo. Via apenas a bola. Não ouvia o apito. Ouvia o rumor da torcida. Jogava com os olhos da alma e as antenas da emoção. Tinha um radar no peito. Quando o jogo acabava, e só então, é que parava para examinar a canela lanhada e se lembrava de como lhe doíam as juntas do corpo. Só então prestava atenção no juiz. O juiz para Idário era uma figura de retórica, uma caca de mosca no campo. O que bastava para Idário eram a bola e o adversário. Isto, e apenas isto, o preocupava durante os noventa minutos de batalha campal.

Está certo: reclamar do juiz é um direito. Mas é um direito apenas da torcida. Jogador não pode reclamar do juiz. Quando o jogador aceita a carreira da bola, deve saber de antemão que o juiz é o que se chama o osso do ofício.

Na verdade, o cronista do tobogã entende, lastimado e está solidário com o povão, que chia e estrala. Mas aos cartolas do alvinegro ele diz: o Curingão deve pensar menos no juiz, e menos ainda no sapo enterrado. "Teme que acredita que sapo ganha jogo está mal. Esse time não será nunca o Curingão, nem será nunca o timão do povo.

Jogo se ganha contra o juiz, apesar do juiz, ignorando o o juiz.

E deixando os sapos em seus lugares. Quem tem de ir pro brejo é o sapo, não o time.

PSICOTRANSA



Roberto Freire

"Dói constatar que uma necessidade biológica e social pode se converter numa dependência patológica"

É preciso saber morrer o pai, para não cometer suicídio

Como já escrevi aqui muitas vezes, devo aos poetas a claridade que me fez compreender delicados e complexos problemas humanos. Já falamos de Fernando Pessoa (Alberto Caieiro), Belchior e Gil. Agora tenho diante de mim fragmentos poéticos de um jovem de dezoito anos. Somos amigos há muito pouco tempo. Por seu comportamento e jeito, sabia-o poeta, mas não conhecia seus versos. Esses fragmentos do poema incompleto, para mim além de muito belos, colocam melhor a questão do relacionamento paternal do que muitos livros que já li a respeito. Tenho agora algo preciso e suficiente para abordar a questão com meus filhos e com meus clientes, tanto em suas relações com a figura paterna em todos os níveis e, inclusive, como solucionar os riscos do paternalismo no relacionamento entre cliente e terapeuta.

O poeta se chama David Calderone, também toca violão e compõe como convém a todo poeta jovem brasileiro. Como Chico Buarque ele quer conseguir extrair a música contida nas palavras e nas idéias que vive e ama. Mas estuda também Psicologia para dar clareza às suas idéias e liberdade às suas emoções. Ele não me disse nada disso. David apenas escreveu os versos de que falo. Estou inferindo coisas em função do que acredito ser o mister dos poetas e dos psicólogos na sociedade contemporânea. Talvez fique mais evidente o que digo transcrevendo seus versos, nos quais a música não pede sons, mas reflexão no plano sócio-político.

"Hoje me encontrei com meu pai
E doi pensar
O quanto ainda sou filho."
"É preciso matar meu pai
Teu, nossos pais."
"Mas sobretudo é preciso
Sabe-los morrer
Para não cometer suicídio."

Indo de um fragmento do poema para outro, podemos entender as etapas sucessivas das relações paternas e filiais. O poeta não se refere apenas ao pai genético, evidentemente. O significado da palavra pai deve ser entendido em sentido amplo. Dói constatar que uma necessidade biológica e social pode se converter numa dependência patológica, que amor e cuidados paternos podem se transformar em paternalismo. Estamos nos referindo ao paternalismo que impede o amadurecimento pleno da pessoa, ao paternalismo que cria dependência filial nos planos emocional, intelectual e econômico. É desse tipo de

paternalismo do gênero familiar que se chega ao ideológico e ao político. E é deles que se modela e se determina o familiar. Por isso doi, e da dor nasce a revolta e, conseqüentemente, as tentativas de rompimento da dependência.

No segundo fragmento poético a revolta se expressa da única maneira pela qual é possível um ser terminar seu desenvolvimento biológico, emocional e ideológico. "Matar meu pai, teu, nossos pais," significa poder depois ressuscitá-los como nossos irmãos, na primeira e na segunda pessoa do singular e, naturalmente, na primeira pessoa do plural. Sim, porque só quando se consegue a libertação no plural, as libertações no singular tornam-se duradouras e profundas.

Finalmente, no terceiro fragmento, a sabedoria do poeta ressalta como realizar a libertação do paternalismo. Ele sabe que o adulto maduro está pronto para ser pai biológico e que dentro das responsabilidades sociais e na satisfação das necessidades afetivas que isso acarreta, um novo, porém reeditado paternalismo o espregueira e que através de racionalizações ele o vai justificar. Então, "é preciso sabê-los morrer." Como? Primeiro tendo bem clara essa consciência. Depois tentando descobrir uma alternativa de comportamento social e afetivo baseados em visões ideológicas e políticas para um mundo em que a família humana se organize sem a necessidade de dependência chantagísticas nos planos afetivos e econômicos. Quando falo em chantagem, gosto de salientar que certamente são mais culpados e nocivos nesse processo os chantageados que os chantagistas. Daí a sabedoria do poeta propondo "sabe-los morrer", isto é, matando o paternalismo nosso dentro de nós, em lugar de apenas o deles e fora de nós.

Mas a conclusão é que torna o poema profunda e dialeticamente significativo: o risco de que o combate ao paternalismo se transforme num suicídio, ou seja, na fuga à responsabilidade de assumirmos nossos papéis de liderança e de participação ativa nos processos sociais e históricos. Para isso basta não confundir liderança emergente com as outras formas de lideranças impostas, que são paternalistas. Basta também não confundir hierarquia funcional com as outras que são formas de hierarquia impostas, todas paternalistas. E, finalmente, basta não confundir o amor de relação com o amor de posse. Então, não haverá suicídio e, conseqüentemente, não haverá mais genocídios.

8 OU 800 • 7 DA NOITE



REDE GLOBO

O DOMINGO TODO COM VOCÊ.

CINEMA

Mônica Vitti e Claudia Cardinale apanhando e querendo apanhar de homem o tempo todo

Uma fita que deve agradar muito a Nelson Rodrigues

Marcello Fondato deve achar que Nelson Rodrigues tem razão quando afirma que "todas as mulheres gostam de apanhar", já que construiu um filme inteiro baseado nessa premissa. "À Meia-Noite, a Ronda do Prazer" — no Regina e Gazetão — não é, como pode parecer à primeira vista, uma nova versão de "La Ronde" à italiana, mas uma tradicional comédia de costumes, feita na medida de seu quarto estelar: Cardinale, Gassman, Vitti e Gianini.

Monica Vitti apanha muito do marido Giancarlo Gianini e se sente muito feliz. Claudia Cardinale não apanha e por isso sofre muito. É esse o conflito central nessas duas histórias paralelas unidas pelos passos tortuosos do tango que lhe dá o título.

O diretor e roteirista Fondato parece ser mesmo uma pessoa bem informada, tanto assim que não tem nenhum pudor em se apropriar de um recurso dramático que Ettore Scola utilizara em "Ciume à Italiana" (com os próprios Vitti e Gianini). A ação principal transcorre num tribunal onde se apura o possível assassinato do marido de Monica, desaparecido em circunstâncias misteriosas. Os "flash-backs" reconstroem os fatos da maneira tradicional, a não ser pelo detalhe de que Monica interrompe a ação do passado para se dirigir à câmera, falando como se estivesse testemunhando no tribunal.

É um recurso obviamente inspirado no teatro e que deu bons resultados no "Ciume à Italiana" e que funciona novamente aqui, vindo confirmar mais uma vez a reputação que Fondato tem de ser um sub-Ettore Scola. Como este, Fondato começou sendo roteirista de fitas para Vittorio Gassman, não realizando desde então nada importante: um medíocre drama sobre a alta-sociedade envolvida com guerrilheiros (Os Protagonistas, 68) e comédias sem inspiração para Claudia Cardinale (Certo, Certíssimo mais que Provável, 69), Monica Vitti (A Mulher que Inventou o Rebolado, 70), Catherine Spaak (Causa de Divórcio, 71), e os Irmãos Trinity ("A Dupla Explosiva", 73).

Mas o cinema italiano tem isso de bom — mesmo quando realiza um filme de rotina, é sempre rico em observações humanas, detalhes inteligentes, atores virtuosos e diálogos inteligentes. Claudia Cardinale (sempre impecável como se tivesse acabado de sair de um desfile de modas) faz a burguesa que aceita ser jurada do julgamento de Monica. Aos poucos, vai se envolvendo emocionalmente com o caso, revoltando-se diante da insensibilidade do juiz e jurados, impressionando-se com o ardor sexual da ré e se ressentindo com a frieza e indiferença do marido.

O filme começa bem, num ritmo ágil que logo perde o ímpeto para ser concluído de forma previsível (no caso de Monica) e ambíguo (no caso de Claudia). Felizmente, este tango é dançado por experts. A parte masculina tira de letra os passos desta dança que conhece de cor: Gassman como um "nouveau-riche" não muito distante do personagem que fez em "Este Crime Chamado Justiça", Gianini como o pobre diabo de voz rachada que faz com frequência e Renato Pozzetto, com a segurança de quem sabe que em breve também será uma astro.

Mas o filme é basicamente de Monica Vitti, sem dúvida a melhor comediante do momento no cinema italiano. Brigando, apanhando, demonstrando seu amor pelo marido que a agride ("não se mata um homem como ele"), rezando aos santos ("pode não dar certo mas distrai") ou sonada pelas pílulas (a ponto de confundir o marido com um fantasma), ela é o metrônomo certo para o tango deste diretor: uma ronda de prazeres certos e cabíveis, de que Nelson Rodrigues certamente gostaria. R.E.F. (interino)



Pola Vartuk

TELEVISÃO

Mesmo com Maria Fernanda de assistente de mágico, Uri ficou longe do "padrão Globo"

Um Homem do Sapato Branco que entorta colher

Mágico ou paranormal, fraude ou fenômeno, seja o que for Uri Geller, o fato é que ele consertou muitos relógios que estava quebrado, entortou muita colher e deve ter batido recorde de audiência.

Os cinemas estavam vazios, todo mundo ficou diante da televisão que nem bobo gritando "funciona". Enfim, mesmo com Maria Fernanda como assistente de mágico, Uri não está rigorosamente no chamado "padrão Globo de qualidade". É mais coisa do tempo do "O Homem do Sapato Branco", nos deixando aquela desagradável impressão de que se o sujeito é assim tão formidável porque não se dedica a algo mais útil do que entortar colher?

Difícil de engolir mesmo é a moral do fim dominical do "Fantástico". Depois de mostrar os horrores de Hiroshima, o Cid Moreira dando uma de conselheiro sentimental, dizendo que Uri é o homem do futuro, que a força de vontade fará milagres. "Bullshit", diriam os americanos.

A cadeia norte-americana ABC pagou 25 milhões de dólares para o Comitê Olímpico pelos direitos exclusivos de retransmissão dos Jogos. Isso e mais dez milhões de despesas faz com que ela precise vender 35 milhões de dólares em comerciais para não ter prejuízos. Da sua equipe de cobertura das competições fazem parte Mark Spitz (natação) e outros campeões famosos, além da imagem de 32 monitores. Na cobertura da Globo, a primeira coisa a chamar a atenção é a confusão entre as vozes dos narradores originais com a do brasileiro (que sempre parece estar por fora do assunto). E o que mais impressionou é a campeã alemã de natação, a tal Cornélia, um verdadeiro senhor!

É por essa e por outras que a Cadeia ABC na temporada passada conseguiu passar para o segundo lugar em audiência (a 1ª ainda é a NBC) nos Estados Unidos, desmentindo aquela frase famosa: "ponha a melhor coisa do mundo na ABC e ela estará falida em 13 semanas". É um feito comparável à Gazeta de repente superar a Tupi, assim na base do "realismo fantástico".

Seriado sobre Medicina não tem mesmo jeito. Todos têm aquela mesma pretensão de descobrir doenças originais, soluções piegas e personagens clichês. No último "Caso Médico" da Globo havia um exemplo perfeito da mania americana de fazer todo mundo dizer piadinhas engraçadas nas horas erradas. A doente dizia: "O que se pode esperar de uma pianista com esclerose múltipla? Aplausos com os joelhos".

A dublagem nacional é mesmo um desastre. Num filme feito para a tevê ("Ano Difícil", pela Bandeirantes), exibido em 1956 e inspirado em "American Graffiti", todos os personagens falavam giria atualíssima. "Sacou", "Jóia", "Mina", "Pintou", "tô Sabendo", "Ficar na Minha", "É o seguinte menininha", "Levar um Papo". Isto sendo um filme da MCA-Universal que é das que mais cuidam da dublagem. Imaginem as outras!

Os mais atentos já perceberam. "Os Apóstolos de Judas", de Geraldo Vietri, não passa de uma cópia de seu "Nino, o Italianinho". O conflito é semelhante: um homem pobre que ama uma mulher ambiciosa enquanto é amado em segredo por uma mulher humilde. O Homero Cossack chega ao cúmulo de repetir até o personagem do "Nino" (o rival rico). No mais, são personagens típicos de uma vila. Um esforço louvável da Tupi em melhorar seus musicais no seu "Brasil Som", citando pesquisas, colocando Rosemary e Carlinhos Vergueiro como apresentadores (só que ela estava lendo visivelmente) mas ainda ficou longe do programa duplo da Globo para Ataulfo Alves. Nem que fosse pela simpática e pertinente apresentação de Mário Lago.

Na safra de comerciais do mês tem o bonito "Voltei" do cigarro Continental com a música do Roberto Carlos, a Marisa Urban anunciando papel higiênico (quem diria Marisa!), o casal de noivos de porno-chanchada (ela é a Esther Goes) com o marido louco para ir para cama no comercial dos lençóis e um que é puro terror kafkiano, pedindo ao consumidor que pague em dia o ICM. Só que desta vez o melhor é estrangeiro: os albatrozes andando de avião pela Royal Air Maroc.



Rubens Ewald Fº

TEATRO

"Abordagem objetiva da vida e dos problemas de uma classe menos abastada"

Um Concerto nº 1 para Piano e Orquestra muito brasileiro

Concerto nº 1 Para Piano e Orquestra, de João Ribeiro Chaves Neto, é uma peça eminentemente brasileira, com uma abordagem muito objetiva da vida e dos problemas de toda uma classe menos abastada que vive nos subúrbios das cidades brasileiras.

A família, composta de um casal e dois filhos, vive, o dia-a-dia sem pôr em cheque o significado mais amplo de suas vidas, profundamente engravados no sistema, exceção feita a um terceiro filho, que apesar de não aparecer na peça, é o elemento catalisador de uma substancial metamorfose naquele núcleo familiar.

São apresentados na peça os protótipos sociais, quer estejam numa posição de submissão aos padrões de uma época já passada, quer os tenham transgredido e vivem agora os novos padrões vigentes, o que vem dar literalmente no mesmo.

Madalena Nicol tem um desempenho excelente como a mãe que desperta para o mundo, depois de ter perdido um filho jovem, morto por contestar exatamente esse sistema. De uma dona de casa, típica esposa e mãe, inteiramente voltada para as chamadas obrigações familiares, ela amplia o contato com o mundo através das informações que consegue ir colhendo aos poucos. Dionísio Azevedo faz o papel do pai, um típico mini-patriarca cerceador, isolado num mundo de fantasias eróticas e de trinados dos curiós seus amigos, e nos transmite com exatidão a intolerância ao que vai se transformando em torno dele. Regina Duarte faz a filha médica que vive um status social economicamente bem sucedido, e é ela quem tenta internar a mãe dando um diagnóstico implacável de loucura. Liana Duval, engraçadíssima como Da. Consuelo, uma mulher simples e alienada, Aizita Nascimento, Umberto Magnani, Eduardo Andrews, Maria Ylma e Claudio Savietto têm desempenhos corretos.

A direção de Sergio Mamberti dá exatamente o clima que eu chamo de brasileiro. Nenhum recurso além do necessário para dar um clima verossímil ao texto. É isso mesmo. E dentro daquele cenário triste e desbotado, ao som da música de Claudio Savietto, a gente mergulha nesse mundo morno e acomodado, até que alguma coisa aconteça. E a coisa vem simbolizada num piano que desce apoteótica e grotescamente do alto do palco, e ouvem-se os acordes de um concerto redundante de um compositor dos mais redundantes que é Tchaikovsky, e a gente entende que é esse o denominador comum que pode deflagrar alguma coisa por aí. Não será um Gesualdo renascentista, nem um Stockhausen matemático, que valerão para uma massa que absorve desde há muito esse caldo morno que vem esguichado de todos os lados, e muito bem representado nos slides que são projetados nos painéis que compõem a casa de Joana, a mãe.

Quando disse que a peça era eminentemente brasileira, quis dizer exatamente que os recursos usados pela direção são os acessíveis a nós, brasileiros, e não muita coisa rebuscada que se usa por aí, que são absolutamente alienígenas e não dizem nada a ninguém. A peça poderia ser encenada de outro jeito? Certamente, mas acho que assim mesmo é que está bom.



Hella Schwartzkoptf

MÚSICA

"Um pub mais ou menos com as características da famosa Round House

A única boate só de jovens da cidade não vai fechar

O **Bebop a Lula** é a única casa noturna da cidade que possui os requisitos necessários para receber a garotada que até sua inauguração vagava por aí à procura de um lugar onde pudesse finalmente entrar com os jeans, remendados ou não, de smoking, ou até com alguma peça do tradicional uniforme do plano — a falanda — a camisa, no caso.

O **Bebop** foi inaugurado em janeiro de 75 — por uma senhora francesa, da Sabine, verdadeira entusiasta da juventude e de qualquer transação de vanguarda. Sua intenção era fazer viver em São Paulo um **pub** mais ou menos com as características da famosa **Round House** de Londres. E quem conheceu Londres na efervescência dos anos 70, 71, e 72, com certeza conheceu a **Round House**, onde qualquer um que fosse tomar sua cerveja ou brandy poderia ver, numa mesma noite, um **jammig** com Alvin Lee e o extinto Free de Paul Kossof, ou Elton John tocando com o Traffic de Winwood. Há dois anos a **Round House** "esfriou", Londres voltava a ser uma cidade pacata, logicamente se comparada com a de 5 anos atrás, quando tudo o que acontecia em termos de música/contracultura praticamente saía de lá.

No fim do ano passado aconteceu em São Paulo o **Bebop a Lula**, onde se podia sentir, guardadas as proporções, aquilo que aconteceu na velha Inglaterra.

Pelo **Bebop** já passaram quase todas as bandas tupiniquins: Som Nosso de Cada Dia, Humahuaca, a Bolha, Veludo, Burmah, Bicho de Seda e Joelho de Porco. Aliás esse grupos devem muito de sua existência ao **Bebop** e evidentemente a da Sabine, pois seria impossível para essas bandas conseguir contrato para temporada em alguma outra casa, principalmente porque **não existe** essa outra casa. Os Novos Baianos tocam lá quando querem, e são sempre maravilhosamente bem recebidos. No palco do **Bebop** as grandes **jammings** têm até um dia especialmente reservado dentro de sua programação: às segundas-feiras.

Só que agora, com exatamente meio ano de vida, o **Bebop a Lula** está sendo olhado por alguns por um prisma completamente distorcido. Os argumentos mais infames são dirigidos à casa da Sabine, visando ao fechamento do **pub**. Já foi dito até que alguns pais desejariam mesmo de coração ver o **Bebop** fechado. Acontece que lá somente entram crianças maiores de 18 anos, portanto mais prático seria que esses pais trancassem as portas de suas casas. As do **Bebop** vão continuar abertas, conforme autorização da D.D.P. — Divisão de Diversões Públicas, pois o alvará de funcionamento está perfeitamente em ordem e em dia — tudo certinho e dentro da lei.

E na semana passada quem estava sacudindo as paredes do **Bebop** com seu som estralante era o **Sindicato**, grupo liderado por Ricardo Petraglia, que também é o vocalista. Tem ainda Gigante, na percussão; Tadeu, na guitarra; Edu, bateria e Zé Rosalis, contrabaixo. O grupo lançava seu primeiro disco, editado pela Binn Records, gravadora nova, mas que promete esse ano dar grande acolhida ao pessoal da nova safra da MPB. Dona Sabine, finíssima anfitriã, sorria amavelmente para a garotada que se espremia dançando na pequena pista do único **pub** verdadeiro da cidade, onde a cerveja custa 15 cruzeiros, mas se você tiver só cinco, vai beber da mesma maneira.



A banda Sindicato



Sérgio Mello

ARTES PLÁSTICAS

Os tapetes do Centro Campestre não são luxo — a não ser para o herdeiro do chicote

O conforto comerciário, a ética e a estética

Agora que tudo voltou à calma, superadas as polêmicas pelos Cézanne e Modigliani registradas na modesta história dos acontecimentos locais, vamos falar de coisas sérias, por exemplo de ética e estética na esfera social.

O motivo é oferecido pela reunião que teve lugar no dia 14 último para homenagear a diretoria da Fiat, no Centro Campestre do Sesc. Reunidos os capitães da produção e do comércio, num almoço de confraternização, deu-se a possibilidade de se ver de perto e comentar o caso mais importante da Arquitetura (uso o A maiúsculo por distinção da arquitetura-por-modo-de-dizer-mediterrânea) destes últimos tempos: verde e ambiente conjugados em franca harmonia para gozo de tempo livre, naturalmente não dirigido, para facilitar o revigoramento das energias físicas e contribuir a fazer, isto sim, com que os habitantes da grande cidade se relacionem com a vida — como nota o amigo Renato Requiça num documentado ensaio — para não "se transformarem em habitantes passageiros, mais ou menos clandestinos, desta frenética viagem urbana".

Este foi o critério com que o SESC construiu o Centro, orgulho de todos os Paulistas. O arquiteto Botti desenhou o edifício com inteligência, levando em conta a função, porém, ajustando-a numa amplitude e conforto que tende ao imponente. Não sei se ele tomou como exemplo a "comodidade" dos Romanos que, para o povo, edificavam com grandiosidade as Termas, o Coliseu, os Circus, empenhados em proporcionar o máximo de bem estar no entrosamento social, isto é, ética e estética despojadas, com uma política sapiente, e progressista. O planejador teve liberdade e meios para realizar um ambiente que resultou no que de mais digno a Cidade pode mostrar, obra não só de bom gosto e de bom senso, mas proposta de encaminhamento do problema à espera da solução que é (se temos no deserto das idéias avestruzes preocupados em esconder a cabeça para não serem vistos, esconda-as) enfrentar, afinal, para sempre, a decisão de encurtar as distâncias que existem entre as classes que moram uma no zênite e a outra no nadir. Falo das por demais abastadas e das por demais carentes de abastecimento.

Por estas considerações o colunista gostou do discurso do sr. José Papa Jr, presidente do SESC, quando, brilhantemente, opinou a respeito do fato de os pisos do Centro serem atapetados, não por luxo mas para conforto e status dos usuários, e para criar um espírito comunitário conveniente ao aprimoramento e à conscientização social. O dinâmico orador frisou também a preocupação em ornar com obras de arte, como está praticando, a Sede e o Parque do Centro, iniciativa esta colaborante com a finalidade sócio-educativa do empreendimento.

Gostei muito do pronunciamento do Papa, pois durante o aperitivo ouvi críticas à grandiosidade e à elegância do edifício do Botti, "sendo destinado a comerciários". Reconheci, o tal, no costumeiro herdeiro do chicote, mão do dono de Casa Grande, o míope que, por ter o nariz viciado unicamente no cheiro poluído do cofre, não sabia respirar a plenos pulmões o ar perfumado que envolvia uma festa na qual se saudavam os recém-chegados Italianos ao Brasil. O nosso Brasil que, se não vai para frente, como pretende a mal redigida propaganda-TV, pelo menos tem gente que quer participar, ajudando no progresso, e que ajudará sem dúvida a levar o País às metas a que se propõe.



Pietro Maria Bardi

LITERATURA

"...Os que vão dar gargalhadas e os que vão sentir náusea, dó"

Sade, para ser lido agradavelmente por leitores e censores

A primeira informação garantia que a censura à imprensa ia acabar definitivamente. Uma segunda notícia abria a possibilidade de haver pelo menos abrandamento. O terceiro boato aventava a hipótese de que, pela primeira vez, iam ser estabelecidos critérios mínimos de coerência para as canetas dos censores. Resultado: em muitas redações, neste mês de esperanças e ilusões, os cortes foram maiores, mais drásticos e mais incoerentes do que nunca.

Para consolar todos os que acreditaram — e os que não acreditaram no fim deste período medieval a que ainda é submetida uma parte dos jornais e revistas deste país, recomendo vivamente a leitura de uma obra escrita entre 1807 e 1814, mas só recentemente descoberta. (A edição em língua portuguesa é de junho de 75 e só agora começa a chegar às livrarias brasileiras, numa tradução que tem muito pouco de lusitano, podendo, por isso, ser lida agradavelmente por qualquer brasileiro, até mesmo, eventualmente, por um ou outro censor). São dois cadernos do **Diário Inédito**, do Divino Marquês de Sade (Editora Arcádia, Cr\$ 26,00).

Fora os cadernos do diário, onde apesar de um excessivo apego aos detalhes, sente-se o melhor do coração e do cérebro de Sade, há uma elucidativa e bem feita introdução do tradutor, Liberto de Sade, e, finalmente, o melhor do livro, a parte do "censor": é o **Apêndice**, que tem por título "Notícia sobre o estabelecimento consagrado ao tratamento da alienação mental instalado em Charenton, perto de Paris. Por Hippolyte de Collins, antigo oficial de cavalaria."

É um texto escrito em 1812 e também só recentemente descoberto. Nele, o leitor brasileiro vai encontrar, 164 anos depois, pelo menos dois temas muito atuais: a descrição do hospício onde Sade estava internado na época, podendo relembrar alguns dos melhores momentos lidos ou vistos no cinema em **Um Estranho no Ninho** (livro também recomendado) e o pensamento vivo de um censor.

Uma amostra do primeiro caso: "É principalmente no rés-do-chão que se põem os doentes a que os enfermeiros chamam sujos ou querem punir. Ficam quase todos deitados apenas em cima de palha e muitos sem cobertores. Assim é claro que estejam ali muito tempo sem apanharem reumatismo ou desvios, algumas vezes incuráveis."

E uma amostra do segundo caso: depois de "deduzir", em seu relatório, o diretor do hospício por permitir que o Marquês de Sade dirigisse e participasse de espetáculos de teatro, diz o "antigo oficial de cavalaria":

"E para terminar este assunto que me faz sempre fremir, acabarei por certificar, apesar da asserção em contrário do diretor, que o autor de **Justine** anda livre pela casa, que tem pena, tinta e papel à sua disposição, que eu próprio o vi passar fora do estabelecimento, ainda que secretamente, é certo; que vive com uma mulher que diz ser sua filha, e que vários quartos habitados por outras mulheres e pensionários livres rodeiam o seu."

Muitos outros censores, da época, tentaram (e conseguiram) impedir que o Marquês de Sade, pudesse ter não apenas mulher, mas também pena, papel e tinta. E o prefácio de **Diário Inédito** fala de alguns deles, de prefeitos a diretores de hospícios e prisões. O que provaria — se isso pudesse servir de consolo — que a censura nem sempre é exercida apenas e exclusivamente pelos que se submetem a ganhar dessa maneira a sua vida; que, embora tão antiga e tão presente, ela realmente tem fases e momentos e sempre resta uma esperança-desde que se faça força em contrário para que essa fase e esse momento terminem logo, aqui e agora; e, finalmente, que pelo menos os nomes dos censores mais ilustres também passam à história. Ainda que num apêndice e ainda que para os leitores do futuro se dividam, ao ler seus textos, decretos e decisões, em pelo menos duas correntes: os que vão dar gargalhadas as suas custas e os que vão sentir apenas náusea, dó e desprezo.

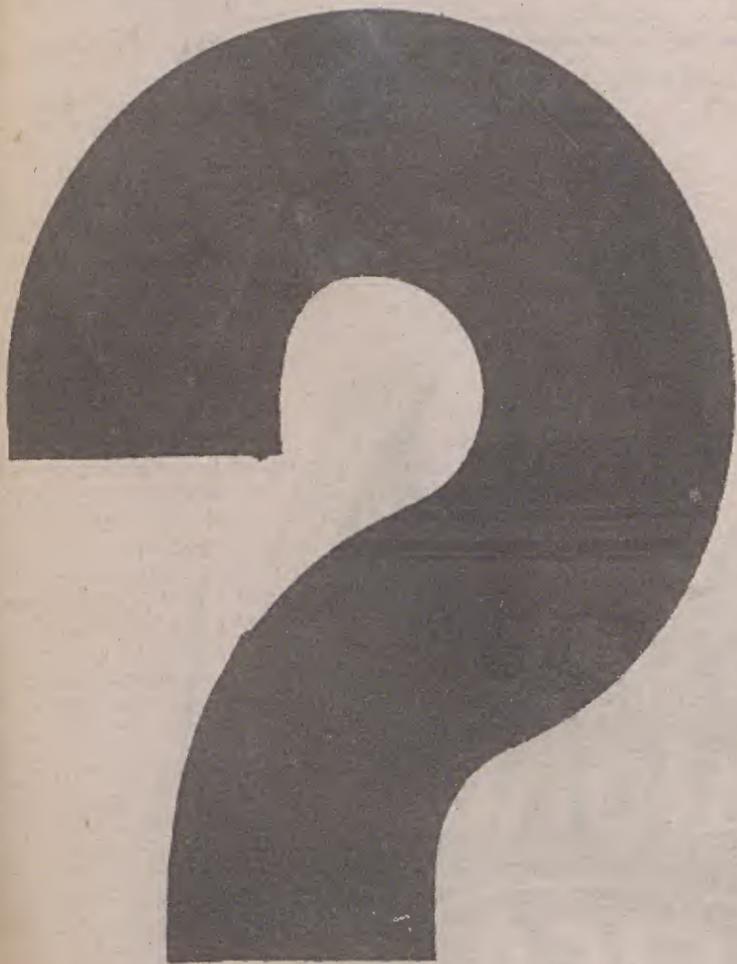


Gilberto Mansur



Uri Geller, o "pode tudo", precisa de um intérprete...

O CHACAL



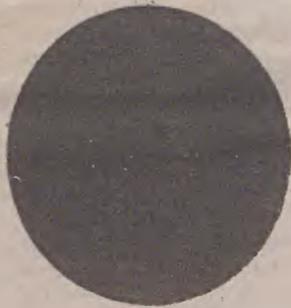
Que bom ter vindo o Uri Geller. Agora está tudo resolvido.



Quero ver é o Uri Geller fazer funcionar o carro do Emerson F.

Uri Geller, que em novembro estará na Cochinchina, garante que a Arena vai vencer estrondosamente.

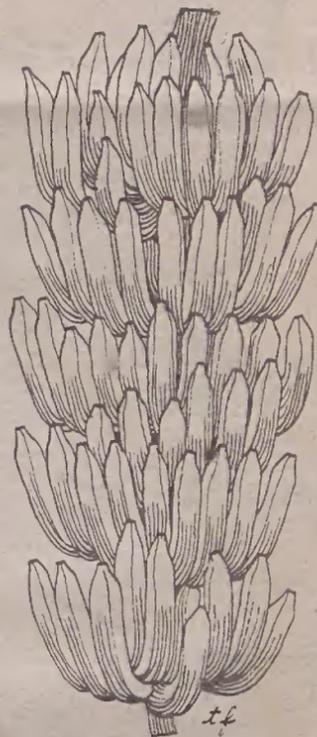
O milagre maior de Uri Geller: ressuscitou Maria Fernanda e Hilton Gomes.



Abrão Lincoln nasceu numa cabana de madeira feita por suas próprias mãos.

"Anote aí: somos 10% de surdos, 10% de mutilados no trânsito, 10% de neuróticos, 10% de cardíacos, 10% de..."

HÁ 100 MILHÕES DE PESSOAS FELIZES NESTE PAÍS. AS OUTRAS 10 MILHÕES É PORQUE NÃO RECEBERAM AINDA A ALEGRE NOTÍCIA.



Milagre: ainda continuam nacionais.

A Associação de Ex-Técnicos do Corinthians aguarda ansiosa a inscrição de um novo sócio.

Dois times de Campinas no "Nacional": prefeito, MDB.

EM CASO DE DÚVIDA, FALE A VERDADE.

Um time de Ribeirão Preto no "Nacional": prefeito, MDB.

Coke names three

Three Coca-Cola USA marketing executives have been appointed vp's of the domestic soft drink division. William Sharp, ad manager; Charles H. Boone, manager-special markets, and Roy G. Stout, market research manager, all receiving the new title. continue with their same responsibilities.



William Sharp

Boa! o crioulo que sumiu na Coca-Cova do Rio reapareceu nos Estados Unidos e foi eleito vice-presidente.

Garantido o vice-campeonato pra Arena.

Este é um país que vai pra frente. O diabo é que a gente fica.

O custo de vida é o ponto alto dessa política aí.

Mostrando o Ibrahim Sued, cada vez mais Fantástico o Show da vida.

Hei, You! Brazilian advertising agency seeks for good native copywriters, layoutmen and account executives. We prefer those that speak portuguese (and its slang, no bad names).

Letters to "Brazil! Brazil! Brazil!" care of this paper.



"O Uri Geller tá demorando um bocado."



©MSP

**Quando a maionese Cica
desfila na sua mesa quem
ganha os aplausos é você.**